

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Letras

Carmem Miriam Maciel Junqueira

**MOVIMENTOS DE ALTERIDADE, RESPONSIVIDADE E RESPONSABILIDADE
EM CARTAS DE HELENA ANTIPOFF AO FILHO**

Belo Horizonte
2021

Carmem Miriam Maciel Junqueira

**MOVIMENTOS DE ALTERIDADE, RESPONSABILIDADE E RESPONSABILIDADE
EM CARTAS DE HELENA ANTIPOFF AO FILHO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Angela Paulino
Teixeira Lopes

Área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa

Belo Horizonte

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

J95m Junqueira, Carmem Miriam Maciel
Movimentos de alteridade, responsividade e responsabilidade em cartas de Helena Antipoff ao filho/ Carmem Miriam Maciel Junqueira. Belo Horizonte, 2021.
155 f. : il.

Orientadora: Maria Angela Paulino Teixeira Lopes
Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Antipoff, Helena, 1892-1974 - Memórias - Crítica e interpretação. 2. Antipoff, Daniel I. 3. Cartas. 4. Análise do discurso. 5. Alteridade. 6. Enunciação (Linguística). 7. Dialogismo (Análise literária). 8. Educadoras – Brasil - História. I. Lopes, Maria Angela Paulino Teixeira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 800.852

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva – CRB 6/2086

Carmem Miriam Maciel Junqueira

**MOVIMENTOS DE ALTERIDADE, RESPONSABILIDADE E RESPONSABILIDADE
EM CARTAS DE HELENA ANTIPOFF AO FILHO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Profa. Dra. Maria Angela Paulino Teixeira Lopes - PUC Minas (Orientadora)

Profa. Dra. Ada Magaly Matias Brasileiro - UFOP (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Kariny Cristina de Souza Raposo - UNIFEMM (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito - PUC Minas (Banca Examinadora)

Profa. Dra. Welessandra Aparecida Benfica - UEMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 28 de maio de 2021.

*A minha família, aos meus professores e
aos meus amigos por todo o incentivo.*

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Maria Angela Paulino Teixeira Lopes, minha querida orientadora, a quem aprendi a admirar, que me acolheu e me guiou por meio de orientações firmes, seguras e sempre abertas ao diálogo.

À Maria Alice Lopes Braga Zouani, funcionária do Museu Memorial Helena Antipoff, que sempre me acolheu, como pesquisadora, com cordialidade, presteza e bom humor.

Ao meu querido colega, Professor Gerson Junio, pela sua incomensurável ajuda na tradução das cartas e pela sua companhia agradável e inteligente nas horas que passamos efetuando as traduções.

À minha querida amiga, Dra. Ana Cristina Santos Alvarenga, artista que se expressa por meio de muitas linguagens, Doutora em Literatura e que colaborou significativamente na tradução das cartas e nas reflexões a respeito da escrita de Helena Antipoff.

Aos professores Dra. Ada Magaly Matias Brasileiro e Dr. Robson Figueiredo Brito que, na qualificação, me orientaram, apontando caminhos para melhor sedimentar o trabalho realizado nesta Tese.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, desde o ensino fundamental até o doutorado.

Ao meu falecido e saudoso pai e à minha querida mãe, pelo amor e carinho eternos.

Evidentemente, há um só meio de escapar ao espetáculo de nós mesmos e da censura de nossa consciência - agir. É necessário agir de tal maneira que a finalidade da ação nunca seja em proveito de nós mesmos, e sim tendo em vista outras plagas e outras vidas. Assim, movidos pela ideia do próximo, deixamos de pensar em nós mesmos. (ANTIPOFF, 1996, p. 172).

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo da constituição discursiva das cartas que Helena Antipoff endereçou ao filho Daniel e tem como objetivo desvelar, por meio do discurso, o modo como se dá a construção do sujeito Helena Antipoff. Para isso foi realizada uma pesquisa de abordagem interpretativa e qualitativa. A técnica escolhida foi a documental, com a utilização de documentos particulares. Vinte cartas que Helena endereçou ao filho, na década de 1930, constituem as fontes primárias pertencentes ao Museu Memorial Helena Antipoff (MMHA), administrado pela Fundação Helena Antipoff, ambos localizados no Município de Ibitaré, em Minas Gerais. O conjunto de cartas endereçadas ao filho revelou um campo discursivo privilegiado para a emergência dos valores, dos afetos, da visão de mundo, enfim, do sujeito Helena Antipoff. Elas foram escritas em francês, segunda língua de Helena e do filho. Os preceitos teóricos orientadores pautam-se nos estudos desenvolvidos por pesquisadores do chamado Círculo de Bakhtin, em diálogo com as contribuições de estudiosos sobre o discurso, advindos da Análise do Discurso. O *corpus* evidenciou a carta pessoal/familiar como um gênero discursivo privilegiado para os estudos da interação discursiva e do dialogismo, com enunciados que, a todo o tempo, buscam uma aproximação entre os interlocutores. Na rede discursiva tecida pelas formações discursivas constitutivas das cartas revela-se uma mulher à frente de seu tempo, implicada pelas questões humanas, sociais, científicas, filosóficas, artísticas e educacionais, não somente do micro, mas além das fronteiras, além-mar. Dessa rede discursiva emergem narrativas de uma mãe, educadora e cientista, movida pelo afeto comprometido com o desenvolvimento do filho. Discursivamente, o sujeito Helena mostra uma consciência participante, um reconhecimento de sua singularidade e responsabilidade de agir de forma não indiferente, em prol dos “outros”. Ela não tem alibi na existência. A análise dos processos discursivos das cartas aponta para um sujeito constituído na movência da alteridade, da responsividade e da responsabilidade.

Palavras-chave: Discurso. Constituição discursiva. Responsividade. Alteridade. Ato responsável.

ABSTRACT

This work presents a study of the discursive constitution of Helena Antipoff's letters to her son Daniel, with the objective of unveiling, through discourse, the way how the subject Helena Antipoff is constructed. To this end, a research using an interpretative and qualitative approach was conducted. The technique chosen was the documental, with the use of private documents. Twenty letters from Helena to her son, in the 1930's constitute the primary sources, which belong to the Museu Memorial Helena Antipoff (The Memorial Museum Helena Antipoff) (MMHA) – administered by Fundação Helena Antipoff (Helena Antipoff Foundation), both situated in the town of Ibirité, in Minas Gerais. The collection of letters to her son revealed a privileged discursive field for the emergence of values, affections, the worldview, in other words, the subject Helena Antipoff. They were written in French, the second language of Helena and her son. The guiding theoretical precepts come from the studies developed by researchers from the so-called Bakhtin's Circle, in a dialogue with contributions from scholars' studies about discourse, from Discourse Analysis. The *corpus* highlights the personal/family letter as a privileged discursive genre for the studies of discursive interaction and dialogism, with utterances, which, all the time, seek an approximation between the interlocutors. In the discursive net woven by the letters' constitutive discursive formations, a woman ahead of her time is revealed, involved with human, social, scientific, philosophical, artistic, and educational issues, not only from the micro, but also from beyond the borders, from overseas. From this discursive net, narratives emerge from a mother, educator and scientist moved by the committed affection to her son's development. Discursively, the subject Helena shows a participant consciousness, an acknowledgement of her singularity and responsibility when acting in a non-indifferent way, when acting for the "others". She has no alibi for existence. The analysis of the discursive processes in the letters point out a subject constituted in the movement of alterity, responsivity, and responsibility.

Keyword: Discourse. Discursive constitution. Responsivity. Alterity. Responsible act.

RÉSUMÉ

Ce travail présente une étude de la constitution discursive des lettres qu'Helena Antipoff a adressées à son fils Daniel, et son objectif est de dévoiler, par le biais du discours, la façon dont se fait la construction du sujet Helena Antipoff. Dans ce sens, une recherche d'abordage interprétatif et qualitatif fut réalisée. La technique choisie fut la documentaire, avec l'utilisation de documents particuliers. Vingt lettres adressées par Helena à son fils dans les années 1930 constituent les sources primaires appartenant au Musée Mémorial Helena Antipoff (MMHA), géré par la Fondation Helena Antipoff, tous les deux situés dans la ville d'Ibirité, dans l'État du Minas Gerais. L'ensemble de lettres adressées au fils révèle un champ discursif privilégié pour l'émergence des valeurs, des affects, de la vision de monde, bref, du sujet Helena Antipoff. Ces lettres ont été écrites en français, deuxième langue d'Helena et de son fils. Les préceptes théoriques d'orientation sont guidés par les études développées par des chercheurs du Cercle de Bakhtine, en dialogue avec les contributions de chercheurs sur le discours, advenus de l'Analyse du Discours. Le *corpus* met en évidence la lettre personnelle/familiale comme un genre discursif privilégié pour les études de l'interaction discursive et du dialogisme, avec des énoncés qui cherchent, en tout moment, une approximation entre les interlocuteurs. Le réseau discursif tissé par les informations discursives constitutives des lettres révèle une femme en avance sur son temps, impliquée par les questions humaines, sociales, scientifiques, philosophiques, artistiques et éducationnelles, pas seulement sur le plan micro, mais au-delà des frontières, outre-mer. De ce réseau discursif émergent des récits d'une mère, éducatrice et scientifique, mue par l'affect engagé dans le développement du fils. Discursivement, le sujet Helena montre une conscience participante, une reconnaissance de sa singularité et responsabilité d'agir de façon non indifférente, en faveur "d'autrui". Elle n'a pas d'alibi dans l'existence. L'analyse des processus discursifs des lettres signale un sujet constitué dans la mouvance de l'altérité, de l'attitude responsive et de la responsabilité.

Mots-clé: Discours. Constitution discursive. Attitude Responsive. Altérité. Act responsable.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACORDA	Associação Comunitária para o Desenvolvimento e Assistência
ADAV	Associação para o Desenvolvimento e Assistência a Vocações de Bem-Dotados
ADD	Análise Dialógica do Discurso
CDPHA	Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
CPDHA	Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FEER	Fundação Estadual de Educação Rural
FEER	Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff
FHA	Fundação Helena Antipoff
ISEAT	Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira
ISER	Instituto Superior de Educação Rural
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MMHA	Museu Memorial Helena Antipoff
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SEEMG	Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1	Introdução	18
2.2	Reflexões a respeito da noção de discurso.	19
2.3	O gênero discursivo	21
2.4	O acontecimento social da interação discursiva.....	25
2.5	O enunciado como lugar da ideologia e da história	30
2.6	O discurso sob a perspectiva dialógica.....	37
2.7	A emergência do ato responsável	41
2.8	O sujeito.....	47
3	CAMINHOS PERCORRIDOS	52
3.1	Adentrando o universo de Helena Antipoff - considerações iniciais	52
3.2	Procedimentos metodológicos	56
3.3	O corpus	59
3.3.1	<i>Descrição das cartas</i>	59
3.3.2	<i>A seleção das cartas</i>	62
3.3.3	<i>A tradução das cartas</i>	63
3.4	O documento monumento	64
3.5	Caminhos percorridos para a elaboração da análise.....	65
4	O DISCURSO DE HELENA EM ANÁLISE	68
4.1	Condições sócio históricas da interação discursiva.....	68
4.2	Constituição discursiva das cartas	69
4.3	As muitas dimensões do agir materno	74
4.4	O agir com responsividade, alteridade e responsabilidade	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	REFERÊNCIAS	100
	ANEXO A - Helena Antipoff: cartas endereçadas ao filho	108

1 INTRODUÇÃO

As pessoas são como plantas: precisam ser cultivadas. Talento e inteligência não são de geração espontânea, mas precedidos de longo trabalho de gerações. Quem será pintor num meio rural, onde a criança nem mesmo tem o direito de usar lápis de cor?
(ANTIPOFF, 1996, p.181).

Esta tese está ancorada na linha de pesquisa Enunciação e Processos Discursivos, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Essa linha de pesquisa estuda os princípios, os mecanismos, as estratégias de produção de sentido, a organização e o funcionamento de processos enunciativos, a estruturação de tipos e gêneros nas práticas discursivas.

O interesse pelo objeto de pesquisa surgiu quando visitei o Museu Memorial Helena Antipoff (MMHA) com meus alunos do primeiro período do Curso de Letras da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Ibirité e tive a oportunidade de conhecer um pouco o acervo do Museu. Posteriormente, retornei ao Museu e comecei a ler os documentos pessoais de Helena Antipoff: correspondências e diários.

Elaborei um projeto de tese para estudar as cartas e os diários de Helena Antipoff utilizando como base teórica a análise do discurso. Quando fiz o processo de seleção para o doutorado na PUC Minas, apresentei um outro projeto, uma proposta para estudar o conceito do feminino numa série de propagandas. Durante a orientação, encaminhei para a minha orientadora, acidentalmente, o projeto a respeito das cartas e dos diários de Helena. Ela gostou muito da proposta e, a partir daí, continuei lendo e estudando as cartas e os diários.

Decidi prosseguir os estudos apenas com as cartas, porque os diários estavam muito fragmentados, escritos à mão e já um pouco apagados, exigindo, também, o trabalho de um calígrafo, o que inviabilizaria a continuidade dos estudos, naquele momento.

Os discursos presentes em documentos tão pessoais como cartas endereçadas a um filho descortinam possibilidades de investigar o sujeito que as escreve. Bakhtin (2019) salienta que, nos gêneros familiares de discurso, dada a proximidade do destinatário com o falante, se observa uma franqueza especial do discurso, o que pode, também, contribuir para uma investigação do sujeito expresso no discurso presente nas cartas.

O objetivo geral deste trabalho é desvelar caminhos que possibilitem conhecer o modo como se dá a construção do sujeito Helena Antipoff, por meio da análise discursiva das cartas que ela endereçou ao filho Daniel Antipoff.

Os demais objetivos: contribuir para divulgar o MMHA como centro de documentação e pesquisa da história da Psicologia e da Educação em Minas Gerais e no Brasil, e preservação da memória de Helena Antipoff; e disponibilizar as cartas traduzidas para estudos futuros, por meio da elaboração de um livro.

A justificativa para desenvolver um estudo dessa natureza se assenta no fato do material documental ser valioso para ser examinado à luz de abordagens discursivas, e relevante para a preservação da memória e do legado de Helena Antipoff. O trabalho aqui realizado poderá contribuir, também, para as pesquisas relativas à História da Psicologia e da Educação no Estado de Minas Gerais.

Conduzi o trabalho considerando que “a linguagem não é transparente, os sentidos não são conteúdos” (ORLANDI, 2015, p. 51). Ainda a respeito da linguagem

A condição da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio, da relação, da falta e do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (ORLANDI, 2015, p. 50).

Os dados são tratados sob o enquadre dos estudos do Círculo de Bakhtin, que formula uma concepção de linguagem baseada na unicidade e eventividade do Ser; contraposição eu/outro e componente axiológico intrínseco ao existir humano, conforme Faraco (2003).

Para Bakhtin (2017), a teoria (mundo da cultura), mesmo sendo abstração da vida, se orienta a partir do vivido, do interior do mundo da vida. Cada ato humano, sejam pensamentos, ideias ou ações são únicos, irrepetíveis, são ações responsáveis. Não há álbi na existência, agindo, ou não, somos responsáveis.

Faraco (2003) esclarece as reflexões de Bakhtin (2017) a respeito do eu/outro e dos valores, enfim, dos eixos constantes e nucleares do pensamento bakhtiniano e seus pares:

O eu e o outro são, cada um, um universo de valores. O mesmo mundo, quando correlacionado comigo ou com o outros, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquetonicamente ativas, no sentido de que elas são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados: é na composição de valores que os atos concretos se relacionam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade, portanto) que cada um orienta seus atos. (FARACO, 2003, p. 22).

Nesta tese estudo as movências do sujeito à luz da relação com a alteridade, a responsividade e a responsabilidade nas cartas que Helena Antipoff endereçou ao filho. O trabalho se insere nos estudos referentes ao sujeito, em diálogo com os estudos do Círculo de

Bakhtin e outros.

Esse tema emergiu a partir do estudo das cartas e da verificação de uma identidade no encontro do “eu” com o “outro”, a explosão de um sujeito marcado pelo compromisso com a ciência, a pesquisa e o trabalho.

Um outro motivo que me mobilizou foi uma certa inquietação e muitas perguntas. Como se distanciar de um filho com dez anos e permanecer longe por nove anos? O que a escrita por meio de cartas representou para a relação mãe/filho? O que pode levar uma pessoa a agir e a realizar tantas obras?

Partindo dessas inquietações, delimitamos o objeto do trabalho: estudar como o sujeito se revela nas práticas discursivas das cartas endereçadas por Helena Antipoff ao filho Daniel Antipoff. Práticas discursivas podem ser definidas como “linguagem em ação, ou seja, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (SPINK, MINCOFF, 2013, p. 26).

De acordo com Brito (2019), “As práticas são flagradas dentro de uma formação discursiva que se efetua com base em um posicionamento do sujeito do discurso, que se deixa apresentar por meio de uma forma de ação contextualizada sobre o mundo (BRITO, 2019, p. 80).

O sujeito se deixa apresentar por meio dos seus enunciados, das suas práticas discursivas e os sentidos são construídos no processo de interação com o outro, mediados por valores social e historicamente definidos.

No início das investigações, fui movida por um questionamento que pode ser assim expresso: A constituição discursiva das cartas que a psicóloga e educadora Helena Antipoff endereçou ao filho pode revelar o modo como se dá a construção de um sujeito na relação da responsividade e alteridade com a responsabilidade?

Tecendo considerações a respeito do *corpus*, lembro que a carta pessoal (ou familiar) como prática discursiva é utilizada no âmbito das atividades privadas/particulares, mas algumas delas se tornam públicas, como é o caso das cartas trocadas entre Helena Wladimirna Antipoff (1892/1974) e seu filho Daniel Iretzky Antipoff, na década de 1930.

Por que essas cartas se tornaram públicas? Elas são fontes históricas da memória discursiva de Helena, assim como seus diários, livros, artigos e correspondências diversas trocadas com amigos, pesquisadores, instituições, governos etc. As correspondências são documentos/monumentos arquivados no MMHA.

Foucault (2009) salienta que a posição da História em relação ao documento mudou.

Digamos, para resumir, que a história, na sua forma tradicional, visava “memorizar”, os *monumentos* do passado, transformá-los em *documentos* e fazer falar esses traços que, por si próprios, muitas vezes não são verbais ou dizem em silêncio coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que, onde se decifram traços deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer no recorte do vazio, aquilo que os homens haviam sido, desdobra uma massa de elementos que se trata de isolar, de agrupar, de tornar pertinentes, de pôr em relação, de constituir em conjuntos (FOUCAULT, 2009, p. 40).

Para realizar este trabalho de tese, procurei pelas cartas, criei critérios para seleção e escolha, isolei, formei um conjunto de vinte cartas, organizei por data, traduzi e analisei. Conforme Foucault (2009), elas se tornaram monumentos.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem interpretativa e qualitativa, de caráter processual, como salienta Spink e Medrado (2013), o que permite evidenciar a dialogia e a intersubjetividade intrínseca do próprio processo de pesquisa.

No limiar deste estudo, investiguei trabalhos de pesquisa já realizados que abordavam a vida e/ou a obra de Helena Antipoff. Encontrei várias publicações nas áreas da Psicologia e da Educação e um trabalho na área de Letras/Literatura. Não encontrei nenhum trabalho na área de Letras/Linguística, então, essa é, também, uma das razões da relevância deste trabalho de tese. No Quadro 1, a seguir, relaciono as publicações encontradas.

Quadro 1 - Quadro geral das publicações a respeito de Helena Antipoff

PUBLICAÇÃO	ÁREA
<i>Helena Antipoff, seus pressupostos teórico-metodológicos e suas ações na educação dos “excepcionais” no Brasil</i> (RAFANTE; LOPES, 2011).	Psicologia. História da educação de crianças com deficiência
<i>Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação.</i> (CAMPOS, 2003).	Biografia intelectual
<i>Helena Antipoff: da orientação sócio-cultural em psicologia a uma concepção democrática de Educação.</i> (CAMPOS, 1992).	Psicologia Educacional
<i>Educação para a liberdade: um projeto de Helena Antipoff.</i> (PINTO; JACÓ-VILELA, 2004).	Psicologia Educacional
<i>Helena Antipoff, uma abordagem pioneira na Educação Especial no Brasil.</i> (ARAÚJO, 2019).	Educação Especial
<i>O ensino de psicologia para educadores em Minas Gerais: a experiência de Helena Antipoff (1930–1987).</i> (CAMPOS; QUINTAS, 2007).	Ensino de Psicologia Educacional
<i>Helena Antipoff: sua vida sua obra.</i> (ANTIPOFF, 1996).	Biografia de Helena Antipoff
<i>Helena Antipoff: psicóloga e educadora - uma biografia intelectual.</i> (CAMPOS, 2012).	Biografia de Helena Antipoff
<i>Helena Antipoff: cartas e diários.</i> (REIS, 2018).	A escrita literária em cartas e diários de Helena de alunas da Escola Rural
<i>Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974).</i> (JINZENJIZA; LUZ; CAMPOS).	Formação de professores
<i>Helena Antipoff e a educação dos “excepcionais”: uma análise do trabalho como princípio educativo.</i> (RAFANTE; LOPES, 2012).	História da Educação. Educação e trabalho.
<i>Helena Antipoff e o ensino na capital mineira: a Fazenda do Rosário e a educação pelo trabalho dos meninos “excepcionais” de 1940 a 1948.</i> (RAFANTE, 2006).	Trabalho e educação
<i>O acervo Helena Antipoff como laboratório de pesquisa sobre a história das ciências da educação.</i> (CAMPOS, 2018).	Acervo Helena Antipoff
<i>O quê os diários revelam: práticas de formação de professores para a escola rural, curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo - Ibité, Minas Gerais, 1956-1959. 2006.</i> (ANDRADE, 2006).	Diários como práticas de formação de professores

Fonte: Elaborado pela autora.

Dada a apresentação do trabalho, passo agora à organização do texto que compreende 5 capítulos.

No capítulo 1, a introdução, apresentei o objeto de estudo contextualmente, delineei o problema, objetivos e a justificativa pela escolha do tema.

No capítulo 2, apresento as fundamentações teóricas adotadas. Considerando as especificidades observadas no *corpus*, busquei aporte teórico com o qual pudesse dialogar e encontrei duas grandes obras que serviram de referência, sendo a primeira, *Para uma filosofia do ato responsável*, de Bakhtin (2017), e a segunda, *Marxismo e filosofia da linguagem*, de Volóchinov (2018). Trata-se do terreno da Filosofia da linguagem, das reflexões acerca do enunciado, da interação discursiva, do dialogismo, do ato responsável e da singularidade.

Além das obras do Círculo de Bakhtin que sedimentam a fundamentação teórica, busquei o diálogo com estudo de pesquisadores dos trabalhos de perspectiva discursiva e dialógica como Sobral (2008, 2019), Faraco (2003) e Dahlet (2015). Orlandi (2015) contribui para sustentar as reflexões sobre o conceito de discurso. Para tratar de enunciado e formação discursiva, recorri a Foucault (2009) e Pêcheux (1990, 1995).

As reflexões a respeito dos gêneros discursivos, da interação discursiva, do enunciado e do dialogismo foram conduzidas em conformidade com Medviédev (2019), Bakhtin (2010, 2015, 2019) e Volóchinov (2018). Uma obra muito relevante na constituição discursiva deste trabalho de tese é *Filosofia do ato responsável*, de Bakhtin (2017), que contribuiu para a análise das cartas, por meio dos estudos sobre singularidade, responsividade, alteridade e ato responsável. Para as reflexões a respeito da noção de sujeito, busquei o diálogo com estudos de Bakhtin e de teóricos que se voltam para as obras do Círculo: Sobral (2019) e Dahlet (2015).

O capítulo 3 trata dos caminhos percorridos, da metodologia utilizada. Nele teço considerações a respeito do universo de Helena Antipoff, com contribuições de Campos (2012). Apresento o MMHA expondo os estudos de Foucault (2009) a respeito do arquivo. Também exponho uma breve história do gênero carta pessoal, recorrendo a estudos de Silva (2002).

Tendo em vista o viés discursivo e dialógico que sustenta o exame empreendido, optei por procedimentos metodológicos que favorecessem o olhar para a pesquisa narrativa, conforme Paiva (2019), de viés biográfico, de abordagem interpretativa e qualitativa. Recorri a Spink e Mincoff (2013) para compreender os princípios e as características de pesquisa qualitativa e quantitativa. Para subsidiar a análise das estratégias textuais e linguísticas que constroem o discurso da autora das cartas, busquei categorias conceituais e analíticas nos estudos de Bronckart (1999). Para melhor compreender como funcionam as modalizações,

utilizei estudos de Koch (2018).

A técnica utilizada foi documental, tendo como fontes primárias as cartas que Helena Antipoff endereçou ao filho Daniel Antipoff na década de 1930, documentos particulares que somente agora são publicizados em português.

No capítulo 4, apresento a análise, à luz dos subsídios teóricos desenvolvidos no capítulo teórico. Nesse capítulo são analisadas as condições sócio históricas da interação discursiva, a constituição discursiva das cartas, as muitas dimensões do agir materno e o agir com responsividade, alteridade e responsabilidade.

Por fim, elaborei as considerações finais, despedindo-me, por ora, e de forma já saudosa, do convívio com o discurso da mãe, da psicóloga, da intelectual, da professora, da educadora, da administradora de projetos educacionais, enfim, de Helena Wladimirna Antipoff.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Visitando o sítio, a convite do Dr. Hélio Alkmim, este lhe perguntou:

- D. Helena, gostou do jardim de meu sítio?

- Em que parte o senhor fará a Escola Rural? Não acha que a área é muito grande para uma só pessoa? (ANTIPOFF, 1996, p. 179).

2.1 Introdução

Tendo em vista o perfil do *corpus* - cartas pessoais/familiares - busquei um arcabouço teórico que propiciasse examiná-las, objetivando responder à pergunta: A constituição discursiva das cartas pessoais que Helena Antipoff endereçou ao filho pode revelar a construção de um sujeito na relação da alteridade com a responsabilidade?

Como este estudo se insere nas pesquisas que se inspiram em estudos ligados à Análise do Discurso de inspiração pêncheutiana e bakhtiniana, inicialmente vou trazer à cena a noção de discurso com a qual trabalho, considerando as reflexões de Orlandi (2015) e de Bakhtin (2019).

Ao aprofundar na análise do *corpus*, observei que, nas cartas, manifesta-se a construção de uma interação dialógica intensa com familiares, amigos, intelectuais de diversas áreas; um posicionamento de ouvir o “outro” e de responder às demandas e necessidades deles; uma unicidade singular; uma alteridade marcada pelo compromisso com o “outro”; segundo um princípio que reúne responsabilidade, responsividade e necessidade de agir.

Considerando as observações acima e pesquisando concepções teóricas para subsidiar a análise do *corpus*, as obras do Círculo de Bakhtin¹ surgem oferecendo subsídios para iluminar o caminho do trabalho aqui realizado. A filosofia da linguagem – busca de um método sociológico para examinar as ciências da linguagem – proposta pelo Círculo permite compreender os movimentos de constituição discursiva presentes na escrita das cartas.

Buscando aprofundamento em alguns conceitos, dialoguei com estudiosos que me permitiram compreender a complexidade das obras do Círculo de Bakhtin. O estudo que Sobral (2019) elaborou a respeito da obra *Para uma filosofia do ato responsável* de Bakhtin (2017) esclareceu a respeito dos conceitos de ato responsável, pensamento participante, singularidade, unicidade e não-álibi.

Com Faraco (2003) estudei as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin, a história dos gêneros discursivos e a filosofia do ato, proposta por Bakhtin. Foram importantes também os

¹ Trata-se de um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que se reuniu regularmente de 1919 a 1929. Os membros do grupo tinham interesse comum pela filosofia e pela linguagem.

estudos de Dahlet (2015) sobre a natureza do sujeito kantiano em Bakhtin e sobre o dialogismo.

Outros teóricos ofereceram subsídios para o trabalho, tais como Orlandi (2015), Foucault (2009) e Pêcheux (1995). Orlandi contribui com a análise da noção de discurso e do funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos. Os conceitos de Foucault sobre o enunciado e a função enunciativa também se mostraram muito relevantes para este estudo. Foucault atribui à formação discursiva um caráter heterogêneo. Pêcheux está presente com reflexões sobre o enunciado e a formação discursiva, lembrando que, diferentemente de Foucault, ele atribui o caráter homogêneo à formação discursiva.

Nessa medida, alguns conceitos teóricos serão examinados, tais como as noções de discurso, de sujeito, de gênero carta pessoal/familiar, de interação discursiva, de dialogismo, de ato responsável, entre outros.

Prossigo, trazendo estudos a respeito da noção de discurso.

2.2 Reflexões a respeito da noção de discurso

A noção de discurso com a qual opero diz respeito às relações dialógicas inerentes às práticas discursivas, fenômeno que, segundo Bakhtin, “penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, tudo o que tem sentido e importância” (BAKHTIN, 2010, p. 47).

De acordo com Orlandi (2015):

[...] no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção de realidade etc. (ORLANDI, 2015, p. 19).

Os discursos mostram que sujeitos e sentidos são afetados pela língua e pela história. Orlandi (2015) apresenta uma definição de discurso: “[...] o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 20). As relações de linguagem, segundo o autor, são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados.

Uma noção de discurso que muito me interessa foi escrita por Bakhtin (2019):

Discurso é a língua *in actu*. É inadmissível contrapor língua e discurso em qualquer que seja a forma. O discurso é tão social quanto a língua. As formas de enunciado também são sociais e, como a língua, são igualmente determinadas pela comunicação (BAKHTIN, 2019, p. 117).

Pensar o discurso como língua em ação significa reconhecer a natureza social do discurso como “efeito de sentidos entre locutores” marcados histórica e socialmente.

Num outro texto, Bakhtin se refere ao discurso como: “[...] a língua em sua integridade concreta e viva [...]” (BAKHTIN, 2010, p. 207). O autor reforça a ideia de que o discurso é ação concreta e viva. Trata-se, também, de marcar a diferença entre língua em uso, no processo de interação (discurso), da língua como objeto da linguística.

O termo “discurso” nem sempre é recorrente na obra de Volóchinov (2018), um dos membros do Círculo de Bakhtin. O autor usa signo ideológico, enunciado, palavra, comunicação discursiva, metaforizando, algumas vezes, o discurso. Vejamos:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas da interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo. Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, bem como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenha, trabalhos críticos, textos que exercem influência determinante sobre trabalhos posteriores etc.). Além disso, esse discurso verbal é inevitavelmente orientado para discursos anteriores tanto do próprio autor quanto de outros, realizados na mesma esfera, e esse discurso verbal parte de determinada situação de um problema científico ou de um estilo literário. Desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

Nessa longa citação o termo discurso é utilizado como comunicação discursiva, e os tradutores² da obra informam que a expressão “discurso verbal” foi traduzida como “enunciado”, no capítulo anterior denominado *Língua, linguagem e enunciado*. Importante ressaltar que Volóchinov afirma que qualquer comunicação discursiva é dialógica. Então, o discurso verbal, assim como qualquer discurso, “responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

Neste trabalho de tese, analiso o discurso presente nas cartas de uma mãe para um filho, bem como os efeitos de sentido entre interlocutores marcados histórica e socialmente. A carta pessoal/familiar é um *locus* discursivo privilegiado para o estudo do discurso, numa perspectiva dialógica, porque, segundo Bakhtin (2019), a proximidade entre o falante e o destinatário (podemos pensar também entre quem escreve e quem lê) gera uma franqueza especial no discurso e “[...] isto se traduz no emprenho voltado como que para a plena fusão do falante com

² Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova América.

o destinatário do discurso” (BAKHTIN, 2019, p. 65).

2.3 O gênero discursivo

O *corpus* deste trabalho de tese é composto por cartas pessoais/familiares; por esse motivo, trago reflexões a respeito do gênero discursivo.

De acordo com Medviédev (2019), “a seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante”. (MEDVIÉDEV, 2019, p. 195). As cartas que Helena endereçou ao filho são orientadas para a vida, para a manutenção da relação mãe/filho, para os acontecimentos diários da vida de ambos, os problemas diversos, como os financeiros, enfim, o único gênero que possibilitava, à época, uma comunicação entre mãe e filho.

Estudos a respeito dos gêneros discursivos têm sido realizados desde a Antiguidade. Bakhtin (2019) chama a atenção para o fato de que

Da Antiguidade até hoje, estudaram-se os gêneros retóricos (demais, as épocas subsequentes pouco acrescentaram à teoria antiga), aí já se deu mais atenção à natureza verbal desses gêneros como enunciados, a tais momentos, por exemplo, como a relação com o ouvinte e sua influência sobre o enunciado, sob a conclusibilidade verbal específica do enunciado (à diferença da conclusibilidade do pensamento), etc. (BAKHTIN, 2019, p. 13).

Também Faraco (2003) trata a questão:

Parece que Platão foi o primeiro a falar de gêneros quando, no livro III da *República*, divide a mimese (isto é, a representação literária da vida) em três modalidades: a lírica, a épica e a dramática. Aristóteles elaborou, na sequência, dois trabalhos importantes de sistematização dos gêneros: na *Arte retórica* propôs e estudou três gêneros retóricos (o deliberativo, o judiciário e o epidídico); e, na *Arte poética*, ele buscou tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, explorando extensamente as propriedades da tragédia e da epopeia (e, segundo se acredita, da comédia no livro II, totalmente perdido). Esses dois trabalhos de Aristóteles foram referências durante séculos na discussão dos gêneros (FARACO, 2003. p. 108-109).

Durante muito tempo, os gêneros literários e retóricos foram estudados como se fossem padrões inflexíveis e suas características formais tomadas como propriedades fixas. Na abordagem de gênero proposta pelo Círculo de Bakhtin, segundo Faraco (2003), os gêneros são enfocados sob o viés dinâmico da produção, da interação no interior de uma atividade social.

Bakhtin (2019) estabelece um vínculo entre a utilização da linguagem e a atividade humana. Para ele os gêneros discursivos são “correias de transmissão entre a história da

sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2019, p. 20), são produtos da interação discursiva, da linguagem em uso, discurso e atividade mutuamente constitutivos.

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2019, p. 11-12).

Segundo Faraco (2003), quando Bakhtin diz que os gêneros são relativamente estáveis, “está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras” (FARACO, 2003, p. 112). Observamos uma concepção de gênero ligada à sociedade e às mudanças pelas quais essa mesma sociedade passa.

Bakhtin (2019) salienta a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, quer orais, quer escritos, e apresenta uma distinção entre gêneros primários e gêneros secundários. Os gêneros primários são representados pelos gêneros da vida cotidiana, não exclusivamente orais, como conversa familiar e narrativas espontâneas. Os gêneros secundários são mais elaborados e utilizados nas atividades científicas, artísticas, políticas, filosóficas, religiosas, midiáticas etc.

Os gêneros primário e secundário são interdependentes. Os gêneros secundários incorporam e reelaboram diversos gêneros primários. De acordo com Bakhtin (2019):

A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários, bem como o processo de formação histórica dos últimos, lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo) (BAKHTIN, 2019, p. 16).

Como os gêneros resultam da atividade humana, da interação discursiva de uma dada sociedade, eles são, também, a expressão de uma certa visão de mundo, de uma ideologia. O estudo dos gêneros discursivos torna-se muito relevante, porque todo o trabalho de investigação de um material linguístico concreto passa pelo gênero, “de onde os pesquisadores haurem os fatos linguísticos de que necessitam” (BAKHTIN, 2019, p. 16).

Para Bakhtin (2019), todos os gêneros são propícios ao reflexo e à refração da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ainda que os muito padronizados sejam menos propícios.

Bakhtin estabelece uma vinculação entre gênero e estilo: “O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2019, p. 18). E continua: “Onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN 2019, p. 21).

Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, teóricos do Círculo de Bakhtin, discutem em seus trabalhos temas ligados à estilística. De acordo com Faraco (2003):

É por esse caminho que podemos entender a argumentação daqueles autores segundo a qual a elaboração estilística da enunciação é uma atividade de seleção, de escolha individual, mas de natureza sociológica, já que o estilo se constrói a partir de uma orientação social de caráter apreciativo: as seleções e escolhas são, primordialmente, tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística, incluindo o vasto universo de vozes sociais” (FARACO, 2003, p. 121).

Os teóricos do Círculo assumem a linguagem como realidade social infinitamente estratificada e, ao mesmo tempo, abrem espaço para o individual. Para eles, considerar as inúmeras vozes sociais, interagir e dialogar com elas é parte do processo de constituição da individualidade.

O estilo é uma característica do gênero. Nas cartas pessoais/familiares, a proximidade com o destinatário (enunciatário) imprime “franqueza especial do discurso”; “confiança no destinatário” e ainda “simpatia”, segundo Bakhtin (2019).

Entretanto, observo que nem sempre é possível verificar, nas cartas pessoais/familiares proximidade e franqueza. Toda relação familiar é próxima? Toda relação de proximidade leva à franqueza? Possivelmente, não. Há não ditos e silêncios presentes, inclusive, nas cartas de Helena, que revelam uma certa “ausência de franqueza”. Por exemplo, um não dito que será apontado nesta tese diz respeito ao possível sentimento de abandono, provocado pela separação entre mãe e filho, por nove anos.

Cito a seguir uma reflexão sobre o endereçamento do gênero:

Portanto, o direcionamento, o endereçamento do enunciado, é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatário são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso (BAKHTIN, 2019), p. 68).

Segundo Bakhtin (2019), os gêneros se constituem de conteúdo temático, estilo e construção composicional determinados pela especificidade de uma esfera de atividade. São produtos da interação social, marcados social e historicamente. Ele os considera relativamente estáveis e heterogêneos.

Para os teóricos do Círculo, a significação envolve sempre uma dimensão axiológica, então, nossa relação com o mundo é atravessada por valores. Faraco (2003), explica que os signos refletem e refratam o mundo, argumenta:

É nesse sentido que os textos do Círculo vão dizer recorrentemente, que os signos não apenas *refletem* o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) *refratam* o mundo. Em outras palavras, o Círculo assume que o processo de transmutação do mundo em matéria significante se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos (FARACO, 2003, p. 49).

O gênero é esse lugar de refração. Segundo Faraco (2003):

E *refratar* significa aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo (FARACO, 2003, p. 50).

No excerto abaixo, podemos observar um exemplo de refração, de diversidade de interpretações:

Carta de 23 de fevereiro de 1936

O livro de que você me fala sobre a Rússia me parece um pouco exagerado. Nós mesmos já vivemos lá até 1924 e podemos julgar um pouco o que é exato e o que parece voluntariamente alterado. Há uma quantidade de coisas que torna a vida de uma pessoa, habituada com a dignidade humana e com a liberdade, intolerável na Rússia. Esses defeitos e abusos já são demasiados grandes para inventar outros. Assim creio que é errado dizer que os sentimentos familiares desapareceram completamente na URSS. É dizer que a natureza humana, naquilo que há de mais instintivo, tenha podido se transformar de um dia para o outro [...] (ANTIPOFF, 1936d).³

Helena apresenta para o filho uma interpretação a respeito das relações familiares no período da Revolução Russa, divergente daquela que o filho leu em um livro, afirmando ainda que o que é exato, foi “voluntariamente alterado”. Ao fazê-lo, ela mostra que as interpretações (refrações) do mundo são diversas, podendo ser alteradas, de acordo com os valores de cada pessoa ou grupo.

Talvez seja a carta um dos gêneros em que mais se manifesta a perspectiva dialógica da linguagem. A carta pessoal/familiar é capaz de promover uma intensa interação discursiva no movimento de ir e vir dos enunciados. O estilo íntimo proporciona um grau elevado de proximidade do falante com o destinatário e o discurso reflete o mundo e refrata os quadros axiológicos.

³Todas as cartas foram traduzidas pela autora, com a colaboração de Ana Alvarenga e Gerson Junio.

2.4 O acontecimento social da interação discursiva

Início as reflexões a respeito da interação discursiva recorrendo à abordagem histórica da linguagem. A origem da linguagem foi estudada por Volóchinov (2013) num ensaio publicado, no Brasil, no livro *A construção da enunciação e outros ensaios*. Trata-se de um estudo do processo de formação da linguagem.

Volóchinov (2013) observa que a linguagem humana não aparece por ação do sobrenatural, tampouco trata-se de uma invenção consciente, e que o homem, por muito tempo, utilizou a linguagem gestual nos processos de comunicação social.

Portanto, a aparição da linguagem articulada não foi provocada pela necessidade de comunicação social, já que existia uma linguagem mais simples, feita de gestos e de mímicas – a linguagem das mãos. É preciso buscar a origem da linguagem sonora nas condições peculiares do trabalho na vida da humanidade primitiva. A essas condições deve também sua origem a arte, que por longo tempo conformou-se na associação indivisível da dança, do canto e da música, com sons de instrumentos rudimentares. Tanto a linguagem sonora quanto essa arte tríplice têm uma base comum: as *ações mágicas* que, aos olhos da obscura e atrasada consciência do homem daquele período, pareciam condições necessárias ao êxito de sua atividade produtiva, e por isso acompanhavam sempre todos seus trabalhos coletivos. É dessa complexa ação mágica, que compreendia tanto movimentos mágicos das mãos e do corpo, quanto gritos mágicos que desenvolveram gradualmente os órgãos de fonação, que se origina a linguagem fônica articulada (VOLÓCHINOV, 2013, p. 137).

A linguagem sonora surge, então, num ritual coletivo, para comemorar uma ação mágica sobre a natureza – o trabalho – que permitiu o acesso do homem ao alimento. Os primeiros elementos da linguagem sonora foram elementos do processo de trabalho, da organização produtiva da sociedade. Em decorrência disso:

[...] a primeira palavra da humanidade foi a que denotou aquilo que abriu o caminho da civilização, aquilo a que devemos o primeiro instrumento de pedra, a primeira linguagem e os primeiros resplendores do intelecto. Esta palavra foi: ‘Mão’, a mão do homem trabalhador (VOLÓCHINOV, 2013, p. 139).

O início da linguagem coincide com o início do trabalho coletivo, da organização e, logo a seguir, da divisão do trabalho, da divisão social, da ideologia cotidiana. A linguagem está relacionada à necessidade humana de comunicação e, desde o início, marca as diferenças sociais relativas à organização do trabalho.

Volóchinov (2018) explica o conceito de ideologia do cotidiano como o conjunto de vivências da vida e expressões ligadas diretamente a elas, diferentemente dos sistemas ideológicos formados - a arte, a moral e o direito. Ainda a respeito do conceito de ideologia do

cotidiano diz ele: “A ideologia do cotidiano é o universo do discurso interior e exterior, não ordenado nem fixado, que concebe todo nosso ato, ação e estado ‘consciente’”. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213).

A organização social do trabalho é determinante no nascimento e desenvolvimento da linguagem, não só no campo dos significados, como também na gramática, conforme esclarece Volóchinov (2013), citando como exemplo o caso de uma tribo que vence outra:

Dessa maneira, o nome de uma tribo dos pelasgos (habitantes pré-históricos da Grécia) – poderosa em seu tempo, mas logo dominada pelos romanos – se transformou em Roma em ‘plebeus’, pessoas de classe inferior. Assim também o nome da tribo dos ‘kolchov’, do Cáucaso, celebrada nas lendas da antiga Grécia, em georgiano tomou o significado de ‘camponês’, escravo’, depois de a tribo ser dominada (VOLÓCHINOV, 2013, p. 140-141).

O exemplo acima diz respeito às representações linguísticas das relações sociais, à predominância da valoração social do ganhador representada na linguagem. Novas práticas entre dominador e dominado fazem surgir novas formas lexicais e sintáticas.

Desde os primórdios da linguagem sonora humana a palavra é dialógica. Já citei reflexões de Bakhtin (2019) a respeito da orientação da palavra para o interlocutor. Volóchinov (2018) também escreve a respeito:

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação do “outro”. Na palavra, eu dou forma ao mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205).

Para Volóchinov, cada palavra é orientada para o interlocutor, toda palavra é produto das inter-relações. No processo de interação com o outro, de fora, do social para o individual, cada indivíduo entra no jogo da linguagem, nesse universo de interações. Construimos os nossos discursos a partir dos “outros” com os quais interagimos: “O mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu auditório social estável” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205).

De acordo com Volóchinov (2018), a linguagem interior e a linguagem exterior são produtos das interações, são sociais. Ele reafirma a formação sociológica da língua:

A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes. As leis de formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos

falantes. As leis da formação da língua são sociológicas em sua essência (VOLÓCHINOV, 2018, p. 224).

Na citação acima, encontramos a base filosófica da obra de Volóchinov (2018), a investigação sociológica para esclarecer os fenômenos ligados à linguagem. A consciência seria organizada no material ideológico da palavra, como parte da existência, uma das suas forças, adquirindo capacidade de agir, fixada em expressões ideológicas estáveis como ciência, arte etc.

Para Volóchinov (2013) e Bakhtin (2019), nós não nos comunicamos por meio de palavras, mas de enunciados. Afirma Volóchinov: “[...] a essência efetiva da linguagem está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais enunciações” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 158). Então, o enunciado é o produto, o resultado da interação social. Interagimos por meio de enunciados que carregam nossos vieses ideológicos. Cabe salientar que, nas obras do Círculo, muitas vezes, “enunciados” equivalem a gêneros do discurso.

Bakhtin (2011) afirma ser “ficção” o esquema de comunicação que propõe dois parceiros da comunicação discursiva: o falante e o ouvinte, sendo o primeiro considerado responsável pelos processos ativos e o segundo pelos passivos. Segundo ele, ambos são ativos no processo de uma comunicação eficiente.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo, é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 270).

Bakhtin (2011) ressalta o papel ativo do ouvinte, do enunciatário. Ao elaborar uma resposta, o ouvinte se torna falante. Então, a compreensão da fala é de natureza ativamente responsiva.

Carta de 13 de janeiro de 1936

Ontem recebi sua carta gentil de Megève. Eu estou muito feliz que você ainda seja tão bem recebido, seja na escola, seja na casa de Tânia. A ausência do próprio lar parece ser compensada pela variedade de moradas onde você é tão bem acolhido. É antes de tudo uma vantagem do que uma desvantagem, a partir do momento no qual você se sinte bem em todo o lugar, não é? (ANTIPOFF, 1936a).

Helena responde a uma carta do filho, analisando uma das falas dele. Ao fazê-lo, elabora um discurso positivo a respeito do acolhimento do filho pelos familiares e amigos. Agindo discursivamente, ela não apenas elabora uma resposta, como também percebe a natureza do que

está sendo dito, percebe o que está acontecendo com o filho - a ausência do próprio lar - e tenta encontrar vantagens, na desvantagem.

Para Bakhtin (2011):

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do início, os enunciados de outros; depois seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão) (BAKHTIN, 2011, p. 275).

A citação acima apresenta uma pista importante para analisar discursos, qual seja, o fato de que todo enunciado tem enunciados que o precedem, como também, como assinala o autor, “Todo enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 272).

Bakhtin (2011) cita três peculiaridades constitutivas do enunciado como unidade da comunicação discursiva: a primeira é “a alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculados” (BAKHTIN, 2011, p. 279-280). A segunda peculiaridade é a conclusibilidade específica do enunciado e a terceira são os gêneros do discurso.

A primeira peculiaridade do enunciado refere-se à alternância dos sujeitos, sendo explicitada como comum a todos os enunciados. A alternância dos sujeitos é mais facilmente compreendida, e muito evidente, no diálogo real e menos evidente em outros gêneros, como artigos, relatórios, dissertações e ensaios, por exemplo.

Bakhtin (2011) salienta:

Complexas por sua construção, as obras especializadas dos diferentes gêneros científicos e artísticos, a despeito de toda a diferença entre elas e as réplicas do diálogo, também são, pela própria natureza, unidades da comunicação discursiva: também são nitidamente delimitadas pela alternância dos sujeitos do discurso, cabendo observar que essas fronteiras, ao conservarem a as precisão externa, adquirem um caráter interno graças ao fato de que o sujeito do discurso – neste caso o autor de uma obra – aí revela a sua individualidade no estilo, na visão de mundo, em todos os elementos da ideia de sua obra (BAKHTIN, 2011, p. 279).

Para o Círculo de Bakhtin, a natureza dialógica da linguagem é um princípio, então, toda unidade da comunicação discursiva é marcada pela alternância dos sujeitos. Ao falar, escrever, representar, tocar, dançar, nós nos tornamos sujeitos, marcados social e historicamente.

A conclusibilidade específica do enunciado é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso. Um critério de conclusibilidade do enunciado é a

possibilidade de responder a ele, de ocupar uma posição responsiva em relação a ele, porque o falante disse tudo o que era necessário. O fim do enunciado é a conclusão do falante e nesse momento ele já pode ser respondido.

A inteireza acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de uma compreensão responsiva, é determinada por três elementos: “1) exauribilidade do objeto e do sentido, 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante, 3) formas típicas composicionais e de gênero de acabamento” (BAKHTIN, 2011, p. 281).

A exauribilidade semântico-objetal é plena em alguns casos, como nos pedidos e nas ordens, nos gêneros muito padronizados, mas em outros campos do conhecimento, como o científico, por exemplo, a exauribilidade semântico-objetal é muito relativa.

O elemento terceiro são as formas mais ou menos estáveis de gêneros. Com relação à escolha do gênero, a intenção discursiva ou a vontade discursiva do falante determina o todo do enunciado, o volume e as fronteiras.

Conforme já citado por Volóchinov, “As leis da formação da língua são sociológicas em sua essência” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 224). Então, a interação discursiva e a vivência na coletividade são relevantes e, possivelmente, determinantes para a formação do sujeito e do seu mundo interior.

Carta de 4 de março de 1934

Comecei um pequeno livro, cujo tema me interessa já há muito tempo e que peguei até como tema do meu Curso de Psicologia durante o ano: o trabalho. O assunto é muito vasto, é o cruzamento de mil problemas psicológicos, econômicos, sociais e morais. Faço votos que faça sucesso, pois eu te o dedico. ‘A Daniel, meu filho’, coloquei no cabeçalho de um manuscrito que só tem uma dezena de páginas, mas que espero avançar. Tal dedicatória me estimula, e o trabalho sobre o Trabalho se faz mais agradavelmente, com mais entusiasmo. É para seus quinze anos esse pequeno presente. Espero terminá-lo durante o ano de 1934. Será publicado em francês, primeiro, depois em português, com sua permissão. (ANTIPOFF, 1934).

No processo de interação discursiva, Helena fala a respeito do trabalho que está realizando e ancora o seu dizer na relação mãe/filho, para explicar a dedicatória. Demonstra respeito ao filho quando submete à permissão dele a publicação do livro e o acalenta, quando diz que o filho serve de estímulo para as ações dela. Ela constrói uma rede de enunciados repletos de valores que exaltam a importância da produção intelectual e do tema escolhido, enlaçando e enredando o enunciatário quase como um coautor.

Sob uma perspectiva histórica, Volóchinov analisa o acontecimento social da interação discursiva e reafirma que a linguagem sonora surge a partir da interação humana e da organização produtiva da sociedade. Para ele, desde a sua origem, a palavra é orientada para o

interlocutor, “Na palavra eu dou forma ao mim do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205). Com o mesmo autor aprendemos que nós não nos comunicamos por meio de palavras, mas de enunciados concretos.

Por meio das interações sociais, o sujeito estrutura sua visão de mundo, seus valores e pontos de vista sobre si e os outros, tendo em vista que o enunciado é o produto das interações sociais e que a vivência na coletividade influencia fortemente a riqueza do mundo interior do sujeito. Volóchinov completa: “A consciência individual é um fato social e ideológico” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 97).

A seguir, vou analisar as noções de enunciado para Foucault (2009) e Pêcheux (1990, 1995), e refletir sobre formações discursivas presentes no *corpus*.

2.5 O enunciado como lugar da ideologia e da história

Foucault (2009) ressalta a importância de um sujeito que exerça a função de autor do enunciado e Pêcheux (1990, 1995) acrescenta o caráter de opacidade do enunciado.

De acordo com Araújo (2014), “A noção de enunciado, para Foucault, tem influência da nova história, da noção de sujeito e Pêcheux, que passa por várias fases dentro da Análise do Discurso, tem sua noção influenciada pela ideologia, pela história e pelo social” (ARAÚJO, 2014, p. 202).

Para Foucault (2009) o enunciado é uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades como proposição, frase e ato de fala. Descrever uma formulação enquanto enunciado consiste em determinar que posição pode e deve ocupar qualquer indivíduo para ser o seu sujeito. Para o autor o sujeito

É um lugar determinado e vazio que pode efetivamente ser preenchido por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter igual ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou antes, é suficientemente variável para poder ou perseverar, idêntico a si próprio, através de várias frases, ou para se modificar com cada uma delas (FOUCAULT, 2018, p. 138).

Para que haja um enunciado, é necessário que haja um autor, um sujeito que exerça a função de autor. Os enunciados se organizam em redes, mantendo relações entre si. O enunciado pode ser repetido, surge na sua materialidade, entra na rede, oferece-se a transferências e modificações e sua identidade se mantém ou não.

Foucault (2009) argumenta que o enunciado se distingue de proposição, frase e ato de fala e está no plano do discurso. A respeito da função enunciativa, o autor ressalta que a

compreensão do enunciado implica explicar o exercício dessa função, sua condição de produção e o campo em que se realiza.

Assim, “O enunciado circula, serve, esquivase-se, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde perante interesses, entra na ordem da contestação e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (FOUCAULT, 2009, p. 150).

Foucault (2009) elabora reflexões a respeito de algumas características do enunciado: transferências e modificações e materialidade repetível. De acordo com o autor, estas características transformam o enunciado num objeto que os homens produzem e manipulam.

Pêcheux (1990) assinala que um mesmo enunciado pode ter diferentes sentidos, que todo enunciado implica outro e faz parte de uma rede de relações. Ele ressalta o caráter de opacidade do enunciado, quando analisa o enunciado, com base na expressão *on a gagné*, que passa a circular reiteradamente, a mídia e nas ruas, logo após a vitória de François Mitterrand, nas eleições para presidente da França.

[...] o enunciado “On a gagné” [“Ganhamos”] é profundamente opaco: sua materialidade léxico-sintática (um pronome “indefinido” em posição de sujeito, a marca temporal aspectual de realizado, o lexema verbal “gagner” [“ganhar”], a ausência de complementos) imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões, etc. – isto é, uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável (PÊCHEUX, 1990, p. 23).

Para Pêcheux (1990), o enunciado é aquilo que foi dito, cujo sentido será estabelecido a partir das relações entre os enunciados.

Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 1990, p. 53).

Pêcheux (1990) considera a materialidade linguística e soma a ela os fatores social, histórico e ideológico, afirmando que as relações sociais influenciam diretamente a ideologia de determinado grupo e aquilo que pode ou não ser dito por determinada pessoa, assim como os efeitos de sentido que podem ser produzidos.

Conforme observado por Araújo (2014),

Bakhtin tem sua noção influenciada pelos conceitos de interação verbal, ideologia e dialogismo. A noção de enunciado, para Foucault, tem influência da nova história, da noção de sujeito e Pêcheux, que passa por várias fases dentro da Análise do Discurso, tem sua noção influenciada pela ideologia, pela história e pelo social (ARAÚJO, 2014, p. 201).

A respeito do conceito de formação discursiva, escreve Foucault (2009):

No caso de ser possível descrever, entre um certo número de enunciados, um sistema de dispersão semelhante, no caso de, entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, ser possível definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), dir-se-á, por convenção, que estamos perante uma formação discursiva – evitando assim termos demasiado carregados de condições e de consequências, inadequados de resto para designar uma dispersão semelhante, como ‘ciência’, ou ‘ideologia’, ou ‘teria’, ou ‘domínio de objetividade’ (FOUCAULT, 2009, p. 75).

Pêcheux (1995) considera a formação discursiva como tudo aquilo que pode ser dito por um determinado sujeito em uma determinada situação.

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Nas cartas em estudo, é possível observar que, quando Daniel tinha onze, doze anos de idade, Helena age, discursivamente, acompanhando, no detalhe, o dia a dia do filho. À medida que o filho amadurece, o que pode e deve ser dito se modifica. Há menos cobranças e mais reflexões. Adapta o seu dizer, mas mantendo o discurso da mãe, da formação discursiva própria de uma mãe, que cuida e acompanha a vida do filho.

Há distanciamentos e aproximações possíveis das concepções de formação discursiva de Foucault e Pêcheux. Foucault (2009) fala de dispersão e regularidade, mostrando o caráter heterogêneo da formação discursiva; Pêcheux (1995), do que pode e deve ser dito, atribuindo um caráter homogêneo à formação discursiva.

Entretanto, há aproximações, conforme Araújo (2014):

Porém, apesar destas diferenças, todos os autores se aproximam ao considerar a língua como espaço da materialidade do enunciado, estes últimos, só terão suas existências garantidas a partir da língua. A língua garantiria através de sua estrutura, de suas regras, de suas normas, o simbolismo. Outro ponto de aproximação é a noção de que todo enunciado sempre se relacionará com outro, seja sendo considerado como um elo numa cadeia, uma rede de relações ou um nó em uma rede. Nenhum enunciado tem existência independente, todos eles mantêm relações com outros enunciados, podem sofrer transformações, sofrem influências etc. (ARAÚJO, 2014, p. 203).

Com o propósito de exemplificar o conceito de formação discursiva recorreremos ao *corpus* e selecionamos algumas delas que emergem dos campos pelos quais transita a

escrevente das cartas. Vale salientar que essas formações não se materializam no discurso de forma apartada e recortada, como poderia parecer, mas ocorrem de maneira interligada, salientando as redes de relações que tecem os discursos que emergem das cartas de Helena:

a) da medicina

Carta de 24 de janeiro de 1937

Você conhece suficientemente a sua anatomia? Quando você me fala de sua tireoide eu tenho a impressão de que você se engana sobre a localização e sobre as sensações que ela te dá. Não são as cartilagens que você sente sob sua mão? É justamente na adolescência que se desenvolve, normalmente, a cartilagem tireoidiana – pomo de adão – e que contribui, provavelmente, na mudança da voz, a menos que você tenha um princípio de bócio”. (ANTIPOFF, 1937a).

Carta de 7 de dezembro de 1936

P.S.: Ainda espero uma foto um pouco mais nítida que aquela que você me enviou da Inglaterra, com suas medidas antropométricas: tamanho em pé, sentado, perímetro torácico e cefálico. Peso e espirometria e dinamometria, se você tiver os aparelhos necessários para essas medidas. (ANTIPOFF, 1936g).

b) da educação

Carta de 7 de dezembro de 1936

Você passará em Beauvallon, certamente fazendo bom trabalho com teus escoteiros, lendo bons livros, meditando-os, praticando esporte e, se eu puder te pedir, tocando violão. Não esqueça também do inglês. Leia Kipling e Dickens, essa leitura, apesar de já estar aquém de suas preocupações espirituais, lhe dará uma boa oportunidade para melhor conhecer a língua.

Depois você escreverá um pouco, eu suponho. Você organizará seus pensamentos, suas experiências e suas reflexões com isso. É muito bom que faça isso, como seu superior recomenda, uma boa ficha de suas leituras e de seus pensamentos em relação às necessidades do escotismo. (ANTIPOFF, 1936g).

Carta de 4 de março de 1934: “Como vão seus estudos? Meu filho, se você precisar de aulas particulares, é melhor fazer durante alguns meses do que repetir o ano. Peça à Marguerite que faça o que for necessário, e peça conselho a um dos seus mestres no qual possa confiar suas dúvidas”. (ANTIPOFF, 1934).

c) da psicologia

Carta de 15 de abril de 1938

Ela gagueja porque quer falar no ritmo, na velocidade comum, normal, digamos, enquanto seu pensamento, sua elaboração de conceitos e sua construção de frase são relativamente mais lentos do que os dos outros. Às vezes ela é, mas esse defeito é secundário. Sua articulação, que ela acreditaria deficiente, também não o é. E, ainda

que for, será um defeito ainda mais secundário. Se principal defeito é a lentidão mental, bem como o pensamento caótico, a inteligência verbal, lógica, racional debilitada, enfraquecida. E, em geral, com isso uma grande emotividade, um amor-próprio baixo e um desejo talvez diminuído. – O que é preciso é muita serenidade, uma sabedoria filosófica, eu diria, muita calma para encarar seus defeitos reais e vencê-los pelo método mais eficaz. O conselho que se dá aos gagos é de falar bastante lentamente, desacelerar consideravelmente o ritmo da locução e, por outro lado, fazer um esforço para desenvolver a linguagem (não a palavra), apagar o vocabulário, treinar com exercícios fáceis, mas bem-feitos, de descrição, de definição, de narrativa simples etc. (ANTIPOFF, 1938b).

Carta de 7 de março de 1938

Fernando tem doze anos, mas seu nível mental quase não ultrapassa quatro anos e meio. Ele sofreu uma encefalite na infância, que passou despercebida. Resta-lhe como vestígio um leve estrabismo, que aumenta muito durante as emoções, e esse retardo profundo de inteligência, que é definitivo, como parece: assim durante os quatro anos que eu pude acompanhar essa criança ele não progrediu, na escala de inteligência de Binet – mais do que quatro meses (um mês por ano de idade). É tão insignificante, que se torna necessário constatar uma parada definitiva nesse aspecto. A menos que o desenvolvimento na puberdade influencie sobre a massa cerebral e provoque um movimento evolutivo. Nós esperamos com ansiedade que você pode imaginar. (ANTIPOFF, 1938a).

d) da administração

Carta de 29 de novembro de 1935

Embora as férias comecem, os trabalhos não parecem diminuir, pelo contrário! Mil coisas aparecem, como uma exposição no Rio, para a qual nos pediram para enviar, da escola e do Instituto, coisas mais ou menos interessantes. Depois os Secretários da Educação e do Interior me pediram para ajudá-los a resolver as questões relacionadas com a educação e delinquência infantil, enfim, sempre muito trabalho a ser realizado. (ANTIPOFF, 1935d).

Carta de 28 de janeiro de 1937

Um grande quadro de madeira, ocupando toda a parede e que será confeccionado de acordo com meu desenho, receberá os cartões móveis para indicar o movimento de cada uma dessas casas de preservação, de reforma e de regeneração. Veremos numa única vez quantas crianças estão internadas, qual é a idade delas, a escolaridade, as ocupações. Veremos se todas estão ocupadas em trabalhos úteis, se todas gozam de saúde, quantas estão doentes, quais são as mais resistentes a melhora e, ao contrário, quais são as que progridem rapidamente. (ANTIPOFF, 1937b).

e) da filosofia, literatura e música

Carta de 29 de novembro de 1935: “Como o fino filósofo Sertillanges [4] se expressou: ‘é necessário ter seu trabalho em frente de si mesmo, como um bloco que a gente talha olhando um modelo divino, não atrás, como um rochedo que rola e que o esmague’”. (ANTIPOFF,

⁴ [...] Filósofo e teólogo francês, especialmente conhecido pelos seus estudos sobre São Tomás de Aquino e por seus escritos sobre Henri Bergson. Exerceu grande influência sobre Etienne Gilson e Jacques Maritain [...]. (SERTILLANGES, 2020).

1935d).

Carta de 7 de dezembro de 1936: “Leia Kipling [⁵] e Dickens [⁶], essa leitura, apesar de estar aquém de suas preocupações espirituais, lhe dará uma boa oportunidade para melhor conhecer a língua”. (ANTIPOFF, 1936g).

Carta de 19 de junho de 1936: “E seu violino, meu tão querido filho, em que pé está? Não o abandone, pois podemos ainda nos alegrar muito com Corelli, Mendelsohn, Mozart [...]” (ANTIPOFF, 1936e).

Carta de 19 de novembro de 1935

Lembro-me de um romance de Pierre Mille [⁷], inclusive com muito sucesso, intitulado ‘O avaro’, se não me engano. É a história, imaginária, suponho, da família de Harpagon, de Molière, que ele acompanha ao longo de várias gerações. Ora, coisa curiosa é que uma lei hereditária alternante caracteriza essa família: há séculos houve uma alternância muito particular: para cada pai avaro, sucedia um filho, ou em geral crianças prodígio e gastadoras, que colocavam toda a fortuna juntada pelo pai, em fuga. E toda vez que os descendentes gastavam o tesouro, a geração seguinte se colocava a aumentá-lo, e assim por diante. (ANTIPOFF, 1935c).

f) da política

Carta de 12 de junho de 1935

Os dias estão cheios de notas sobre a pacificação da Guerra do Chaco. Os pobres e cegos paraguaios e bolivianos, que foram ‘decapitados’ desde 1932, embora um pouco contra eles mesmos, estenderam mutuamente as mãos. Amanhã, para melhor celebrar esse dia, as Igrejas vão soar dia e noite os sinos. O Brasil se sente muito satisfeito, porque foi um embaixador brasileiro que, pelo que parece, efetivou o acordo... até a nova guerra, talvez, para acabar definitivamente. (ANTIPOFF, 1935a).

Carta de 15 de agosto de 1938

As notícias alarmantes que nos trazem os jornais europeus nos fazem temer fortemente um novo conflito mundial. E, então, cada vez mais a convicção afirma-se de que o melhor a fazer é deixar este continente antes que a tragédia se inicie realmente. Então será difícil deixar o país e vir aqui, pois as massas vão se precipitar e será uma fuga. (ANTIPOFF, 1938c).

⁵ [...] autor e poeta britânico [...] É considerado o maior "inovador na arte do conto curto"; os seus livros para crianças são clássicos da literatura infantil; e o seu melhor trabalho dá mostras de um talento narrativo versátil e brilhante. (KIPLING, 2020).

⁶ [...] foi o mais popular dos romancistas ingleses da era vitoriana. No início de sua atividade literária também adotou o apelido Boz. A fama dos seus romances e contos, tanto durante a sua vida como depois, até aos dias de hoje, só aumentou. [...] contribuiu em grande parte para a introdução da crítica social na literatura de ficção inglesa. (DICKENS, 2020).

⁷ [...] escritor e jornalista francês [...] Seu nome continua ligado ao Prêmio Pierre Mille de melhor reportagem, concedido pelo French Overseas Press Syndicate e que visa premiar um jornalista da imprensa escrita ou audiovisual de língua francesa. [...] (MILLE, 2020).

Carta de 23 de fevereiro de 1936

Tenho amigos, antigos colaboradores, mas eles temem escrever para o estrangeiro, para não serem considerados como vis contrarrevolucionários. É esse o lado mais desprezível da Rússia Soviética, este medo sem razão por um erro que não cometemos. O terror é a palavra. A ditadura é outra – das mais revoltantes para a dignidade humana e a liberdade de um cidadão. Isso, de fato, não conseguimos engolir facilmente e, por isso, papai teve razão de nos fazer vir para a Europa, depois de ele mesmo ter vindo, com outros intelectuais, por vontade dos bolcheviques, que os consideravam como homens livres e, portanto, demasiado perigosos. (ANTIPOFF, 1936c).

A rede que tece as formações discursivas concorre para a heterogeneidade e a diversidade do discurso de Helena. Formação discursiva é aqui compreendida numa concepção interdiscursiva, como espaço estrutural aberto. De acordo com Charaudeau e Maingueneau (2016):

A maneira pela qual se apreende uma formação discursiva oscila entre uma concepção *contrastiva*, na qual cada uma é pensada como um espaço autônomo que se coloca em relação a outros, e uma concepção *interdiscursiva*, para qual uma formação discursiva apenas se constitui e se mantém pelo interdiscurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 242).

Para Foucault (2009) a formação discursiva é contrastiva e, para Pêcheux (1995), interdiscursiva. Nos excertos acima encontramos indícios de pertencimentos a formações discursivas diversas que põem à mostra os diálogos com a medicina, literatura, psicologia, educação, filosofia, música, política.

As formações ideológicas, onde se formam as formações discursivas, determinam o que pode e deve ser dito. Orlandi (2015), tradutora e estudiosa de Pêcheux, assim define formação discursiva: “[...] aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada - determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41).

As cartas foram escritas na década de 1930, período entre guerras. Quem as escreveu foi uma mulher russa, que exercia um trabalho raro para as mulheres da época: professora, pesquisadora e administradora educacional. Ela deixou a Rússia para sobreviver, tendo ido, inicialmente para a Alemanha, onde estava seu marido e, posteriormente, para Genebra, onde trabalhou no Instituto Rousseau. Veio trabalhar no Brasil em 1929, deixando o filho na França.

Nessa conjuntura sócio histórica, durante nove anos, correspondeu-se com o filho, até conseguir trazê-lo para o Brasil. Trata-se de um longo processo de “maternidade a distância”, quando a linguagem, o texto, precisa educar, expressar afeto e acolhimento, cuidar da saúde, acompanhar as condições financeiras, tudo isso marcado pelo que pode e deve ser dito.

Nos excertos das cartas em que se percebem indícios de pertencimento ao campo da medicina, encontramos um sujeito que demonstra conhecimento da anatomia humana, falando com propriedade também a respeito de medidas antropométricas. Trata-se de uma articulação discursiva própria de um sujeito que estudou anatomia. Helena iniciou os estudos do Curso de Medicina e, posteriormente, transferiu-se para Psicologia.

A formação discursiva pertencente ao campo da educação se mostra na valorização da literatura, do aprendizado de línguas, do escotismo e do reforço escolar. A formação discursiva da administração educacional ressalta o trabalho com os projetos educacionais que priorizam o planejamento, a execução e a avaliação.

Nas formações discursivas pertencentes aos campos da Psicologia, da Literatura e da Música estão presentes as orientações, os exemplos e a referência à alegria que a música pode proporcionar. Por último, na formação discursiva pertencente ao campo da política, observa-se o acompanhamento dos acontecimentos, a análise crítica, o receio e a descrença.

É possível dizer que há traços comuns a todas as formações discursivas selecionadas que apontam para um sujeito intelectual, pesquisador, administrador, amante das artes, da cultura e dos esportes e que analisa criticamente a política.

A seguir vou tecer reflexões sobre o dialogismo, princípio basilar do quadro teórico que orientará a análise.

2.6 O discurso sob a perspectiva dialógica

A linguagem surge em razão da necessidade humana de interação. Inicialmente formou-se do material de gestos, expressões faciais e corporais; em seguida, de material sonoro. Bakhtin elabora uma nova perspectiva a respeito da linguagem humana e, segundo Costa (2015),

O conceito de linguagem que emana dos trabalhos desse pensador russo está comprometido não com uma tendência linguística ou uma teoria literária, mas com uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção instauração do sentido, resvala pela abordagem linguística-discursiva, pela teoria da literatura, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entrecidas e ainda não inteiramente decifradas (COSTA, 2015, p. 88).

Sobral (2008) explica a respeito da influência de Hegel em Bakhtin:

Bakhtin, aproximando-se de Sartre e Heidegger, reformula o “em-si” e para-si” hegelianos em termos de condição humana segundo as categorias “eu-para-mim”, “eu-para-o-outro” e “outro-para-mim”. O eu-para-mim é, naturalmente, o eu enquanto voltado para si mesmo; o “eu-para-o-outro” se refere à iniciativa do sujeito de

aproximar-se de outros sujeitos, numa espécie de “saída de si”; e o “outro-para-mim” se refere à iniciativa do outro de aproximar-se do eu, também uma espécie de “saída de si” (SOBRAL, 2008, p. 229).

O dialogismo é um conceito que desempenha papel fundamental no conjunto de obras do Círculo de Bakhtin, especialmente em Volóchinov, que diz: “o discurso humano é um fenômeno bilateral: a existência de todo enunciado pressupõe não só a presença de um falante como também de um ouvinte” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267).

Tanto a linguagem interior, quanto a linguagem exterior estão orientadas para o outro, até mesmo a construção dos pensamentos mais íntimos, que se movimentam no fluxo do mundo. Volóchinov (2019) argumenta:

Ousamos afirmar de modo categórico que até esses discursos verbais íntimos são inteiramente dialógicos e inteiramente penetrados pelas avaliações do seu ouvinte ou do auditório potencial, mesmo que o pensamento sobre o ouvinte não tenha ocorrido ao falante (VOLÓCHINOV, 2019, p. 274).

A palavra nasceu dialógica, surgiu no processo de interação discursiva, então, todas as nossas interações, sejam íntimas ou sociais, são dialógicas, estão voltadas para o “outro”, buscam uma compreensão ativa responsiva do “outro”.

Volóchinov (2018) tece reflexões a respeito do diálogo compreendido de forma mais ampla:

Obviamente, o diálogo, no sentido estrito da palavra, é somente uma das formas de interação discursiva, apesar de ser a mais importante. No entanto, o diálogo pode ser compreendido de modo mais amplo não apenas como a comunicação direta em voz alta entre pessoas face a face, mas como qualquer comunicação discursiva, independentemente do tipo (VOLÓCHINOV, 2018, p. 219).

O dialogismo está presente em todas as relações humanas, desde um bate papo até uma nas grandes obras literárias. Onde há linguagem, há dialogismo.

Bakhtin (2010), a partir do estudo do romance de Dostoiévski, oferece contribuições relevantes acerca do dialogismo. Uma delas diz respeito ao estudo da técnica, do modo como o escritor teceu a narrativa, dando voz aos personagens, fazendo com que estes reflitam intensamente sobre si mesmos e sobre os “outros”. Bakhtin atribui a Dostoiévski a criação do romance polifônico e afirma que o romance polifônico é inteiramente dialógico: “Estamos convencidos de que só Dostoiévski pode ser reconhecido como o criador da autêntica polifonia” (BAKHTIN, 2010, p. 39).

A outra contribuição dos estudos de Bakhtin (2010) sobre o romance de Dostoiévski é o arcabouço teórico sobre o dialogismo e as relações dialógicas:

As relações dialógicas – fenômeno bem mais amplo do que as relações entre as réplicas do diálogo expresso do diálogo expresso composicionalmente – são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância (BAKHTIN, 2010, p. 47).

Em uma das passagens do estudo sobre Dostoiévski, Bakhtin observa que o escritor não fala do herói, mas com o herói, estabelecendo uma orientação dialógica coparticipante e assim levando a sério a palavra do outro como posição racional, com mais de um ponto de vista. “E essa atividade, que aprofunda o pensamento alheio, só é possível à base de um tratamento dialógico da consciência do outro, do ponto de vista do outro” (BAKHTIN, 2010, p. 78).

Brait (2015) elabora uma análise muito pertinente a respeito do dialogismo proposto pelo Círculo:

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos. E aí, dialógico e dialético aproximam-se, ainda que não possam ser confundidos, uma vez que Bakhtin vai falar do eu que se realiza no nós, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem (BRAIT, 2015, p. 94-95).

Para exemplificar a citação de Brait, trago uma fala de Bakhtin: “Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos” (BAKHTIN, 2010, p. 329).

Segundo Faraco (2003), Bakhtin pensa o mundo como um simpósio universal, onde todos possam ter voz, dialogar, ser ouvidos de modo que as subjetividades possam exercer a plenitude delas.

O monólogo do ator, o discurso do orador, a palestra, são monológicos apenas na aparência, segundo Volóchinov: “Já em sua essência e no todo da sua construção estilística e semântica, eles são *dialógicos*” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 273).

A linguagem é dialógica, cada enunciado busca por respostas que se constituem na responsividade. Assim argumenta Volóchinov (2019),

De fato, todo enunciado – do orador, do palestrante etc. – leva em conta um ouvinte, isto é, sua *compreensão e resposta* (é claro que não se trata de uma resposta imediata, pois não se pode interromper o orador ou o palestrante com suas observações responsivas), sua concordância ou discordância, em outras palavras, a percepção avaliativa do ouvinte (“auditório”) (VOLÓCHINOV, 2019, p. 273).

A responsividade - busca da resposta do “outro”, orientada para outra pessoa, inevitavelmente considera a inter-relação sócio hierárquica e o grau de proximidade que existe entre os interlocutores. É nesse complexo ambiente de busca e produção de sentidos, de avaliações, de omissões, de interditos, de poder, de afeto ou desafeto, que são produzidas as relações dialógicas, a interação humana.

No capítulo 4 examinarei como as relações dialógicas penetram toda a linguagem das cartas. Helena “dá voz” a muitos “outros”, não apenas porque age com alteridade, considerando o outro como diferente, e respeitando-o, como também porque vê o mundo como um grande simpósio universal.

Carta de 19 de novembro de 1935

Você não pode imaginar como Belo Horizonte se transformou desde sua estada aqui em 1930. Esses cinco anos para uma cidade jovem como é Belô são a mesma coisa que para uma criança de cinco anos: neste curto intervalo, a fisionomia muda completamente. O provérbio tem razão ao dizer que o sofrimento serve para alguma coisa: a revolução de 30 destruiu uma quantidade de casebres que davam um ar miserável à cidade. Hoje o sol crivado pelas balas (os obuses eram raros) está coberto de belas casas bem modernas e de um estilo realmente sóbrio e elegante ao mesmo tempo. A cidade está muito bonita, e um bem-estar é respirado por toda parte (não fecho os olhos para lados ainda bem tristes e miseráveis, mas espero que a municipalidade tome as medidas necessárias para restaurar esta injustiça que coloca tanta gente em um estado de pobreza, de miséria e de abandono terrível). (ANTIPOFF, 1935c).

Helena apresenta para o filho a nova Belo Horizonte, após revolução de 1930, enfatizando os aspectos positivos da reconstrução da cidade. Observe-se que o olhar dela leva em conta a outra realidade da cidade, habitada pelos pobres abandonados.

Carta de 29 de novembro de 1935

Quando, em uma das suas cartas, você escreveu que “teve os escoteiros nas costas da manhã até a noite”, eu senti um pouco de tristeza. Jamais se pode fazer um bom trabalho quando há algo “nas costas”. Como o fino filósofo Sertillanges se expressou: ‘é necessário ter seu trabalho em frente a si mesmo, como um bloco que a gente talha olhando um modelo divino, não atrás, como um rochedo de rola e que o esmague’. Por mais difícil que seja o trabalho, não é necessário que o homem que trabalha seja curvado sobre a terra como um escravo acorrentado. Veja bem, meu filho, qual é a sua verdadeira atitude e trate de mudá-la, se ela não é a que você deve ter para ser digno do trabalho. (ANTIPOFF, 1935d).

Helena responde a uma carta do filho, trazendo para o texto, na íntegra, uma fala dele. Ela convoca o filósofo Sertillanges para ajudá-la na reflexão com o filho. Trata-se de uma “conversa a três”, um despertar da consciência de si, no verbal, apoiado no “nós”, à semelhança do sujeito kantiano. O “outro”, no caso o filósofo, para fundamentar uma consciência coletiva, um “nós”, abrangendo o próprio filósofo, ela e o filho. Há uma intensa dialogização enunciativa, um diálogo com a alma e com os atos.

2.7 A emergência do ato responsável

Para uma filosofia do ato responsável - PFA⁸ - de Bakhtin, foi escrito na década de 1920. Essa obra densa instigou o trabalho por mim realizado nesta tese. A cada releitura da obra encontramos temas instigantes. Singularidade, ato responsivo e responsável, pensamento participante e, finalmente, não-álibi na existência são reflexões que, certamente, fazem parte do tecido discursivo das cartas do nosso *corpus*.

Com relação ao estilo de PFA, Amorim (2018) tece as seguintes considerações:

O estilo de PFA apresenta, entre outras, uma característica marcante: ele é repetitivo. Parece que Bakhtin está sempre dizendo a mesma coisa com palavras ligeiramente diferentes. Essa impressão é e não é verdadeira. Ele avança por repetições, isto é, voltando sempre ao cerne do raciocínio e à tese central. Mas, a cada retomada, é como se esse cerne se ampliasse, ganhasse novas consequências, abrangesse novas esferas e, assim, ampliasse sua significação. Cabe lembrar de que se trata de um manuscrito e que, antes de mais nada, Bakhtin escrevia para ele mesmo. (AMORIM, 2018, p. 21).

A respeito do conceito de ato ético ou ato responsável apresentado por Bakhtin, Sobral (2008) afirma tratar-se de

[...] uma proposta de estudo do agir humano no mundo concreto, mundo social e histórico e, portanto, sujeito a mudanças, não apenas em termos de seu aspecto material, mas das maneiras de os seres humanos o conceberem simbolicamente, isto é, de o representarem por meio de alguma linguagem, e de agirem nesses termos em circunstâncias específicas (SOBRAL, 2008, p. 224).

A proposta de Bakhtin é estudar o agir humano na sua singularidade e na sua generalidade, no mundo concreto, social e histórico. Segundo Bakhtin (2017),

Cada um dos meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada

⁸ Sigla empregada por Faraco (2010) referindo-se à obra *Para uma filosofia do ato responsável* pontuada no posfácio de sua tradução.

experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (BAKHTIN, 2017, p. 44).

Do ponto de vista de Bakhtin (2017), o meu ato singular diz respeito aos meus pensamentos e às minhas ações concretas, porque para o autor “eu ajo com toda a minha vida”. Ele destaca a singularidade de cada sujeito e a responsabilidade de cada sujeito com relação às muitas formas de ação: ação-visão, ação-pensamento e ação-fazer prático.

Ele analisa possíveis diferenças entre o mundo da cultura e o mundo da vida, dizendo que este é o mundo em que cada um de nós vive, cria, conhece, contempla e morre, o mundo da singularidade e do irrepetível. Aquele é o mundo do domínio abstrato.

Para explicar a relação entre o mundo da cultura e o mundo da vida, Bakhtin (2017) recorre ao Deus romano Jano bifronte, que tem duas cabeças e um corpo e, por isso mesmo, olha em duas direções opostas. Então, existe um momento em que o mundo da cultura e o da vida precisam se unir em um único corpo. Assim ele explica:

O ato deve encontrar um único plano unitário para refletir-se em ambas as direções, no seu sentido e em seu existir; deve encontrar a unidade de uma responsabilidade bidirecional, seja em relação ao seu conteúdo (responsabilidade especial), seja em relação ao seu existir (responsabilidade moral), de modo que a responsabilidade especial deve ser momento incorporado de uma única e unitária responsabilidade moral. Somente assim se pode superar a perniciosa separação e a mútua impenetrabilidade entre cultura e vida (BAKHTIN, 2017, p. 43-44).

Para Bakhtin (2017), a pretensão universalizante das correntes teóricas não atinge o singular, o único, o ato particular. Então, ele “cria uma filosofia primeira que leve em conta o evento, o acontecimento historicamente real e singular” (FIORIN, 2011, p. 207). Observamos que ele não se coloca contra o pensamento abstrato, mas contra o teoricismo.

E acrescenta:

É necessário reconduzir a teoria em direção não a construções teóricas e à vida pensada por meio destas, mas ao existir como evento moral, em seu cumprir-se real – à razão prática – o que, responsavelmente, faz quem quer que conheça, aceitando a responsabilidade de cada um dos atos de sua cognição em sua integralidade, isto é, na medida em que o ato cognitivo como *meu* ato faça parte, com todo o seu conteúdo, da unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo e realizo atos (BAKHTIN, 2017, p. 58).

Na filosofia proposta por Bakhtin (2017), cada sujeito é responsável por seus pensamentos, pelos seus atos cognitivos e por suas ações práticas. E essas ações práticas são sucessões de atos concretos, singulares e irrepetíveis que só acontecem uma vez. Esses atos únicos, singulares, têm elementos comuns com outros atos e por isso fazem parte do *ato* como

categoria maior, soma de todos os atos.

De acordo com Sobral, “O ponto alto da proposta de Bakhtin sobre o ato são os agentes, os sujeitos concretos que realizam atos” (SOBRAL, 2008, p. 228). As implicações disso podem ser apreendidas no modo como o agente age numa situação concreta, limitado pelas práticas sociais e históricas do seu grupo, e determinado por uma intencionalidade.

Esse sujeito concreto tem, na base da sua consciência, um reconhecimento real da sua própria participação no existir como evento singular, vivenciado. A origem do ato e de todas as categorias do dever concreto, singular e irrevogável é essa consciência. A singularidade do ser implica que tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por outra pessoa. É essa singularidade que me obriga a agir de forma responsável.

Então,

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigação singularidade. É essa afirmação do meu não-álibi no existir que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2017, p. 99).

A singularidade do existir é irrevogável, cada existir é único, sendo esse fato o meu não-álibi no existir que está na base do dever concreto.

O dever encontra a sua possibilidade originária lá onde existe o reconhecimento do fato da unicidade da existência de uma pessoa e tal reconhecimento vem do interior dela mesma, lá onde esse fato se torna o centro responsável, lá onde eu assumo a responsabilidade da minha própria unicidade, do meu próprio existir (BAKHTIN, 2017, p. 99).

O ato responsável é, então, o ato baseado no reconhecimento dessa obrigação singularidade, do não-álibi no existir. Somos responsáveis por nossos pensamentos, sentimentos e ações em todas as circunstâncias, agindo ou deixando de agir.

Em todo o tecido discursivo das vinte cartas do *corpus* há a expressão da consciência da responsabilidade da enunciativa perante a existência. Ao expressar a sua singularidade, sua participação única no existir, Helena cobra de si mesma, e do filho, ações para o desenvolvimento biopsicossociocultural dele. Um exemplo retirado da carta de 19 de junho de 1936 pode exemplificar: “E seu violino, meu tão querido filho, em que pé está? Não o abandone, pois podemos ainda nos alegrar muito com Corelli, Mendelsohn, Mozart [...]”. (ANTIPOFF, 1936e).

Helena age e propõe ações para si mesma e para Daniel, no sentido de amparar o “outro”. Ser capaz de promover isso não seria uma forma de arte? No momento da publicação da obra

Para uma filosofia do ato responsável Bakhtin buscava tratar de arte, - ato estético e ético.

Carta de 17 de fevereiro e 1936

Obrigada, filho gentil, por seu presentinho para 1936. Ele me agradou muito, sobretudo porque você se lembrou do meu desejo de ter, para nossos escoteiros, o modelo do novo Nitap [⁹]. - Abandonei um pouco os escoteiros, por ora. Muita coisa ao mesmo tempo prejudica as mais importantes. Como os escoteiros já tinham, graças a nós, um bom Chefe Geral do Estado, descansei um pouco, abandonando-os. Soube, no entanto, que esse Chefe não dá o tempo nem os cuidados necessários à obra, e creio que devo, novamente, ajudá-los um pouco mais do que fiz neste último ano. (ANTIPOFF, 1936b).

Helena, mesmo com muitos afazeres, sente-se interpelada a agir quando diante de uma situação que não está sendo conduzida de acordo com seus preceitos, o que aponta para a exigência do seu ato, uma vez que ela não tem *álibi* para não o fazer.

O discurso expresso nas cartas não apresenta desculpas para não agir, ao contrário, está repleto de argumentos para justificar a necessidade do agir.

Carta de 9 de março de 1931

Seus pais lhe permitem viver sem miséria e receber uma boa educação. Você mesmo, você achava que a escola de Beauvallon e Tia Margarida fazem tudo para bem educar as crianças.

O resto é com você. De você vai depender sua vida, seu caráter, seu futuro. Como em muitas de minhas cartas, eu lhe escrevo que, para se sentir verdadeiramente feliz, é necessário fazer um esforço para o bem dos outros. Sem essa preocupação de ajudar e ser útil aos outros, não há felicidade. A gente já se sente plena de estar contente e feliz por si mesma e a gente se torna inquieta e sempre mais exigente para os outros. Ao saber que nós somos alguma coisa para os outros, sentimos o coração em paz, e nos tornamos exigentes apenas para nós mesmas. Essa moral que eu lhe repito em todas as minhas cartas, talvez o aborreça e, bem, deixe por hoje a carta de lado e a retome um dia, quando você não tiver nada para fazer. Você não se entediara com sua velha mãe, quando essas falas forem mais agradáveis. (ANTIPOFF, 1931a).

Helena deixa claro para o filho que ele é responsável por sua própria vida, devendo agir para construir o seu próprio futuro. Importante ressaltar que, quando escreveu a carta acima, Daniel tinha 12 anos! A mãe também orienta o filho a agir em prol dos outros, a ser responsável diante do mundo.

Nas cartas não há um percurso discursivo marcadamente religioso ou moralista, trata-se de algo diferente, mais próximo de uma filosofia moral e ética, construída, possivelmente, nas teias da formação recebida por ela, nos campos da medicina, da psicologia, do desenvolvimento da criança e da administração educacional.

⁹ Manual dos escoteiros. Normas dos escoteiros.

No excerto também é possível observar a filiação de Helena a uma filosofia moral.

Nota-se ainda a exposição da condição econômica e educacional do filho, seguida por uma afirmação da responsabilidade única e singular, exigida dele. A argumentação prossegue na defesa da importância do trabalho para o bem do outro e do resultado dessa ação. Há também, explicitada, a relevância que a educadora atribui à filosofia moral.

Sobre a obra *Para uma filosofia do ato responsável* de Bakhtin, Faraco (2010) no posfácio, dessa obra, intitulado *Um posfácio meio impertinente* salienta:

PFA contém (em germen, é verdade, considerando seu caráter de rascunho fragmentário) as coordenadas que sustentarão boa parte do edifício posterior: a eventividade (o irrepitível), o sempre inconcluso (o que está sempre por ser alcançado), o antirracionalismo (o antissistêmico), o agir (o interagir) e, acima de tudo (segundo meu ponto de vista), o axiológico (o vínculo valorativo), que, em PFA, é designado principalmente pela expressão “tom emotivo-volitivo” (FARACO, 2010, p. 148).

Faraco (2010) elenca várias peças que vão se encaixando na filosofia da linguagem proposta por Bakhtin como a eventividade, o irrepitível do enunciado e da vida; o sempre inconcluso, considerando a rede infinita de enunciados, o antissistêmico, o agir, o interagir e o axiológico, o tom emotivo-volitivo (os valores).

Com relação aos valores, assim argumenta Sobral: “Bakhtin julga impossível retornar ou mesmo ter contato com as coisas mesmas, uma vez que tudo no mundo humano é por princípio mediado valorativamente, nunca chegando imediatamente, ou seja, sem mediação, à percepção” (SOBRAL, 2019, p. 75).

De acordo com Bakhtin (2017), tudo é mediado por valores: a nossa percepção do mundo, os nossos afetos e os nossos pensamentos.

Ele explora a questão da Filosofia do ato como pensamento participante (não indiferente), ou seja, vinculado ao agir de sujeitos concretos.

“Um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi no existir. Isto é, é um pensamento que age e se refere a si mesmo como único ator responsável” (BAKHTIN, 2017, p. 102).

O evento só pode ser descrito de modo participante, não-indiferente. O pensamento participante incide sobre o interior do ato de cada sujeito. Sobre isso assim pondera:

O simples fato de que eu, a partir do meu lugar único no existir, veja, conheça um outro, pense nele, não o esqueça, o fato de que também para mim ele existe – tudo isso é alguma coisa que somente eu, único, em todo o existir, em um dado momento,

posso fazer por ele: um ato do vivido real em mim que completa a sua existência, absolutamente profícuo e novo, e que encontra em mim somente a sua possibilidade (BAKHTIN, 2017, p. 98).

Cada sujeito é único e singular e, por isso, deve agir de forma participante, responsável e responsiva. Para Bakhtin (2017) não há álibi na existência, por sermos únicos, singulares, agindo ou não, somos responsáveis diante do outro/do mundo.

O ato responsável é, precisamente, o ato baseado no reconhecimento desta obrigação singularidade. É essa afirmação do meu não-álibi no existir que constitui a base da existência sendo tanto dada como sendo também real e forçosamente projetada como algo ainda por ser alcançado (BAKHTIN, 2017, p. 99).

Sobral (2019) define o pensamento participativo a partir da correlação entre os seguintes elementos:

- (1) em primeiro lugar, a compreensão não desencarnada, de cunho emotivo-volitivo, que supõe a iniciativa de agir, uma iniciativa valorativa, situada, de um sujeito concreto (em vez de abstrata, do sujeito genérico);
- (2) essa iniciativa valorativa supõe o ser-evento concreto;
- (3) o ser evento-concreto supõe o não-álibi; e
- (4) a compreensão participativa requer um pensamento ativo, não teórico, mas prático-teórico, referente ao ser singular de quem o pensa (SOBRAL, 2019, p. 91).

Na síntese do pensamento participativo elaborada por Sobral (2019), encontramos um sujeito concreto que, a partir dos seus valores, age e não tem álibi para não agir.

Para Bakhtin (2017), viver é agir, e agir de forma participativa. Nossa percepção do mundo é mediada por valores, então, não temos contato com as coisas propriamente ditas, porque “enxergamos” o que é permitido, ou não, por nossos valores.

No *corpus*, tecidos no discurso, encontramos o pensamento participante, responsável e responsivo e a atitude não indiferente da mãe Helena que, mesmo à distância, projeta um cuidado, um zelo, uma tentativa de aproximação com o filho. Escolhemos alguns excertos das cartas, para dialogar com o conceito de pensamento participante.

Carta de 9 de junho de 1931

Tenho, em alguns momentos, destas grandes tristezas que me roem tão profundamente que tenho vontade de largar tudo e ir para perto de você, para levar uma vida mais normal e mais tranquila. Ah, meu querido, quando será que teremos uma casa nossa, uma vida de família, um lar reconfortante...? (ANTIPOFF, 1931b).

Carta de 24 de janeiro de 1937: “Como vai meu garoto? Tua saúde está excelente, como eu gostaria que ela estivesse? Seu humor está bom? Teu trabalho te satisfaz? Teus amigos

te deixam feliz”? (ANTIPOFF, 1937a).

Carta de 29 de novembro de 1935: “Nesse caso meu instinto maternal, provavelmente, não teria deixado você fazer essa viagem. O perigo de contaminação, na sua idade, é muito grande. E a tuberculose é uma inimiga muito temível”. (ANTIPOFF, 1935d).

Carta de 7 de dezembro de 1936

Estou bem confortável em saber que você está satisfeito na sua sala e com seus estudos. Faça o seu possível para trabalhar bem, é o que lhe peço. O resto se, apesar de seu esforço sincero, você não se sair bem, será resolvido por medidas que nós decidiremos, quando eu chegar na Europa. Não é necessário se desencorajar. (ANTIPOFF, 1936g).

2.8 O sujeito

No arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin, a natureza dialógica da linguagem se estende, também, à concepção de sujeito. A natureza da linguagem é dialógica porque “a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (BAKHTIN, 2011, p. 306). O sujeito é constituído nas relações com os outros sujeitos e, ao mesmo tempo, é constitutivo delas.

A respeito do sujeito em Bakhtin, Dahlet (2015) salienta

[...] qual é a natureza desse sujeito no olhar de outrem, que ele convoca em sua teoria. Sustentarei que essa natureza é de ordem filosófica, e de uma ordem filosófica particular: há *sujeito kantiano* no *sujeito bakhtiniano*. Isso não é verdadeiramente um acaso, se nos lembramos de que o primeiro grupo de reflexão do qual Bakhtin participou nos anos de 1920, em Nevel, é o seminário kantiano de Kagan. Além desse índice histórico, diria que o que aproxima as conceitualizações kantianas é uma crítica radical do que chamarei de sujeito coisa (DAHLET, 2015, p. 57).

Dahlet (2015) afirma que Kant recusa-se a associar o “eu” a um substrato conhecível ou seja, para ele é impossível conhecer o sujeito como uma coisa em si. Continua dizendo que encontramos o mesmo em Bakhtin, porque Bakhtin afirma que não podemos estudar o sujeito como se fosse uma coisa, uma vez que para ser sujeito tem que ter voz, tem que dialogar.

Ao estudar o romance de Dostoiévski, Bakhtin argumenta: “Aqui é oportuno assinalar que a ênfase principal de toda a obra de Dostoiévski, que no aspecto da forma, quer no aspecto do conteúdo, é uma luta contra a coisificação do homem, das relações humanas e de todos os valores humanos do capitalismo” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

Nessa mesma obra, encontramos:

Do autor do romance polifônico exige-se uma atividade dialógica imensa e sumamente tensa: tão logo ela diminui, os heróis começam a imobilizar-se e objetificar-se aparecendo no romance fragmentos da vida monologicamente formalizados (BAKHTIN, 2010, p. 78).

O sujeito bakhtiniano é relacional, porque, para Bakhtin (2010), viver é dialogar, tornar-se sujeito é dialogar, existir é dialogar, interagindo com o outro. Para ele não se pode contemplar a consciência alheia como objeto, como coisa: comunicar-se com ela só é possível dialogicamente.

O sujeito não pode permanecer sujeito, não tendo voz. Vale lembrar que estabelecer relações dialógicas com o outro, para Bakhtin, significa assumir uma posição ativamente responsiva e responsável em relação ao outro.

Continuando as reflexões a respeito do sujeito kantiano no sujeito bakhtiniano, afirma Dahlet, “Vinculado ao dispositivo kantiano, o *dialogismo* de Bakhtin fundamenta-se assim na negação da possibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz, já que só pode ser apreendido como uma propriedade das vozes que ele anuncia”. (DAHLET, 2015, p. 58).

Dialogando com Kant, Bakhtin propõe que um sujeito não pode tornar-se objeto da teoria, “a não ser com a condição de ser reconstruído como tal, a partir da realidade das vozes de seu discurso” (DAHLET, 2015, p. 58). E ainda:

É sob a luz dessa desconstrução, comum a Kant e a Bakhtin, da ideia de um sujeito pensando independentemente do que é representado que podemos medir a inovação do dialogismo bakhtiniano no campo da subjetividade: enquanto Kant rejeita qualquer possibilidade de conhecimento substancial do sujeito, Bakhtin introduz a possibilidade de um conhecimento relativo de um sujeito mantido como tal, pelo discurso dos outros (DAHLET, 2015, p. 59).

É necessário pontuar que, para Bakhtin (2017), o “eu” só pode realizar-se no discurso apoiando-se em “nós”. O “nós” significa o “eu” e os “outros”. Segundo Dahlet (2015),

Se considerarmos, então, essa persistência do “nós” no sujeito Bakhtiniano, temos todo interesse em postular que o que no fundo o dialogiza não é tanto a coexistência de uma pluralidade de lugares distintos do enunciatador em seu discurso, mas a sua divisão por um sujeito coletivo único, o “nós” de todos os homens no “eu” que fala, divisão necessária, pois é diluindo-se nesse “nós” de todos que o sujeito de Bakhtin acede à humanidade de sua voz, e é clivado pelo nós que o sujeito se vê ser homem em Bakhtin” (DAHLET, 2015, p. 66).

Ao mesmo tempo em que o sujeito é constituído por uma pluridiscursividade dialógica, ele participa do diálogo de vozes de uma forma particular, porque sua história é singular, única.

Vejamus este excerto:

Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único. E é ao redor desse ponto singular que se dispõe todo o existir singular de um modo singular e irrepitível. Tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca (BAKHTIN, 2017, p. 96).

O sujeito é marcado pelo tempo e pelo espaço e o seu existir é singular e irrepitível, cada feito é único. O sujeito seria um lugar de construção de um “eu” possível, único e singular, resultado dos processos de interação com a realidade sócio histórica na qual está inserido, podendo esta ser mais ou menos pluridiscursiva.

Segundo Sobral (2019),

Bakhtin, filósofo da individualidade, propõe um “indivíduo” constituído nas relações com outros sujeitos e constitutivo delas. O eu é o outro do outro. O agir do sujeito congrega os vários componentes num todo unitário e singular; ele une, vale a pena repetir, processo (o agir no mundo, o ético), produto (a teorização) e a valoração (o estético) nos termos de sua responsabilidade inalienável de sujeito humano, de sua falta de escapatória (álibi), de sua inevitável condição de ser lançado no mundo e ter de dar contas de como agiu nele (SOBRAL, 2019, p. 84).

Podemos pensar que o sujeito bakhtiniano é constituído por muitos “outros” com os quais estabelece relações dialógicas e, ao mesmo tempo, é único, singular e cada ato seu irrepitível. Esse sujeito é, também, responsável por todos os seus atos, ele não tem álibi na existência. A responsabilidade não vem de fora, mas do interior do sujeito, como membro de uma coletividade. O que “obriga” o sujeito a agir de forma responsável é, também, o fato de que, queira ou não, ele coloca a sua assinatura em cada ato.

Para Bakhtin, cada ato é irrepitível e assim explica Sobral, “Repetindo: a mesma ação pode ser realizada, mas não o mesmo ato, porque a ação tem apenas conteúdo, mas só o ato tem conteúdo e sentido, dependente de seu processo, que é precisamente o aspecto irrepitível” (SOBRAL, 2019, p. 92).

Bakhtin recorre a Ptolomeu e a Galileu¹⁰ para tecer reflexões a respeito da consciência. A consciência ptolomaica seria centrípeta, constituída de forma monológica e não

¹⁰ Ptolomeu é um cientista, astrônomo e geógrafo de origem grega. Criou um sistema cosmológico baseado na teoria geocêntrica, que considera a terra no centro do universo. (PTOLOMEU, 2020). Galileu é o pai da ciência moderna. Cientista, físico astrônomo, matemático e filósofo italiano. Defendeu o conceito de que a Terra não é o centro do universo. (GALILEI, 2020).

pluridiscursiva. A consciência galileana, ao contrário, seria centrífuga, constituída de forma dialógica e pluridiscursiva, ou seja, mais próximas das reflexões de Bakhtin. (SOBRAL, 2019).

A consciência em Bakhtin é dialógica e pluridiscursiva e a responsabilidade não vem do querer ter consciência, mas do ter de agir responsabilmente e não ter álibi na existência.

Para a filosofia de Bakhtin,

[...] o foco é o sujeito que pensa: porque sou/existo, penso. E só eu penso como penso; o objeto tem seu sentido construído pela minha valoração, claro que em contato com o outro, que me influencia e é influenciado por mim. Mesmo quando duas pessoas concordam, elas valoram a mesma coisa de maneiras diferentes (SOBRAL, 2019, p. 145).

A concordância é o resultado de uma negociação entre centros valorativos. Cada um concorda a seu modo e ainda “[...] a avaliação de uma mesma pessoa, se bem que idêntica quanto ao conteúdo (‘ele é mau’), pode ter diferentes entonações reais de acordo com o centro real concreto de valores em determinadas circunstâncias” (BAKHTIN, 2017, p. 126).

Bakhtin mostra que o sujeito é constituído pelos outros e constitutivo deles. E que

[...] O outro pode ser uma ameaça ao nosso eu, mas também uma promessa de espelho no qual vamos ver nossa imagem invertida, valorada, mas nem por isso menos completa, ou seja, o outro, em sua diferença, é condição para que o eu, em sua diferença com relação ao outro, seja o outro desse outro (SOBRAL, 2019, p. 162).

Em Bakhtin, encontra-se um sujeito que age, segundo uma avaliação/valoração daquilo que faz ao agir/falar e pelo qual se responsabiliza.

Geraldi (2010) elabora reflexões sobre a questão do sujeito para o Círculo de Bakhtin e considera que uma teoria explícita do sujeito não foi exposta em qualquer obra do Círculo. Para ele o sujeito bakhtiniano é responsável, consciente, respondente/responsivo, datado e fora do comando.

O sujeito bakhtiniano é responsável e “A responsabilidade se funda no pensamento participativo e a participação de cada um no Ser único, singular e insubstituível” (GERALDI, 2010, p. 284). A consciência tem uma orientação social e é algo a ser realizado no evento em processo que sou.

Com relação à responsividade assim se expressa Geraldi: “[...] toda a ação do sujeito é sempre uma resposta à compreensão de outra ação e que provocará, por seu turno, novamente uma resposta baseada numa compreensão que sobre ela for construída pelo outro [...]”. (GERALDI, 2010, p. 287). Toda a presença do eu se dá na correlação com a alteridade. Finalmente, “Há, portanto, no pensamento bakhtiniano do sujeito datado um entrelaçamento

entre passado, presente e futuro que se realizam concretamente num espaço historicizado pelo tempo” (GERALDI, 2010, p. 291).

Nos estudos de Geraldi (2010) a respeito do sujeito bakhtiniano, considero relevante a observação de que o sujeito bakhtiniano está sempre se fazendo, está sempre inconcluso, nunca é igual a si mesmo, está fora do comando, porque é um sujeito que é história, junto com a história de outros.

Nas cartas que Helena endereçou ao filho observo o sujeito Helena, responsável, consciente e responsivo, constituído pelos muitos “outros” com os quais interagiu, inconcluso e datado social e historicamente.

Neste capítulo, busquei apresentar as categorias teóricas nas quais se ancora esse estudo. Conforme relatei, os estudos realizados pelo Círculo de Bakhtin norteiam minhas reflexões e análises e, por esse motivo, as categorias teóricas dialogam com o *corpus*, com os trabalhos do Círculo e com outros teóricos.

Sendo o trabalho vinculado à área da Análise do Discurso, procurei dialogar com estudiosos que focalizam a noção de discurso sob vertentes que os aproximam e que os distanciam, de modo a contemplar uma diversidade de vieses conceituais. Do *corpus*, composto por cartas pessoais/familiares, surgiu a necessidade de um estudo a respeito de gênero discursivo e dos conceitos como interação discursiva, dialogismo, ato responsável e sujeito, que fazem parte do arcabouço teórico do Círculo de Bakhtin.

No capítulo que segue, apresento os procedimentos metodológicos utilizados, contextualizo o *corpus* e o MMHA como espaços de memória histórica em interface com a noção de memória discursiva.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS

Que vale um arranha-céu? Qual o papel de um arranha-céu na felicidade humana? E os planos de habitação? Tudo é muito pequeno, não se respeita sequer o espaço de que a criança necessita para brincar. Onde está a felicidade? A criança certamente é uma grande vítima da cegueira humana.

Belo Horizonte não tem praças, não tem parques praticamente. A ganância, a ganância! Cidade cheia de favelas e sem parques. As árvores desaparecendo. Sempre tendo em vista as necessidades do trânsito. Parecendo até que o trânsito vai governar o mundo. Arrancam-se as árvores para uma locomoção mais rápida. Para que tanta pressa? Parece que o homem vive para outra coisa e não para si próprio. (ANTIPOFF, 1996, p. 179).

3.1 Adentrando o universo de Helena Antipoff - considerações iniciais

Helena Antipoff (1892-1974) veio para o Brasil em 1929, a convite do Governo de Minas Gerais, para lecionar a disciplina Psicologia Educacional e dirigir o Laboratório de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte. O filho Daniel, à época com 10 anos de idade, ficou na França, aos cuidados de uma ex-aluna dela, Marguerite Soubeyran, que, com a ajuda financeira de Helena, inaugurou uma escola em Dieulefit, sul da França.

De acordo com Campos (2012),

Antipoff é professora fundadora da cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais que viria a ser integrada à Universidade de Minas Gerais e atual Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG -. Nesse ano (1939), a Sociedade Pestalozzi, sob a liderança de Antipoff, adquire terreno rural em Ibitiré, MG, a 24 Km de Belo Horizonte, onde inicia a construção do complexo educacional da Fazenda do Rosário, destinado, inicialmente, à educação e profissionalização de crianças excepcionais e abandonadas. O nome da fazenda refere-se ao mês em que foi adquirida, outubro, mês de Nossa Senhora do Rosário (CAMPOS, 2012, p. 399).

Em 1948, foi realizado o primeiro Curso de Aperfeiçoamento para professores rurais na Fazenda do Rosário, sob a direção de Helena. Em 1954 iniciou, na Fazenda do Rosário, o Instituto Superior de Educação Rural (ISER) vinculado ao Ministério de Educação e Cultura (MEC) e à Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEEMG), com o objetivo de realizar aperfeiçoamento de educadores, professores e técnicos para o ensino rural.

Em 1970, o ISER foi transformado em Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff (FEER). Em 1961, a FEER passou a denominar-se Fundação Helena Antipoff (FHA). Em 2001, sob a administração da FHA, os cursos superiores passaram a fazer parte do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT), oferecendo as licenciaturas em Pedagogia, Letras, Matemática, Ciências Biológicas e Educação Física.

Em 2009, esses cursos foram estadualizados e, em 2013, incorporados à estrutura da UEMG.

Atualmente, a FHA, localizada no Município de Ibirité, é constituída pela Escola Sandoval Soares de Azevedo, oferecendo Ensino Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), e Escola Técnica Sandoval Soares de Azevedo, com os cursos de Administração, Agroecologia, Agropecuária, Informática, Mecânica, Recursos Humanos e Enfermagem, desenvolvendo projetos e parcerias na área de educação. Além da oferta desses cursos administra, também, o MMHA.

Helena faleceu em 9 de agosto de 1974 e os seus aposentos, localizados na FHA, ocupados entre 1955 e 1974, foram transformados em Sala Helena Antipoff, depois Memorial Helena Antipoff e, finalmente, em 2019, Museu Memorial Helena Antipoff. Os bens móveis e muitos documentos foram doados pelo filho Daniel Antipoff. O MMHA tem um acervo arquivístico e bibliográfico relacionado à vida e obra da educadora, em parceria com o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), criado em 1980, que mantém a Sala Helena Antipoff na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

No MMHA, há três áreas:

- a) os aposentos em que viveu Helena, onde encontramos móveis, máquina de datilografia, biblioteca pessoal, roupas, sapatos, objetos pessoais e uma grande biblioteca particular;
- b) os espaços para processamento técnico e consulta ao acervo, abrigando pesquisadores e funcionários administrativos. Uma funcionária que realiza o trabalho de seleção, organização dos artefatos e documentos, e o trabalho de restauração do material. Nesse espaço, há um acervo de livros, documentos pessoais, publicações e documentos diversos;
- c) uma sala de exposição sobre a trajetória de Helena, a memória da Escola Sandoval Soares de Azevedo e, também, o acervo dos diários das alunas e outros documentos.

Recentemente, no espaço alínea c, foi instalado um grande arquivo climatizado e uma funcionária está organizando os documentos nesse arquivo. Esse trabalho será longo e demandará muito tempo. Todos os documentos, livros, diários, cartas, enfim, tudo o que há no MMHA não pode ser emprestado. As pesquisas precisam ser realizadas no local, porque os documentos ainda não foram digitalizados.

O MMHA é um memorial, um arquivo. A respeito do arquivo, Foucault (2009) explica:

O arquivo é antes, pelo contrário, aquilo que faz com que tantas coisas ditas, por tantos homens desde há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, com que sejam simplesmente a sinalização, ao nível das *performances* verbais, daquilo que pôde desenrolar-se, na ordem do espírito ou na ordem das coisas: mas com que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que são características próprias do nível discursivo; com que nasçam, um pouco por acaso em processos mudos, segundo regularidades específicas; com que, em suma, se há coisas ditas – e só elas -, não devamos perguntar a razão imediata de assim ser às coisas que nelas se encontram ditas ou aos homens que as disseram, mas ao sistema de discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que esse sistema estabelece (FOUCAULT, 2009, p. 178).

Segundo Foucault, o arquivo é local de possibilidades enunciativas, um “sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2009, p. 178), e que faz com que as coisas ditas não se tornem amorfas.

O arquivo é uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como outros tantos acontecimentos regulares, como outras tantas coisas que podem ser tratadas e manipuladas. (FOUCAULT, 2009). Podemos pensar que cada pesquisador acessa o sistema de discursividade do MMHA com propósitos diferentes, produzindo diferentes possibilidades de conhecimento.

Foucault (2009) salienta:

Longe de ser o que unifica tudo o que foi dito nesse grande murmúrio confuso de *um* discurso, longe de ser apenas o que nos assegura a existência do meio *do* discurso mantido, é o que diferencia *os* discursos na sua existência múltipla e os especifica na sua duração própria (FOUCAULT, 2009, p. 179).

Ele chama a atenção sobre a diversidade de possibilidades presentes no arquivo, diversidade de vozes, de pontos de vista, de multiplicidade de enunciados. Como documentos, pertencem a uma época, como monumentos, são atemporais, podendo ser manipulados, pesquisados por profissionais de diversas áreas.

No MMHA, há discursos de Helena expressos em cartas, diários, anotações em cadernetas, artigos e livros. É possível deparar-se, também, com inúmeras outras vozes, de psicólogos, pesquisadores, filósofos, pedagogos, escritores, artistas, amigos, familiares, enfim, um universo de possibilidades de diálogo com a educadora.

A UEMG - Unidade Ibirité funciona nas instalações da FHA, em Ibirité, Minas Gerais. Trabalho nessa Universidade e, caminhando pelos corredores conheci o MMHA, numa primeira visita. Pouco depois, visitei todo o MMHA com os alunos do primeiro período do Curso de

Letras. Tivemos a oportunidade de vivenciar uma visita monitorada e ficamos perplexos com tanto material a ser pesquisado, a ser “descoberto”: diários de Helena, cartas diversas, diários das alunas.

Aquela descoberta levou-me a elaborar um projeto de pesquisa sobre as cartas e os diários de Helena, mas não o apresentei no processo de seleção para o doutorado na PUC Minas. Posteriormente, durante a orientação do doutorado, encaminhei, acidentalmente, o projeto à minha orientadora e ela gostou muito da proposta. Então, decidi utilizar como *corpus* da pesquisa as cartas pessoais/familiares que ela endereçou ao filho, durante nove anos, na década de 1930.

Escolhi as cartas datilografadas e legíveis, e desisti dos diários, por enquanto. As cartas manuscritas estão pouco legíveis e os diários também. Para estudá-los seria necessário muito tempo e ajuda de outros profissionais, como um calígrafo, o que inviabilizou o trabalho com esses materiais. A escolha das cartas está relacionada com o objeto desta pesquisa: a busca por desvelar o sujeito Helena.

A carta foi um dos primeiros gêneros discursivos utilizados para comunicação a distância. De acordo com Silva (2002),

Na história das práticas comunicativas mediadas pela escrita, a carta foi um dos primeiros gêneros textuais que viabilizou a construção de relações interativas a distância. Isso, sem dúvida, como comentam Thompson (1998) e Bazerman (1999), implicou o surgimento de uma complexa reorganização de padrões de interação humana e todo um aparato técnico e tecnológico, na medida em que se criava uma nova forma de interação social, dissociada do aqui e agora, através da qual se podiam fomentar as transações sociais entre os homens, construir novos contatos interpessoais, consolidá-los, desfazê-los, refazê-los. Essa função social provavelmente é a função fundadora das práticas comunicativas dos gêneros epistolares (SILVA, 2002, p. 53).

Fomentar a interação social parece ser a função mais relevante dos gêneros epistolares, conforme salienta Silva (2002).

Na Antiguidade, as cartas de Cícero e as de Sêneca foram escritas não só a parentes como também a todos os considerados amigos, porque, à época, elas ainda não tinham o caráter privado. Para Silva (2002), “a prática de escrita das cartas familiares visava ora ao deleite (recrear para vida); ora ao ensino (consolar a vida); ora às reflexões sobre ações e sentimentos humanos (conhecer a si próprio)”. (SILVA, 2002, p. 53).

Silva (2002), a partir da leitura de Dierks (1999), observa que a prática comunicativa da carta desenvolvida essencialmente no ambiente das atividades privadas, data de meados do século XVII, inicialmente popularizadas na Inglaterra, em seguida,

em outros países europeus e na América do Norte, mediante uma forte disseminação de manuais de carta familiar, cujo propósito, além de didático, revelava um forte interesse em prover à população urbana da época um refinamento social no ofício da escrita dos textos desse gênero [...] recomendavam os manuais que as cartas familiares tinham como finalidade primeira alimentar um convívio social e afetivo com parentes, amigos e conhecidos que se encontravam ausentes (SILVA, 2008, p. 58-59).

Certamente os Manuais de Carta Familiar foram muito importantes para criar regras com relação ao gênero carta pessoal, definindo o conteúdo temático, o estilo da linguagem, a seleção dos recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais e a construção composicional.

Silva (2002) afirma que o gênero carta pessoal permaneceu relativamente estável do ponto de vista da configuração composicional e estilística de acordo com o que previam os manuais descritos por Dierks na publicação intitulada *A carta familiar e o refinamento social na América, 1750-1800* (tradução nossa).¹¹

Há muitos trabalhos sobre Helena e sua obra, nas áreas de Psicologia e Educação, além de uma publicação na área de Literatura. Esse é um dos motivos que nos levou a escolher as cartas pessoais/familiares, mas não foi o mais relevante. O principal motivo foi o desejo de caminhar um caminho resvaloso, difícil, e tentar uma aproximação com o “sujeito” Helena Antipoff.

Feita essa breve entrada no *locus* de onde emergiu a escolha desta pesquisa, passo aos procedimentos metodológicos, com considerações a respeito do *corpus*, como monumento e, em seguida, às categorias de análise.

3.2 Procedimentos metodológicos

Dou início às reflexões sobre os procedimentos metodológicos com a consideração de Brasileiro: “É imprescindível que o pesquisador tenha consciência da dimensão do que faz e procure realizar a pesquisa buscando os melhores caminhos, que nem sempre são os mais fáceis” (BRASILEIRO, 2019, p. 88).

O trabalho aqui realizado pode ser caracterizado como pesquisa narrativa. Segundo Paiva: “O que é uma narrativa? O que é pesquisa narrativa? Uma narrativa é sempre uma história (eventos do passado) real ou fictícia, narrada oralmente ou por escrito” (PAIVA, 2019, p. 87).

Quando se realiza uma pesquisa narrativa: “O importante é perceber de que modo os narradores representam determinado fenômeno, como interpretam suas experiências” (PAIVA,

¹¹ *The familiar letter and social refinement in América, 1750-1800.*

2019, p. 91). As narrativas são experiências humanas, parte da vida de alguém, merecendo respeito e cuidado na interpretação dos dados.

Cabe salientar que neste trabalho não estudo a narrativa do ponto de vista da literatura, da filosofia ou de qualquer outra área. Estudo e analiso o discurso constitutivo nas cartas. Entretanto, posso pensar o gênero carta pessoal como uma grande narrativa de experiências humanas.

A análise é categorial com foco nos modos como a enunciativa constrói a discursividade. A abordagem é interpretativa e qualitativa.

A respeito da pesquisa qualitativa escreve Paiva (2019), “Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística”. (PAIVA 2019, p. 13).

Com relação à distinção entre a abordagem qualitativa e quantitativa, Spink e Menegon (2013) assim se posicionam, considerando infeliz essa distinção e acrescentando:

Usamos a expressão infeliz pela resultante dicotomia que associa mensuração com rigor e tudo o que não pode ser mensurado com subjetividade. Tal postura leva, de um lado, à entronização do número, numa apropriação ingênua do universo numérico em que a diferença entre as diferentes escalas – nominais, ordinais e de intervalo – são ignoradas; e, de outro lado, à excessiva simplificação da objetividade em pesquisa, numa tentativa igualmente ingênua de controlar a subjetividade do pesquisador. (SPINK; MENEGON, 2013, p. 48).

A distinção entre abordagem qualitativa e quantitativa parece advir de pontos de vista que consideram que medir, por meio de números, assegura um resultado mais preciso e uma menor interferência do pesquisador, no resultado. Spink e Menegon (2013) consideram esse ponto de vista ingênuo, não só porque todas as escolhas com relação à utilização de números são pessoais e os números podem ser utilizados, manipulados, analisados, de forma diferente, dependendo do pesquisador, como também porque é ingênuo tentar controlar a subjetividade do pesquisador.

Na perspectiva bakhtiniana a linguagem é uma prática social e cada enunciado é único, dizendo respeito à singularidade. Então, não é possível existir uma pesquisa idêntica à outra, não é possível, discursivamente, não falar desse lugar singular que cada um ocupa.

Spink e Menegon (2013) afirmam que a pesquisa qualitativa põe em evidência

[...] o caráter processual da pesquisa – numa aceitação plena do dinamismo, historicidade e contextualidade implícita do nosso conhecimento sobre o mundo. Põe em evidência, ainda, a dialogia e intersubjetividade intrínseca do processo de

pesquisa, seja no sentido mais amplo de que toda pesquisa tem o caráter de colaboração, como aponta Edgar Morin (1985) ao falar do anel do conhecimento, seja no sentido mais restrito que lhe dão Carol Tindall (1994) de que pesquisador e participantes são considerados colaboradores na produção de conhecimento (SPINK; MENEGON, 2013, p. 63).

A pesquisa qualitativa põe em evidência a dialogia e intersubjetividade intrínseca no processo de pesquisa, sendo pesquisador e participantes considerados colaboradores na produção de conhecimento.

A técnica escolhida para a pesquisa é documental e, de acordo com Marconi e Lakatos (2005): “A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Esta pode ser feita quando o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (MARCONI; LAKATOS, 2005, p. 176).

A fonte primária da pesquisa são as cartas que Helena escreveu para o filho, na década de 1930, e que se encontram no MMHA, localizado na cidade de Ibirité, Minas Gerais.

Os tipos de documentos escolhidos, portanto, são documentos particulares consistindo em cartas escritas por Helena e endereçadas ao filho Daniel.

Considerando que a troca de cartas entre mãe e filho ocorreu durante nove anos, com uma frequência aproximada de duas por semana, o acervo não conta sequer com 50% do total. Mesmo assim, trata-se de um volume considerável.

Busquei pelas cartas lendo os documentos do MMHA, selecionei, organizei, manipulei, traduzi com a ajuda de colaboradores e, finalmente, realizei o trabalho de elaboração da tese.

Possivelmente as minhas pesquisas no MMHA devam prosseguir por um bom tempo, porque o considero um espaço privilegiado. Lembro que, desde o início, Helena orientou as suas obras em Ibirité para o ensino, a extensão e a pesquisa. A presença, nesse local, de uma Universidade (UEMG), de uma Fundação (Fundação Helena Antipoff) que coordena uma escola de educação básica e uma escola técnica e do MMHA apontam para uma continuidade do trabalho de Helena Antipoff.

A fundamentação teórica contou, prioritariamente, com as obras do Círculo de Bakhtin. Sobral e Giacomelli (2016) denominam Análise Dialógica do Discurso (ADD), a propostas do Círculo de Bakhtin. A respeito da ADD salientam que

[...] Assim, a ADD trabalha com enunciados (discursos) realizados nas práticas de linguagem, não as frases de obras literárias. Por isso, a base da análise não é a gramática ou as significações da língua, mas o uso da língua no contexto. O trabalho envolve os enunciados reais, as formas dos enunciados (ou gêneros do discurso) e as significações na língua: todo enunciado é lido em termos de seu contexto social e

histórico mais amplo, do gênero de que faz parte e dos recursos linguísticos que usa (SOBRAL; GIACOMELLI, 2016, p. 1091).

A partir das cartas efetivamente produzidas, procurei verificar de que modo os sujeitos interlocutores realizam as interações, considerando o contexto social dos enunciados.

3.3 O corpus

3.3.1 Descrição das cartas

Quando iniciei o trabalho de pesquisa das cartas, elas estavam em envelopes de cartolina e passando por um processo de identificação e separação. Helena manteve uma intensa correspondência com familiares, autoridades políticas, escritores, instituições, centros de pesquisa, artistas, professores, pesquisadores, amigos. As correspondências estavam misturadas e guardadas nesses envelopes.

O processo de separação das correspondências é complexo, porque muitas estão em francês, em inglês, fragmentadas, frágeis, faltando pedaços ou ilegíveis. Uma funcionária da FHA/MMHA está separando todo esse material para proceder à organização e restauração.

As cartas trocadas com autoridades e instituições, na sua maioria, estão datilografadas. As cartas para familiares e amigos, na sua maioria, foram redigidas à mão. Muitas das cartas para instituições foram doadas ao MMHA pela FHA e outras estavam nos aposentos de Helena.

Para o manuseio das cartas foi necessário utilizar luvas e fazê-lo com muito cuidado. Algumas vezes me senti um pouco constrangida, como se estivesse invadindo a privacidade de Helena. Outras vezes me senti uma privilegiada, por poder ter acesso a informações tão interessantes, ricas, às vezes tristes, às vezes até divertidas.

A carta pessoal/familiar é um gênero intimista, espaço para revelações, desabafos, cobranças, expressão de afeto positivo ou negativo, lamentações, contação de histórias, avaliações, enfim, um ambiente que, possivelmente, possibilitasse desvelar o sujeito Helena Antipoff, sendo esse o principal motivo da escolha das cartas.

Inicialmente me dediquei a uma imersão na leitura das cartas, procurando deixar aflorar os sentidos, sem a preocupação de pensar em categorias de análise e organização do trabalho, nesse primeiro momento.

Posteriormente, realizando uma leitura mais detalhada das cartas, fiquei extasiada com a diversidade da interação discursiva, a riqueza dos conteúdos e com a responsividade e

responsabilidade expressas no discurso. Então, elaborei a seguinte pergunta: A constituição discursiva das cartas pessoais que a psicóloga e educadora Helena Antipoff endereçou ao filho pode revelar a construção de um sujeito na relação da responsividade e da alteridade com a responsabilidade?

Encontrei nas obras do Círculo de Bakhtin um arcabouço teórico para estudar o *corpus*, a partir dos conceitos teóricos como interação discursiva, dialogismo, ato responsável, gênero discursivo e sujeito. Os conceitos analíticos selecionados foram: gênero carta pessoal/familiar, alteridade, responsividade e responsabilidade. A categoria analítica selecionada foi a modalização.

Há uma interação discursiva muito próxima entre mãe/filho, por vezes, quase uma fusão entre enunciativa/enunciário, muito marcada não só pelas constantes perguntas que demandavam respostas, como também por uma antecipação da resposta do outro e preocupação permanente com as condições físicas, emocionais, biológicas, sociais e financeiras do enunciário/filho e de todos os “outros” citados nas cartas.

Vejamos alguns exemplos:

Carta de 12 de junho de 1935: “Meu caro Daniel, lendo suas suculentas descrições das refeições salgadas e doces parece-me, pelo ardor com o qual você vai até elas, que você certamente está com muito apetite. Será que você tem o suficiente para comer no Colégio?” (ANTIPOFF, 1935a).

Carta de 7 de dezembro de 1936

Como você vai passar o Natal? Desta vez, provavelmente, você não vai a Mégève, já que Tânia está em Paris. Você passará em Beuvallon, certamente, fazem bom trabalho com teus escoteiros, lendo bons livros, meditando-os, praticando esporte e se eu te pedir, tocando violino, que te dará muito prazer no futuro, se você lhe dedicar um pouco do seu tempo. Não esqueça também do inglês. Leia Kilpling e Dickens, essa leitura, apesar de já estar aquém de suas preocupações espirituais, lhe dará uma boa oportunidade para melhor conhecer a língua. (ANTIPOFF, 1936g).

Com relação aos conteúdos, há reflexões filosóficas, políticas, médicas, literárias, educacionais, psicológicas, enfim, diversas vozes e diversos temas.

Exemplos:

A respeito do pai, Vítor Wladimir Vassilevitch Antipoff assim diz Helena:

Carta de 7 de março de 1938

Faltava-lhe muito na vida: a verdadeira compreensão, uma intimidade espiritual. Grany, com uma outra arquitetura psicológica, especialmente nesse tempo não podia

dá-la, jamais nada pode ter ‘para ela’. Eram dois seres completamente estranhos e que, longe de se completarem, diminuíam-se mutuamente no contato permanente de um casamento inadequado. – Os dois sofreram. (ANTIPOFF, 1938a).

Helena analisa, do ponto de vista da Psicologia, o relacionamento dos pais dela. O distanciamento dos pais resultou numa separação, quando o pai permaneceu na Rússia e a mãe, juntamente com as filhas, mudaram-se para a França.

Carta de 23 de fevereiro de 1936

Tenho amigos, antigos colaboradores, mas eles temem escrever para o estrangeiro, para não serem considerados como vis contrarrevolucionários. É esse o lado desprezível da Rússia Soviética, este medo sem razão por erro que não cometemos. O terror é a palavra. A ditadura é outra – as mais revoltantes para a dignidade humana e a liberdade do cidadão. Isso, de fato, não conseguimos engolir facilmente e, por isso, papai teve razão de nos fazer vir para a Europa, depois de ele mesmo ter vindo, com outros intelectuais, por vontade dos bolcheviques, que os consideravam como homens livres e, portanto, demasiado perigosos. (ANTIPOFF, 1936c).

Helena tece comentários a respeito do regime político da Rússia pós-revolução de 1917 e da mudança da família para a Alemanha.

A responsividade, o cuidado com o “outro”, a resposta e o estar presente, mesmo distante, somada à responsabilidade estão presentes nas cartas.

Alguns exemplos:

Carta de 24 de janeiro de 1937

Você conhece suficientemente a sua anatomia? Quando você me fala de sua tireoide eu tenho a impressão de que você se engana sobre a localização e sobre as sensações que ela te dá. Não são as cartilagens que você sente sob sua mão? É justamente na adolescência que se desenvolve, normalmente, a cartilagem tireoidiana – pomo de adão – que contribui, provavelmente, na mudança de voz, entre outras modificações faringo-laríngeas. A tireoide, glândula, é raramente dura, como você diz, a menos que você tenha um princípio de bócio. Em todo caso, passe por um exame com um médico, para mais segurança. Queira fazer isso, por favor, para a minha tranquilidade. (ANTIPOFF, 1937a).

Carta de 25 de outubro de 1936

Recebi uma carta do bom amigo Claparède. Ele está num estado lastimável. Bem deprimido, sua mulher também, ambos arrastam um final de existência verdadeiramente bem triste. É uma pena que eu não esteja lá para animá-los. Eles sempre foram tão bons para nós, tão cheios de atenção. (ANTIPOFF, 1936f).

Carta de 12 de junho de 1935

Recebi de Grany uma carta de Megève. Verdadeiramente acha que Tânia não está muito bem. A pobre Grany trabalha de manhã até a noite como empregada de Martine, cansa-se e se entedia terrivelmente. Eu queria tomar todos vocês comigo e lhes dar conforto suficiente. Quando virá esse momento? (ANTIPOFF, 1935a).

Os exemplos acima foram extraídos da constituição discursiva das cartas, ressaltando a construção da relação da alteridade com a responsabilidade. Como os “outros” fazem parte de mim, eu sou os “outros” que me constituem, eu os considero, respeito, me preocupo, cuido deles.

Revelam, também, um sujeito que valoriza a interação, que age de forma responsiva, atento às ações dos “outros”. Um sujeito que valoriza a literatura, a prática de esportes, a música, o aprendizado de línguas, o escotismo e que analisa criticamente a política.

3.3.2 *A seleção das cartas*

As cartas para análise foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: cartas que Helena endereçou ao filho Daniel, datilografadas e em bom estado de legibilidade. Mesmo utilizando esses critérios, ainda tive dificuldades, porque, com o passar do tempo, algumas palavras estavam bem apagadas ou rasuradas, outras, incompletas.

Das cartas disponíveis, algumas foram manuscritas e outras datilografadas. Optei por 20 (vinte) cartas, todas datilografadas, completas e legíveis. Há ainda outras cartas nesse estado, mas não foi possível traduzi-las, neste momento, conforme elucidado logo a seguir.

As cartas estudadas correspondem aos anos de 1930, 1931, 1934, 1935, 1936, 1937, 1938. A década de 1930 foi marcada por grande instabilidade política: no Brasil, a Revolução de 1930 leva à presidência o político Getúlio Vargas; em São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932. Na Europa, a Guerra Civil Espanhola e o início da Segunda Guerra Mundial em 1939. Aqui na América do Sul, a Guerra do Chaco entre Bolívia e Paraguai.

Helena se refere à Guerra do Chaco, na carta de 12 de junho de 1935:

Os dias estão cheios de notas sobre a pacificação da Guerra do Chaco. Os pobres e cegos paraguaios e bolivianos, que foram decapitados¹² em 1932, embora um pouco contra eles mesmos, estenderam mutuamente as mãos. Amanhã, para melhor celebrar esse dia, as Igrejas vão soar dia e noite os sinos. (ANTIPOFF, 1935a).

Como já mencionado, selecionei cartas datilografadas porque, com o passar do tempo, a letra de Helena foi se tornando pouco legível, fato reconhecido por ela na carta de 19 de junho de 1936: “Escrevo-te à máquina para te evitar o esforço para decifrar minha escrita, nem sempre legível”. (ANTIPOFF, 1936e).

¹² Provavelmente, “decapitados” metaforicamente

No Brasil, o acesso a uma máquina de escrever, na década de 1930, era muito restrito. Helena tinha em suas mãos uma tecnologia da época, o que nos dá pistas de uma mulher inserida numa esfera em que a presença feminina ainda era muito tímida: uma intelectual e uma mulher capaz de criar, gerir e fazer prosperar projetos educacionais.

Helena criou e trabalhou no ISER que, em 1970, foi transformado em Fundação Educacional de Educação Rural (FEER), hoje denominada FHA. O ISEAT assim como a presença em Ibirité da UEMG – Unidade Ibirité são prolongamentos das ações de Helena Antipoff.

Helena criou uma disciplina, dentro de uma Universidade (a disciplina de Psicologia na Faculdade de Educação da UFMG); criou, supervisionou e avaliou projetos públicos de educação (como contratada e, posteriormente, funcionária efetiva do Governo de Minas Gerais); mobilizou políticos, artistas, pesquisadores, professores, em prol do desenvolvimento da criança com deficiência, enfim, uma mulher muito à frente do seu tempo.

Para exemplificar:

Carta de 19 de novembro de 1935

Mas há uma coisa que, ao mesmo tempo, me assusta: é que a propriedade também fixa as pessoas em um lugar e eu que sou nômade inveterada, sinto-me “humilhada” por esta ideia de me ver presa a um terreno, a uma cidade, a um país, a um continente ou a um hemisfério. Já é demais me sentir presa ao planeta, não estamos senão no século XX. Mais tarde teremos, provavelmente, mais escolha [...] (ANTIPOFF, 1935c).

Helena se considerava uma nômade, mas veio para o Brasil e aqui conquistou cidadania para ela e para o filho, estabilidade no trabalho e muitos amigos.

3.3.3 A tradução das cartas

Helena e seu filho eram russos. As cartas endereçadas ao filho foram escritas em francês, segunda língua de ambos, algumas escritas à mão e outras à máquina. Não foi possível saber como foi e se houve seleção das mesmas, foi possível confirmar apenas que elas foram doadas pelo filho, Daniel, ao MMHA.

O trabalho de análise das cartas exigia que fossem traduzidas. Para que outros pesquisadores pudessem estudá-las, decidi traduzi-las e organizá-las num livro, o que será feito após o término desta tese. Esperamos que essa obra seja um legado para o MMHA e para futuros pesquisadores.

Por meses frequentei o MMHA, selecionando, organizando e traduzindo as cartas. Não vou aqui refletir especificamente a respeito de tradução, dada a complexidade do tema. Vou comentar a respeito do processo e de algumas dificuldades.

Com relação ao processo, depois que definir traduzir as cartas que estavam datilografadas e em bom estado de legibilidade, recolhi as cartas de forma aleatória, não determinando os anos e privilegiando apenas as que estavam numa condição melhor de leitura.

Durante o processo de tradução, precisei de ajuda e contei com dois colaboradores: o professor de francês Gerson Junio e a Dra. Ana Cristina Santos Alvarenga. A tradução não foi realizada por tradutores profissionais, e transcorreu de forma colaborativa.

Em março de 2020, no início da pandemia pela Covid-19, doença causada pelo vírus Corona – (vírus SARS-CoV-2), o MMHA cerrou suas portas, ficando fechado por muitos meses. A impossibilidade de acesso ao Museu, durante tanto tempo, dificultou minha pesquisa, porque gostaria de ter traduzido um número muito maior de cartas, a fim de ampliar o *corpus* de análise.

3.4 O documento monumento

As cartas que Helena endereçou ao filho são o que Foucault (2009), estudando o campo metodológico da História, denomina monumento. Elas existem hoje, porque foram consideradas relevantes para quem as manipulou, leu, guardou, selecionou e doou ao MMHA: o filho Daniel. São parte da memória de uma grande mulher, pesquisadora, professora, psicóloga e educadora. Elas são um testemunho do lugar construído pela mulher Helena Antipoff.

Agora, em 2020, 2021, são novamente manipuladas, selecionadas e lidas por mim, sob o olhar da análise do discurso. Poderão ser, futuramente, objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento.

Foucault questiona o documento quando diz: “O documento não é o instrumento feliz de uma história que seria em si própria e de pleno direito memória; a história é uma certa maneira de uma sociedade conferir estatuto e elaboração a uma massa documental da qual não se separa” (FOUCAULT, 2009, p. 40).

Os documentos/monumentos são, também, expressão de poder, sobreviveram porque alguém atribuiu valor a eles, porque pertenceram a um grupo social de elite para “merecerem” ser guardados e preservados. O direito à memória é, também, restrito a quem tem poder.

No caso das cartas/monumento em estudo, trata-se do poder de uma mulher intelectual, psicóloga, professora, pesquisadora, que tem como princípio o agir, o fazer, o realizar e, que foi capaz de construir grandes projetos educacionais.

Para Foucault (2009), a história tradicional tratava o documento de uma certa forma e a história contemporânea trata de outra:

Digamos, para resumir, que a história, na sua forma tradicional, visava ‘memorizar’ os *monumentos* do passado, transformá-los em *documentos* e fazer falar esses traços que, por si próprios, muitas vezes não são verbais ou dizem em silêncio coisa diferente do que dizem; nos nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que onde se decifram traços deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer do vazio aquilo que os homens haviam sido, desdobra uma massa de elementos que se trata de isolar, de agrupar, de tornar pertinentes, de pôr em relação, de constituir em conjuntos (FOUCAULT, 2009, p. 40).

O MMHA é a oportunidade de adentrar os monumentos deixados por Helena, de decifrar traços, de reconhecer o que ela foi, de tornar pertinentes de pôr em relação o seu legado.

Neste trabalho de tese pesquiso o sistema de discursividade presente nas cartas, para que possamos nos aproximar do “sujeito” Helena Antipoff.

3.5 Caminhos percorridos para a elaboração da análise

Analisei as condições sócio históricas da interação discursiva, a constituição discursiva das cartas e as dimensões do agir materno. Prossegui analisando o agir com responsividade, alteridade e responsabilidade. Para tal, dialoguei com excertos das cartas.

Durante do processo de análise, interagi com os teóricos: Antipoff (1996); Bakhtin (2010, 2011, 2017, 2019); Bronckart (1999); Campos (2012); Orlandi (2015); e Volóchinov (2018, 2019).

Partindo dos modos como as cartas se constituem, procedi à análise das modalizações que se mostram mais relevantes para analisar a responsividade, a alteridade e a responsabilidade, estudo essencial para responder ao questionamento inicial.

Para a análise das cartas, tomarei alguns dos elementos constitutivos do quadro analítico proposto por Bronckart (1999). Em sua proposta, o autor apresenta um método de análise de texto a partir do contexto de produção e da arquitetura interna. O contexto de produção se constitui pelos parâmetros do mundo físico: emissor, receptor, espaço e momento em que o texto é produzido. Os parâmetros do mundo social e subjetivo são elementos de interação comunicativa que integram valores, normas e regras e o conteúdo temático, o assunto.

Nesse processo de análise, a infraestrutura textual corresponde ao plano geral do texto, aos tipos de discurso e tipos de sequências. Os mecanismos de textualização incluem a coerência, a coesão nominal e verbal; os mecanismos enunciativos integram as vozes, especialmente, as modalizações que agenciam o “posicionamento enunciativo”, fundamental na construção da alteridade e do movimento dialógico do texto (BRONCKART, 1999, p. 319-321).

Neste trabalho de tese, analiso a responsividade, a alteridade e a responsabilidade a partir dos mecanismos enunciativos, considerando as modalizações. De acordo com Bronckart, as modalizações têm “como finalidade geral traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários e avaliações formulados a respeito de alguns elementos do conteúdo temático” (BRONCKART, 1999, p. 330). Ele salienta que as modalizações contribuem para o estabelecimento da coerência pragmática, orientando o destinatário na interpretação do conteúdo temático.

Bronckart (1999) atribui quatro funções às modalizações:

- a) função lógica, apoiada em critérios do mundo objetivo, condições e verdade, fatos atestados; função deontica, assentada nos valores, nas opiniões e nas regras do mundo social;
- b) função apreciativa, procedente do mundo subjetivo, julgamentos; e
- c) função pragmática, responsável por atribuir responsabilidade ao agente, apontando para intenções, razões, causas, restrições.

A respeito das modalizações, Koch salienta que elas são “igualmente importantes na construção do sentido do discurso e na sinalização do modo como aquilo que se diz é dito” (KOCH, 2018, p. 50).

Koch (2018) denomina indicadores modais ou índices de modalidade aos modalizadores apontados pela lógica e indicadores atitudinais ou índices de avaliação e de domínio aos indicadores de atitude ou estado psicológico.

Para Koch (2018) existem diversas formas de expressão de modalidade:

Certos advérbios ou locuções adverbiais (talvez, provavelmente, certamente, possivelmente etc.); verbos auxiliares modais (poder, dever etc.); construções de auxiliar + infinitivo [ter de + infinitivo, precisar (necessitar) + infinitivo; dever + infinitivo etc.]; ‘orações modalizadoras (tenho a certeza de que ..., não há dúvida de que ..., há possibilidade de ..., todos sabem que ..., etc.) (KOCH, 2018, p. 51).

Como exemplos de indicadores de atitude ou estado psicológico, Koch (2018) apresenta: infelizmente, felizmente, é com prazer, pesarosamente e francamente. Expressões adjetivas e formas intensificadoras podem traduzir atitude subjetiva do locutor. Exemplo: excelente, extremamente.

Alguns operadores, de acordo com Koch (2018), delimitam o domínio dentro do qual o enunciado deve ser entendido ou o modo como ele é formulado, como, por exemplo: politicamente, geograficamente, resumidamente e concisamente.

A seguir, a análise das cartas.

4 O DISCURSO DE HELENA EM ANÁLISE

Certa vez, em conversa o filho de Helena lhe disse:
 - Creio que a senhora nunca amou ninguém realmente. Dividindo o seu afeto entre tantas pessoas, não pôde conceber um sentimento irrestrito por alguém em particular.
 Ela lhe respondeu:
 -É que acima do sentimento para com uma só pessoa, existe um sentimento de amor universal, que se traduz por uma ideia. É um estágio acima do amor individual, visto que corresponde a um conceito humanitário.
 (ANTIPOFF, 1996, p. 174).

Sob o viés dos estudos do discurso que orientam esta pesquisa, iniciaremos por ancorar historicamente a situação concreta de onde emergiram os discursos que nesta seção serão analisados. Considerando que não se pode isolar os signos das formas concretas da comunicação social (VOLÓCHINOV, 2018, p. 110), iniciaremos pela análise das condições sócio históricas que desempenharam um papel na apreensão do contexto da interação discursiva a ser examinada.

4.1 Condições sócio históricas da interação discursiva

Na década de 1930, era incomum uma mãe afastar-se de seu filho, assim como era incomum uma mulher estudar, adquirir uma profissão e tornar-se financeiramente independente. As cartas são, então, para Helena uma tentativa de uma mãe de fazer-se presente nas etapas da vida do filho que estava distante dela. Foram escritas semanalmente, por vezes, duas por semana, o que evidencia o peso dessa distância.

Daniel foi um filho gerado no início da Revolução Russa de 1917, tendo nascido em 1919, do casamento de Helena com Vítor Iretzky. Nessa época havia muita fome na Rússia e a família tinha pouquíssimo alimento. Vítor, jornalista e escritor, foi preso pelo regime stalinista e depois seguiu para a Alemanha. Em 1924, mandou dinheiro para as passagens, possibilitando que Helena e o filho fossem se encontrar com ele. Não se adaptou à Alemanha e, com o apoio do amigo Claparède, que a convidou para trabalhar no Instituto Rousseau, seguiu para Genebra com o filho, onde passou a residir e trabalhar.

Em 1929, contratada pelo governo de Minas Gerais para lecionar a disciplina de Psicologia Educacional e dirigir o Laboratório de Psicologia na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte, transferiu-se para o Brasil. Como citado anteriormente o filho Daniel ficou na França, aos cuidados da ex-aluna do Instituto Rousseau, Marguerite Souberyran

que, com a ajuda financeira de Helena, criou uma escola modelo em Dieulefit, sul da França.

Conhecer a história de Helena Antipoff é relevante, sob o viés dos estudos do discurso que orientam minha pesquisa, para contextualizar o fato de mãe e filho viverem em países diferentes. Helena veio para o Brasil a trabalho, procurando obter condições para educar o filho e ajudar financeiramente a família, a mãe e as irmãs que estavam na França.

As condições de interação discursiva das cartas dizem respeito a essa história, porque, conforme Volóchinov: “A situação social mais próxima e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, de dentro, a estrutura do enunciado” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 206).

4.2 Constituição discursiva das cartas

As cartas seguem o padrão do gênero carta pessoal/familiar. Em todas há o local onde foram escritas e a data, seguidos de um carinhoso modo de introduzir o filho na narrativa, como “Meu querido filho” e “Meu querido pequeno”. O desenvolvimento, algumas vezes, é pontuado por perguntas e respostas e argumentações a respeito do que deve ou não ser realizado e do cotidiano do filho. Há também narrativas, reflexões filosóficas, morais, políticas e culturais, cobranças e pedidos. Ao final, despedidas afetuosas, carinhosas e, muitas delas, marcando o lugar de mãe por meio da expressão: “Sua mãe”.

Escrevendo em francês, Helena utiliza o travessão¹³ de forma recorrente. Este sinal de pontuação passa a incorporar o estilo da escrita das cartas, funcionando para indicar pausa, silêncio, contraposição; dar ênfase a uma dúvida, introduzir uma retomada do dito, criar expectativa, etc.

Analisando alguns excertos, é possível flagrar alguns usos do travessão conforme as reflexões acima.

Carta de 15 de agosto de 1938

Estamos fazendo castelos no ar. Gostaríamos de ampliar nosso trabalho do Instituto Pestalozzi; construir uma Clínica Endocrinológica (para crianças com retardo, nervosas ou indisciplinadas) com distúrbios glandulares. – Na verdade, é a grande maioria de nossas crianças.

[...]

Onde anda a Grany neste momento? Gostaria de lhe enviar uma carta. – Penso, com gratidão, todos os dias nela: aqui fazia frios de cão e as manhãs continuam a ser frias, quando desço para tomar meu banho na casa da vizinha, onde mora D. Nina com uma

¹³ No russo, língua materna de Helena Antipoff e do filho, o travessão tem dois significados: pode ser o presente do verbo ser (Ex.: Helena – russa). Pode ser também como uma marca de silêncio ou pausa. Em ambos os casos, seu uso traz particularidades interessantes para a escrita e para a leitura dos textos e diz algo sobre um povo.

parte das crianças. (ANTIPOFF, 1938c).

Nesses excertos, o travessão parece funcionar como silêncio ou como introdução de uma retomada do dito.

Carta de 15 de abril de 1938

Semana passada, passei por um período de forte depressão: a carta também não saía direito e me deixei levar por uma espécie de sonolência e de inatividade, só gastando energia com as coisas do meu dever profissional. – Mas, desde terça passada, as coisas caminham de outra maneira: a casa ficou de cabeça para baixo [...]

[...]

Ainda bem que esses acontecimentos se passaram durante a Semana Santa. Desde quarta estamos de recesso, até a próxima segunda. – Como prometi a um rapaz (antigo escoteiro, termina este ano o direito; é presidente de um Centro de Estudos Brasileiros) um artigo para uma revista, ainda tive bastante força e gosto para lhe escrever algumas páginas sobre este assunto: Trabalho e lazeres. – Justamente quando eu acabava de terminá-lo, chegava sua carta com a dúvida que você expunha sobre a falta de entusiasmo do Europeu. Ele te dá a impressão de tédio e cansaço. – Primeiro, é preciso verificar se é realmente o caso para a maioria. Você acha? (ANTIPOFF, 1938b).

O primeiro travessão (– Mas) parece funcionar para reforçar a contraposição; o segundo (– Como prometi) uma pausa, o terceiro (– Justamente), uma pausa e o quarto (– Primeiro) uma pausa.

Carta de 9 de março de 1931: “Eu espero que esta carta chegue – a tempo para que você possa receber no dia do seu aniversário meus votos mais profundos para este ano.” (ANTIPOFF, 1931a).

O uso do travessão parece que quer enfatizar a dúvida.

Carta de 28 de julho de 1931

As borboletas azuis, os colibris, as araras multicores, os macaquinhos divertidos, e a cobra cascavel, as Boas, os tamanduás, os teiús e mil outros seres desagradáveis ou bizarros. Dentre estes últimos – o gambá, o visitante da noite passada, pequeno bicho bonitinho, que veio pegar os pintinhos de D. Nina. (ANTIPOFF, 1931c).

O travessão parece funcionar para criar uma expectativa e enfatizar o que foi dito.

Neste momento não vou prosseguir na análise das possibilidades de funcionamento do travessão na escrita de Helena, entretanto, trata-se de um interessante estudo para o futuro.

É importante considerar a escrita de Helena como um diálogo de uma mãe com seu filho, em um processo que transcorre à medida em que Daniel vai se desenvolvendo, ou seja, inicia quando ele tem dez anos e termina quando ele tem dezenove anos. Nesse percurso das trocas de correspondências, o filho vai sendo projetado ora como criança/pré-adolescente que

precisa de conselhos, ora como adolescente que, mais do que conselhos, precisa ser compreendido em suas necessidades fisiológicas, sociais e psicológicas.

Carta de 19 de dezembro de 1930

Há algum tempo, uma eternidade, não recebo suas notícias, o que está acontecendo? Doente? Ocupado além da conta? Esqueceu sua mamãe? O que mais?

Eu também não te escrevo com frequência, mas escrevo mais do que você, querido. Nós terminamos os estudos. Tivemos uma linda festa com os alunos, no dia da distribuição de diplomas. Agora ainda, durante alguns dias, a escola está aberta para a exposição dos trabalhos.

E sua escola, fez uma exposição de fim de ano? Se você não pode fazê-la em julho, sugira à tia Marguerite fazê-la agora. A exposição dá uma ideia do trabalho feito durante o ano; ela permite também rever todos os trabalhos aos quais nos dedicamos. Você se lembra das lindas exposições da Casa dos Pequenos, onde podíamos ver muitas coisas interessantes?

[...]

Você teve a oportunidade de conversar com a escola do Brasil, você já falou com os escoteiros? Você se lembra de como você se irritava quando eu te propunha tomar notas nas cadernetas? Que garotinho você é! Por que isso te desagradava tanto? E o xadrez, você ainda joga? Se você tiver tido a chance de jogar, deve ter feito um bom progresso e nunca mais irá querer jogar com sua velha mãe, que ‘reflete muito tempo sem que o resultado seja o melhor’. Pobre velha! (ANTIPOFF, 1930b).

Quando Daniel recebeu a carta de 19 de dezembro de 1930, ele estava com onze anos. Nessa carta, Helena elaborou para ele um discurso muito acolhedor, com muitas perguntas que demandam respostas e - interação intensa. No início e no fim da carta, quer saber a respeito do que está se passando com ele. Também o estimula a interagir, na França, com os amigos e familiares. É possível considerar que ela escreve a partir do “outro”, do filho com 11 anos de idade.

Carta de 15 de abril de 1938

Ainda bem que esses acontecimentos se passaram durante a Semana Santa. Desde quarta estávamos de recesso, até a próxima segunda. – Como prometi a um rapaz (antigo escoteiro, termina este ano o Direito; é presidente de um Centro de Estudos Brasileiros) um artigo para uma revista, ainda tive bastante força e gosto para lhe escrever algumas páginas sobre este assunto: Trabalho e lazeres. – Justamente quando eu acabava de terminá-lo, chegava a sua carta com a dúvida que você expunha sobre a falta de entusiasmo do Europeu. Ele te dá a impressão de tédio e de cansaço. – Primeiro, é preciso verificar se é realmente o caso para a maioria. Você acha? Muitos jovens que pude observar durante minha estada na Suíça, na Alemanha e na França não me pareceram estar tão atingidos. Lembro-me de ter constatado muito mais na Rússia de antes da guerra, na vida ou através da literatura. Insatisfeitos, censurado o estado político e social, sofriam em ver as misérias que não sabiam como remediar. Uma espécie de ‘mal universal’, uma dor pela tristeza dos outros, um mal-estar de se sentir imperfeito, pobre diabo, ao passo que se queria ter a potência de Hércules para vencer a Hidra. Ao examinar mais de perto, é sobretudo o descontentamento consigo mesmo, o sentimento de sua inferioridade e do desequilíbrio entre o que se queria ser e o que se é. – Esse sentimento, quando não leva ao fim, ao vício ou ao suicídio, parece-me mais uma fonte estimulante do que destrutiva ou paralisante. É nesses estados que, de minha parte, percebo algo. Quando me sinto viver toda contente e

satisfeita da vida, deslizo automaticamente para as dificuldades, contorno-as. Ao contrário, a depressão abre a chave a um estado mais reflexivo, mais consciente das coisas. Rumino-as, esterilmente talvez, mas é dessas reflexões de que me sirvo quando a onda remonta e em que me sinto leve e despreocupada. (ANTIPOFF, 1938b).

Em 15 de abril de 1938, Daniel estava com dezoito anos. A relação dialógica de Helena com o filho torna-se mais reflexiva e os conteúdos exigem dele capacidade de observação e de análise dos fenômenos, dos acontecimentos pessoais e sociais.

Bakhtin (2019) salienta:

Os gêneros e estilos íntimos se baseiam na máxima proximidade interior do falante com o destinatário do discurso (no limite, como que na fusão dos dois). O discurso íntimo é impregnado de uma profunda confiança no destinatário, em sua simpatia – na sensibilidade e na boa vontade da sua compreensão responsiva (BAKHTIN, 2019, p. 66).

A proximidade entre mãe e filho possibilita uma interação com mais confiança e maior compreensão responsiva. Helena escreve para o filho, pensando nele, no cotidiano dele, em todas as necessidades dele e nas possíveis reações que ele possa ter, em relação ao discurso dela. Nessa medida as cartas são atravessadas pelos posicionamentos ideológicos e pelos valores. São marcadas pelas condições sociais e históricas da década de 1930 e pela relação de distanciamento/aproximação de uma mãe com seu filho. São discursos com relativa conclusibilidade e repletos de posicionamentos axiológicos. O conteúdo temático é muito diverso, incluindo histórias cotidianas, reflexões filosóficas e psicológicas, aconselhamentos, acompanhamento da educação do filho e compartilhamento de afeto.

Na constituição discursiva das cartas, percebemos a entrada em cena de outras pessoas pertencentes ao cotidiano da vida de Helena e de Daniel. Os sujeitos convocados, presentificados, têm movimentos no dizer dela e fazem parte da rede discursiva criada por ela para apoiar e educar o filho. A correspondência entre mãe e filho pode ser considerada uma educação a distância, não presencial, sustentada, também, por essa rede de relacionamentos.

Assim, teremos, no contexto das cartas, quinze referências à Grany, apelido de Sofia, mãe de Helena que morava na França, seguida de dez referências à Tia Marguerite, proprietária da escola onde Daniel estudou e cinco referências à Tânia, irmã de Helena. Essas três mulheres parecem representar o apoio afetivo de Daniel, durante o período em que ele morou na França.

O pai de Daniel, Vítor Iretzky, também foi citado oito vezes. Helena incentivava a relação do filho com o pai e se correspondia com os dois.

Observemos a carta a seguir:

Carta de 29 de novembro de 1935

Eu estou bem contente de ver que você amou muito o seu pai. Que você o admirava como ele merecia. Era um homem de uma cultura europeia bem fina. Um homem bem direito. Um homem honesto e discreto. Jamais ele se queixou a ninguém e suportou seu mal e todos os seus dissabores estoicamente. – Se você herdou seus traços de caráter, de inteligência, você está bem provido, minha criança, para se igualmente um homem de bem. (ANTIPOFF, 1935d).

Quando Helena escreveu a carta acima, o pai de Daniel, havia morrido devido a uma tuberculose. Discursivamente, há uma mulher exercendo o papel de mãe acalentando o filho num momento difícil e tecendo, também, para ele, um discurso moral. Há uma outra mulher, a psicóloga, que age no sentido de construir e preservar a imagem do pai, sabedora que é da importância que essa imagem pode ter na vida do filho.

Continuando a analisar a presença dos “outros” no discurso de Helena, além dos familiares mais próximos, a pessoa mais referenciada (seis vezes) nas cartas é Claparède, amigo e mestre dela. Ele a ajudou de diversas formas e em vários períodos da vida dela. Ele a levou para trabalhar no Instituto Rousseau por duas vezes e a ajudou financeiramente. Também veio até ao Brasil para visitá-la. Era muito agradecida ao Claparède e compartilha isso com o filho, fazendo com que ele também o seja.

Na França, Helena construiu uma rede de proteção para o filho, formada por familiares e amigos. Também incentivou o filho a cuidar dos bons amigos dele. Construiu para o filho uma outra rede de proteção e formação, composta por filósofos, médicos, músicos, psicólogos, escritores e poetas tais como: Alexis Carrel¹⁴, André Maurois¹⁵, Antonin-Gilbert Sertillanges, Arcangelo Corelli¹⁶, Benjamin Disraeli¹⁷, Charles Robert Richet¹⁸, Felix Mendelssohn

¹⁴ [...] foi um biólogo francês. [...] estudou medicina na Universidade de Lyon e graduou-se em 1900. Depois emigrou para os Estados Unidos. Como não existiam anticoagulantes nas transfusões de sangue na época, as mesmas só eram possíveis mediante a ligação dos vasos do receptor aos do doador. Por essa técnica, que permitiu as transfusões sanguíneas, Alexis Carrel recebeu o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1912. (CARREL, 2020).

¹⁵ Emile Salomon Wilhelm Herzog [...] foi um romancista e ensaísta francês. Seu pseudônimo André Maurois tornou-se seu nome legal em 1947. (MAUROIS, 2020).

¹⁶ [...] foi um professor, maestro, violinista e compositor italiano. [...] Recebeu formação em Bolonha e Roma, e nesta cidade desenvolveu a maior parte de sua carreira, sendo patrocinado por grandes mecenas aristocratas e eclesiásticos. [...]. (CORELLI, 2020).

¹⁷ [...] foi um político Conservador britânico, escritor, aristocrata e Primeiro-Ministro do Reino Unido em duas ocasiões. Ele teve papel central na criação do Partido Conservador moderno, definindo suas políticas e ampla divulgação. Disraeli é mais lembrado por sua influência em assuntos internacionais [...]. (DISRAELI, 2020).

¹⁸ [...] médico fisiologista francês. Descobridor da soroterapia e da anafilaxia (uma reação alérgica), foi laureado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1913. Também se interessou por fenômenos paranormais, tendo criado a metapsíquica; e por aviação, tendo desenvolvido com Louis Breguet em 1907 um giroplano. (RICHET, 2020).

Bartholdy¹⁹, Rudyard Kipling, Wolfgang Amadeus Mozart²⁰, entre outros, orientando o filho a ler as obras deles e a estudá-los. Construindo essas “redes”, projeta um cuidado com o desenvolvimento biológico, social, psicológico e cultural do filho.

Ela realiza um outro movimento, ao apresentar para o filho os seus amigos e colaboradores, no Brasil. Por exemplo, D. Nina é referenciada dez vezes, tornando-se assim próxima de Daniel. Outros amigos também são citados. Ao narrar episódios vividos por ela, no Brasil, realiza um movimento de aproximação e inserção do filho nesse universo. Há também a apresentação de instituições de ensino superior onde Daniel poderia vir a estudar, como a de Viçosa, a - “Escola de Minas” - em Ouro Preto e, no Rio de Janeiro, a Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências. Esses movimentos discursivos parecem funcionar como uma tentativa de convencer e preparar o filho para vir para o Brasil. São todos movimentos retóricos, que sustentam a argumentação da mãe.

A mãe, em seu modo de dizer, age, cuidando do filho que está em outro país. Assim fazendo, cria e mantém laços com ele. O enlaçamento se estende desde as relações familiares e de amizade até a aproximação com escritores, filósofos, médicos, políticos, músicos e filósofos.

Nesse movimento discursivo, observam-se indícios de que Helena rompe com o tradicional modelo de mãe e com o ideal de esposa da época, passando a dedicar-se a uma carreira profissional e a projetos educacionais. Contrariando os padrões vigentes, casou-se e se separou duas vezes.

4.3 As muitas dimensões do agir materno

Passo a examinar dimensões do agir de Helena emergentes da constituição discursiva das cartas e que constroem a relação mãe e filho, considerando a opacidade da linguagem e o que ela permite revelar (ou refratar). Conforme escreve Orlandi, “[...] nem a linguagem, nem os sentidos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente” (ORLANDI, 2015, p. 46).

Na troca de correspondências com o filho criança/adolescente que ela “deixou” na França, Helena fala a partir da posição de uma mãe que está enfrentando os desafios desse

¹⁹ [...] conhecido como Felix Mendelssohn [...] foi um compositor, pianista e maestro alemão do início do período romântico. Algumas das suas mais conhecidas obras são a abertura e a música incidental para *Sonho de uma Noite de Verão* (que inclui a famosa *Marcha nupcial*), o Concerto para violino, os dois concertos para piano, cerca de 100 *Lieder*, a abertura *As Hébridas*, as sinfonias *Italiana* e *Escocesa* e os oratórios *Paulus* e *Elias*. (BARTHOLDY, 2020).

²⁰ [...] foi um músico e compositor austríaco, considerado um dos maiores nomes da música erudita e um dos compositores mais importantes da história da música clássica. (FRAZÃO, 2021).

distanciamento.

Ela age, discursivamente, como uma mãe que acolhe, constrói e mantém laços. Por exemplo, os modos de introduzir o filho na narrativa vão produzindo movimentos de inserção desse filho no discurso e, com isso, enredando, aproximando, criando e mantendo laços, por exemplo: “Meu querido filho”; “Meu querido pequeno”; “Meu caro Daniel”; “Minha cara criança”; “Meu Daniel querido”.

Vejamos alguns excertos das cartas:

Carta de 24 de janeiro de 1937: “Como vai você, meu garoto? Tua saúde está excelente, como eu queria que ela estivesse? Seu humor está bom? Teu trabalho te satisfaz? Teus amigos te deixam feliz”? (ANTIPOFF, 1937).

Os laços são construídos, também, na manutenção e frequência do ir e vir das cartas e nas cobranças, nos questionamentos que buscam por respostas, nas ações responsivas. O excerto acima é um exemplo disso.

Uma outra dimensão do agir de Helena como mãe é a luta para garantir a subsistência do filho, considerando a distância, a instabilidade inicial no trabalho dela e as condições sócio históricas da época, como a iminência da guerra.

Carta de 7 de março de 1938

Estou muito feliz que o bom Claparède tenha podido lhe passar algum dinheiro. Você não imagina a angústia que este estado de coisas me causava: eu já o via desprovido do estrito necessário e entediado no mais alto grau, pelas questões de aluguel, taxas de estudo etc. Ontem um de meus amigos que foi para o Rio de Janeiro foi encarregado de lhe enviar em torno de cinco mil francos. O Banco do Brasil me deu a autorização, mas a dificuldade era encontrar uma casa de câmbio aqui em Belo [Horizonte]; espero que ele consiga e que você tenha ainda um pouco. Eu digo um pouco, pois assim que o dinheiro for recebido eu pedirei à mamãe para reenviar os três mil a Claparède. (ANTIPOFF, 1938a).

Helena sente-se angustiada quando imagina o filho desprovido do mínimo necessário. Como provedora, ela busca soluções para que o filho tenha dinheiro suficiente para o sustento dele. A solução demanda ajuda de parentes e amigos. Claparède havia emprestado dinheiro para Daniel, a pedido de Helena. Quando consegue enviar 5 mil francos para a França, conta com a ajuda da mãe dela, Grany, para devolver a Claparède os 3 mil francos que ele havia emprestado e deixar 2 mil francos com o filho.

Em 1938, Daniel estava com 19 anos e o modo de dizer da Helena aproxima-se de um diálogo com um adulto. Nessa mesma carta, ela fala para o filho a respeito da relação do avô

com a avó dele, tecendo reflexões complexas e, também, escreve a respeito de uma criança com deficiência, abordando aspectos muito técnicos da Psicologia, o que só poderia ser compartilhado com uma pessoa mais adulta.

Carta de 4 de março de 1934

Acabo de começar um pequeno livro, cujo tema me interessa já há algum tempo e que peguei até como tema do meu curso de Psicologia durante um ano: o trabalho. O assunto é vasto, é o cruzamento de mil problemas psicológicos, econômicos, sociais e morais. Faço votos para que faça sucesso, pois eu te o dedico. 'A Daniel, meu filho', coloquei no cabeçalho de um manuscrito que só tem uma dezena de páginas, mas que quero avançar. Tal dedicatória me estimula, e o trabalho sobre o Trabalho se faz mais agradavelmente, com mais entusiasmo. É para seus quinze anos esse pequeno presente. Espero terminá-lo durante o ano de 1934. Será publicado em francês, primeiro, depois em português, com sua permissão. (ANTIPOFF, 1934).

Helena insere o filho no trabalho dela dizendo que ele poderia colaborar em um evento da escola, que ela pensa nele ao escrever e dedica a ele livro que ela escreve. Ela tece um discurso simplificado a respeito do texto que está produzindo, dizendo que o assunto é vasto. Agindo assim, parece respeitar o processo de amadurecimento dele que, em 1934, tinha quinze anos.

Os movimentos de inserção do filho no trabalho da mãe sinalizam, também, uma preocupação dela com relação ao futuro profissional do filho, às escolhas profissionais que ele possa fazer. Ela tateia caminhos e os apresenta ao filho.

Helena deixou o filho na França por nove anos. Há um não dito permanente: o abandono. Não estou me referindo a um abandono real, o que nunca aconteceu. Ela exerceu uma maternidade à distância, mas de toda forma exerceu.

Ela precisava trabalhar e o convite do Governo de Minas lhe pareceu promissor, porque poderia dar continuidade ao trabalho e à pesquisa na área de educação de crianças. Ela também reconhecia que o Brasil acolhia e dava possibilidades para os estrangeiros. A permanência do filho na França pode ser compreendida como oportunidade de acesso a excelentes escolas e, também, oportunidade de conhecer outros países, como a Inglaterra e aprender novas línguas. Na França, o filho contou com o suporte da avó, da tia e de amigos, fato que também deve ter sido considerado por Helena.

Carta de 5 de abril de 1936

Mais de uma semana se passou sem que eu tenha te escrito. Desculpe-me, por favor. Como te escrevi, fiz, em menos de um mês, duas viagens para São Paulo, depois para o Rio. Assim que cheguei, as aulas retornaram na Escola. Muitas preocupações com o Instituto e todas as outras coisas que não andam como desejamos e, sobretudo, quando consigo mesmo, as coisas não andam como gostaríamos: tudo isso nos dá uma

dose de amargura na alma, e nos recolhemos no nosso canto, como o animal, para se sentir bem. Creio que é um cansaço geral que se torna um pouco pesado para aquele que deveria se desdobrar em dez e que só faz pequeno mínimo das coisas. Você me desculpará, não é, querido? Além disso, o calor do verão ainda não nos deixou, e nos sentimos amolecidos nesta temperatura exagerada. (ANTIPOFF, 1936d).

O modo de textualizar, no excerto acima, parece corroborar com a possibilidade de um não dito. A princípio, Helena justifica a ausência de cartas pelo excesso de trabalho. Entretanto, há um reiterado pedido de desculpas sinalizando a possibilidade de uma pergunta: Quem deve perdoar quem? O filho deve perdoar a mãe? A mãe deve perdoar a si mesma? O abandono paira no ar.

Helena cobra muito de si mesma, afirmando que deveria se desdobrar em dez e que faz o mínimo das coisas. Ela não tem álibi, precisa agir. Bakhtin salienta:

O dever encontra a sua possibilidade originária lá onde existe o reconhecimento do fato da unicidade da existência de uma pessoa e tal reconhecimento vem do interior dela mesma, lá onde esse fato, se torna o centro responsável, lá onde eu assumo a responsabilidade da minha própria unicidade, do meu próprio existir (BAKHTIN, 2017, p. 99).

Carta de 24 de janeiro de 1937

Hoje fez um calor sufocante. Nós estamos em pleno verão. – Uma grande chuva tropical veio refrescar o ar e está agradável agora. De longe escuta-se cantar as rãs, e o grilos emitem ruídos de todos os lados. Os vagalumes voam aqui e acolá: dir-se-ia que são estrelas voando bem baixo sobre a terra.

Enfim hoje escrevi uma carta ao Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, agradecendo-lhe por seu amável convite. É que tive uma entrevista com o Secretário daqui, e este por nada no mundo não quer me ver partir. Ele está fazendo grandes projetos sobre a melhoria da instrução pública e meus serviços, diz ele, são indispensáveis. Por outro lado, o Secretário do Interior também se lança em reformas da assistência às crianças, e me considerando uma especialista em questão, obriga-me a trabalhar a seu lado. Provavelmente, em vez de refazer meu contrato, eles desejarão proceder a uma nomeação permanente. Isso é bem melhor, pois me evita as preocupações de procurar me estabelecer, toda vez que o término do contato se aproxima [...]. (ANTIPOFF, 1937a).

No início, Helena faz, discursivamente, um movimento de inserção do filho no cotidiano dela, apresentando para o filho um Brasil com calor sufocante e chuva tropical seguida de ar agradável. Acrescenta rãs, grilos e vagalumes “estrelas voando bem baixo sobre a terra”, mostrando o cenário de modo poético.

O segundo parágrafo inicia com advérbio de tempo (enfim) usado muito mais para introduzir a decisão tomada pela educadora do que para dar a ideia de conclusão. Ela dá por encerrada a descrição do cenário local e passa a discorrer sobre o novo cenário profissional que se delinea e no qual desempenhará funções de relevância, além de representar uma efetiva e

definitiva segurança.

Ela se vê como importante, como responsável pelo ato “por nada no mundo não me quer ver partir” e enfatiza a si mesma como responsável pelo ato: “obriga-me a trabalhar a seu lado”. Ao fazer isso, ela reconhece a sua singularidade e a necessidade de agir de forma participativa.

Reconhecer a singularidade significa compreender, também, que “tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca” (BAKHTIN, 2017, p. 96).

A respeito do pensamento participativo, tão presente no discurso de Helena, salienta Bakhtin: “Um pensamento participativo é precisamente a compreensão emotivo-volitiva do existir como evento na sua singularidade concreta, sob a base do não-álibi no existir” (BAKHTIN, 2017, p. 102).

A metáfora do peso da responsabilidade do trabalho faz-se presente nas construções discursivas: “e este por nada no mundo não me quer ver partir” e “[...] e meus serviços, diz eles, são indispensáveis” e “obriga-me a trabalhar a seu lado”.

Agindo discursivamente dessa forma, parece afirmar o trabalho como prioridade na sua vida. De forma contida, demonstra satisfação com os avanços em relação ao trabalho e com a possibilidade de tornar-se funcionária efetiva do Estado.

Nessa mesma carta de 24 de janeiro de 1937, logo a seguir, muda o modo de textualizar, projetando um possível “estar juntos”. A mãe terna e saudosa se faz presente.

“Espero, com impaciência, o visto suíço, pois acordei com o Secretário que passarei seis meses (abril – setembro) na Europa. – Espero com impaciência esse visto. – Espero que passemos bons momentos juntos. Talvez nós iremos no verão à Itália [...]” (ANTIPOFF, 1937a).

Na longa narrativa presente na carta, a seguir, será possível apreender os movimentos de construção do agir responsivo e responsável que emerge do funcionamento discursivo.

Carta de 13 de janeiro de 1936

E agora um pequeno acontecimento na Av. Paraúna ^[21]: antes de ontem à noite veio um rapazinho mulato bater à nossa porta. Perguntei o que ele queria, ele respondeu: “Procuro um lugar onde eu possa viver. Meu Pai morreu, minha mãe fugiu de caminhão, nos deixando a brincar no pátio, atrás da casa. O caminhão não fez nenhum barulho na arrancada e, quando quisemos entrar na casa, ela estava fechada e ninguém lá dentro. Três noites eu passei sob o viaduto e agora, cansado, eu procuro uma casa”. Grandes nuvens se juntaram bruscamente em uma massa bem escura e começaram a derramar água como só existe nos trópicos interrompendo a nossa conversa e nos fazendo entrar os dois em casa. O rapazinho mulato ficou esta noite e, depois de um banho, teve uma cama macia e branca preparada pela empregada Miluca. Vivo e bem inteligente para seus dez anos, ele nos contou a história triste de sua vida. Pai morto, mãe desnaturada que começou a levar uma vida de mulher pouco direita,

²¹ Trata-se da Av. Getúlio Vargas, originalmente denominada Av. Paraúna.

deixando seus seis filhos nas mãos dos vizinhos dos pais. Antônio, nosso herói, seja porque ele amava mais a mãe, seja porque seu temperamento fosse mais sagaz, não se acomodava à vida na casa das pessoas, onde ele buscou refúgio desde o abandono da mãe.

No dia seguinte nós fomos procurar o tio dele: a história contada por Antônio, um dia antes, não era nem totalmente verdade, nem totalmente mentira. O fundo, no entanto, era bem verdadeiro: a criança abandonada pela mãe, com caráter esperto, independente, já um pouco revoltada, o lhe impedia de se adaptar como seus irmãos, a uma existência tranquila. Seu tio, ao vê-lo, propôs-lhe imediatamente experimentar a correia pelas fugas e outras maquinações que ele tinha feito ultimamente. O homem, meio bêbado, ameaçava enforcá-lo e matá-lo naquele momento. A criança permanecia com toda a sua dignidade humana, depois começou a chorar, mas calmamente, sem barulho, lançando lágrimas de vez em quando de suas pálpebras bem fechadas. Era uma cena bem penosa e Miluca me fazia sinais para abreviar essa tristeza. Nós nos levantamos e levamos a criança para a nossa casa – Ele se sentia feliz como um passarinho – Mas ele vai se entediar sozinho, sem a companhia das outras crianças e acabará por fazer idiotices, quando a novidade da existência não mais tiver charme. – Hoje eu me encarreguei de levá-lo a um instituto (Instituto João Pinheiro) e, se por uma felicidade houver lugar, o destino da criança estará pronto para sempre. Há muitos meninos infelizes e cada caso desse gênero me faz desejar ainda mais que você venha para cá e, uma vez completado o seu curso de agronomia, nós construiríamos uma bela escola e fábrica para reunir esses meninos miseráveis”. (ANTIPOFF, 1936a).

No início do excerto, Helena apresenta o local, o tempo e o personagem principal da narrativa. Em seguida, ela elabora uma pergunta e cita integralmente a resposta do rapazinho. Entretanto, trata-se de uma resposta ancorada nos pontos de vista e valores dela. Ela não citou a fala do outro, uma vez que reconstruiu o discurso do outro. Trata-se de uma reelaboração da narrativa, uma refração do discurso, uma posição axiológica tomada a partir dos próprios valores. Para a Análise do Discurso, como diz Orlandi (2015), uma interpretação.

Segundo Bakhtin (2019):

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante (BAKHTIN, 2019, p. 24-25).

O tom emotivo-volitivo acompanha a descrição da chegada da chuva, compondo o cenário para um gesto que viria: o acolhimento de uma criança de dez anos. Na construção do cenário há o imponderável: uma ação do destino. A chuva os obriga a entrar em casa.

As escolhas lexicais são marcas da individualidade dela. A expressão “rapazinho mulato” marca o lugar da europeia, assim como a expressão “cama macia e branca”. Posteriormente ela nomeia o personagem de Antônio.

Há dois sintagmas muito relevantes nesse excerto. São eles: “pai morto” e “mãe desnaturada” que apontam para uma ação responsiva diante dos eventos. Ao mesmo tempo, é possível postular que Helena traga a si mesma para esta cena relatada na carta, o que parece revelar, ao modo de Bakhtin, as relações dialógicas do falante com a própria fala.

Pela escolha lexical “rapazinho mulato” e a composição sintática “Procuro um lugar onde eu possa viver”, podemos apreender os gestos de acolhida de Helena com relação a Antônio. Ela ouve, pergunta o que ele quer, presta atenção no dizer dele e o acolhe na casa dela, preocupa-se e toma atitudes com relação ao destino dele. Há uma mãe adotante, metaforicamente dizendo.

“Há muitos meninos infelizes e cada caso desse gênero me faz desejar ainda mais que você venha para cá [...]”. Há aqui uma fala outra: Quando encontro um menino infeliz, eu me lembro de outro: você. Nesse momento ela realiza um movimento de inclusão, de adoção coletiva, de querer todos juntos dela.

Na narrativa há uma cena capaz de revelar a extrema sensibilidade de Helena em relação ao outro, – alteridade – relatada de forma quase poética: “A criança permanecia com toda a sua dignidade humana, depois começou a chorar, mas calmamente, sem barulho, lançando lágrimas de vez em quando de suas pálpebras bem fechadas”.

Sem barulho, sem falar nada, a mãe abandonou o filho. Sem barulho, sem falar nada, dignamente o filho chora o seu abandono. Mas há uma Helena no meio do caminho. Ela o acolhe e cuida para que ele tenha um futuro promissor.

A responsabilidade e a necessidade de interação da mãe com o filho ficam mais evidentes em algumas cartas. Vejamos os dois trechos seguintes.

Carta de 19 de dezembro de 1930: “Há algum tempo, uma eternidade, não recebo suas notícias, o que está acontecendo? Doente? Ocupado além da conta? Esqueceu sua mamãe? O que mais”? (ANTIPOFF, 1930b).

Carta de 23 de fevereiro de 1936: “Na penúltima carta, você me fala de uma tosse que te incomoda a ponto de te dar dores de cabeça. Ela enfim passou? É por que é forte ou por que é especialmente incômoda para a cabeça? Você consultou um médico”? (ANTIPOFF, 1936c).

Considerando a distância e a falta de convívio entre mãe e filho, há muitas perguntas que demandam respostas. Analisando os excertos acima é possível pensar numa construção discursiva que poderia estar marcando ou pelo menos dizendo ao seu filho: “Olha, eu sou sua

mãe! Não se esqueça de mim como mãe”. Trata-se de uma formação discursiva de mãe, que busca, mesmo à distância, exercer o papel social materno.

Helena pergunta: “esqueceu sua mamãe?” Ao fazer este questionamento, implicitamente, parece possível um outro questionamento: “Estou sendo suficientemente boa como mãe”? O não dito parece deslizar no discurso, mas continua não dito.

Uma outra faceta do agir materno parece emergir de imagens projetadas por Helena e construídas a partir de uma visão de mulher da época.

Observemos o excerto a seguir:

Carta de 7 de março de 1938

Há muitas coisas que os ratos, rigorosamente observados, ensinam para a melhor compreensão da conduta humana. E, eu acredito que já estou suficientemente madura para que essa experiência, no declínio da minha vida, possa em nada mudar minha atitude em relação à criança. (ANTIPOFF, 1938a).

Em 1938, Helena estava com 46 anos. Quando faleceu estava com 82 anos. Então, como explicar que ela se sentia “no declínio da vida” em 1938? Há, pelo menos, duas possibilidades. A primeira refere-se ao período reprodutivo da mulher e à visão de mundo da época. Uma criança se transformava em mulher, quando iniciava o período reprodutivo. Uma mulher se transformava numa velha, quando terminava o período reprodutivo.

Uma segunda possibilidade refere-se à visão social de beleza feminina associada à juventude. Nessa visão de mundo, uma mulher de 46 anos seria considerada velha.

Nessa mesma carta, Helena se despede do filho dizendo: “Sua velha mãe”.

Na carta de 15 de abril de 1938, encontramos como despedida a frase: “Sua velha mãe” (ANTIPOFF, 1938b) e na carta de 25 de outubro de 1936 a despedida dá-se com a frase: “Esperando as suas novidades, receba, cara criança, um beijo de sua velha mãe”. (ANTIPOFF, 1936f). Eu li as cartas, os diários e as anotações e, em todos esses discursos, há referências ao envelhecimento. O tom emotivo-volitivo dessas referências ao envelhecimento não é de aceitação. Ela acompanha o próprio envelhecimento, mas se revolta, também. Ela não está confortável com a mudança da aparência, tampouco com as restrições impostas pelo envelhecimento.

Observa, atentamente, as doenças que a acometem e luta para melhorar, porque tem trabalho a fazer. Em um dos diários escreve: “Estou numa fraqueza de quase confusão mental. Meu Deus: proteja os meninos! Que nada de grave lhes aconteça”. A preocupação com o trabalho, com as crianças a move. Ela precisa agir, fazer, realizar, cuidar!

Trata-se de um sujeito que reconhece o envelhecimento, mas não se acomoda, trabalha, interage, produz.

Algumas crenças podem ser flagradas no discurso de Helena. Vejamos.

Carta de 7 de dezembro de 1936

Além disso, a casa onde nós estamos desde 13 de julho de 1935 é uma casa que tem a reputação de ter má sorte. Quando nós nos mudamos para essa casa, uma garotinha da vizinhança nos disse: ‘nesta casa todo mundo morre’: três meses mais tarde, de fato, morreria o pobre Anatólio. Mais tarde era minha vez de perder – jamais me senti tão mal como neste ano: um grande desencorajamento moral devido, talvez, ao fato de que este tumor do qual devo me livrar o mais rápido, influenciou fortemente meu moral. Uma sonolência terrível, uma perda de energia, uma ausência de gosto por tudo o que me entusiasmava – Vamos lá! Sem ser supersticiosa, o domicílio influencia de uma certa maneira o espírito, e já que eu quero a todo custo me livrar desse peso que me oprime, eu quero fazer isso em outro lugar que não seja esta casa de má reputação. (ANTIPOFF, 1936g).

A passagem parece ser um enigma e como explicá-la na narrativa de uma intelectual, pesquisadora, cientista, mas que se mostra surpreendentemente supersticiosa? Ao mesmo tempo nos deparamos com a diversidade e a complexidade do ser humano, reveladas pela linguagem.

4.4 O agir com responsividade, alteridade e responsabilidade

A responsividade, a alteridade e a responsabilidade são constitutivas das cartas, por isso vou analisá-las em alguns excertos. A análise das modalizações tem como finalidade: “traduzir, a partir de qualquer voz enunciativa, os diversos comentários ou avaliações formulados” (BRONCKART, 1999, p. 330).

As modalizações estão a serviço da construção enunciativa. Ao modalizar, o sujeito mostra atitudes diante do próprio dizer. Por isso são tão relevantes para demonstrar a interpelação do enunciador diante do dito e, também, a responsabilidade assumida diante das ações.

Carta de 29 de novembro de 1935

Enfim o Natal que se aproxima. O que você pensa em fazer? Passará em Beauvallon? Espero que seu trabalho de escoteiro lhe interesse sinceramente e que você faça o melhor para servir a causa, ajudando tia Marguerite em sua tarefa de educar os alunos. Quando, em uma das suas cartas, você escreveu que ‘teve os escoteiros nas costas da manhã até a noite’, eu senti um pouco de tristeza. Jamais se pode fazer um bom trabalho, quando há algo ‘nas costas’. Como o fino filósofo Sertillanges se expressou: ‘é necessário ter seu trabalho em frente a si mesmo, como um bloco que a gente talha olhando um modelo divino, não atrás, como um rochedo que rola e que o esmague’. Por mais difícil que seja o trabalho, não é necessário que o homem que trabalha seja

curvado sobre a terra como um escravo acorrentado. Veja bem meu filho, qual é a sua verdadeira atitude e trate de mudá-la, se ela não é a que você deve ter para ser digno do trabalho. Nós admiramos muito nosso chefe daqui. Ele é de uma dedicação extrema. Com uma tropa enorme de mais ou menos 90 escoteiros ele está sozinho frente a todas as dificuldades que ele suporta há mais de 4 anos ... Sempre sorrindo. Ele é adorado pelos seus escoteiros e sua educação é sentida extraordinariamente. São garotos bem superiores do ponto de vista moral a todos os outros de sua idade, em Belo Horizonte. Pode-se notar, com clareza, essa diferença, em favor dos “Fernãos Dias” [22]. (ANTIPOFF, 1935d).

Helena retoma uma fala do filho, quando ele se refere ao trabalho com os escoteiros como um fardo. Do ponto de vista dela, o trabalho não pode ser um peso, então, utiliza reflexões do filósofo Sertillanges que servem de argumento de autoridade para convencer o filho.

É relevante analisar como os modalizadores funcionam nesse excerto. O modalizador “um pouco” busca atenuar o sentimento de tristeza de Helena; o modalizador deôntico “é necessário” aponta para a necessidade de levar em conta os valores de uma dada sociedade e, nesse caso, os valores apregoados pelo filósofo. O modalizador “extrema” de natureza avaliativa, apreciativa, funciona para enfatizar a dedicação do chefe dos escoteiros à tropa. O modalizador epistemológico “com certeza” constrói o enunciado do ponto de vista da verdade, atestando para o fato de ser verdadeiro que a tropa Fernão Dias é a melhor.

Embora não se trate de um modalizador, vale ressaltar a escolha verbal “suportar”, na passagem “[...] que ele suporta há mais de 4 anos”, orientando para o sacrifício da ação de cuidar dos escoteiros.

Helena, ao falar dos atributos, qualidades e valores do chefe da tropa denominada Fernão Dias, está falando dos seus próprios valores e dizendo para o filho: “Gostaria que você fosse como ele, que é admirado, dedicado, suporta as dificuldades, está sempre sorrindo, é educado e adorado pelos seus escoteiros”. Busca por uma compreensão responsiva ativa do filho.

Segundo Bakhtin (2011):

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta em conta as suas percepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. (BAKHTIN, 2011, p. 302).

A admiração de Helena pelos escoteiros é justificada: “São garotos bem superiores do ponto de vista moral a todos os outros de sua idade, em Belo Horizonte”.

²² Nome da tropa.

Necessário observar que o discurso acima tem o caráter de paideia, de formação humana e construção de valores. O objeto “trabalho” tem seu sentido construído pela valoração atribuída ao mesmo.

Trata-se de uma reflexão elaborada, apoiada em uma autoridade filosófica que aponta para uma consciência que age, o que nos remete a Volóchinov: “Entretanto, essa consciência não se encontra acima da existência nem pode determiná-la de modo constitutivo, pois a consciência é uma parte da existência, uma das suas forças e, portanto, possui a capacidade de agir, de desempenhar um papel na existência” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 212).

A consciência age, fazendo emergir o caráter de base social de um discurso que, permeado pelo afeto, estabelece diálogos com teóricos que dão credibilidade para o dizer de Helena, ao mesmo tempo em que revela posicionamento de mãe leitora e estudiosa com autoridade para aconselhar e orientar. Agindo assim, ela cria uma teia discursiva de atos responsivos, mantendo uma interação intensa.

Considerando a dimensão linguística do excerto, vale destacar expressões próprias de um discurso que se constrói com autoridade para enunciar: “é necessário”, “não é necessário”, “veja bem”, trate de mudá-la” e “você deve”. São modalizações de ordem deôntica que marcam valores, pontos de vista e desvelam uma singularidade de um sujeito que observa, acompanha, analisa e orienta, apontando caminhos.

Carta de 26 de junho de 1935

Meu caro Daniel, lendo suas suculentas descrições das refeições salgadas e doces parece-me que, pelo ardor com o qual você vai até elas, que você certamente está com muito apetite. Será que você tem o suficiente para comer no Colégio? Papai também escreveu que todas as vezes que ele lhe manda um pacote de alimento, você parece comer muito, o que se explica, talvez, pela fome. Eu estou triste, porque você pode estar com fome, na idade na qual nada basta e na qual devoraríamos até o prato. Enfim, faltam apenas um mês e alguns dias, quando você terá recebido essa carta, estando nesse regime de economia. Para o próximo ano será necessário arranjar alguma coisa para que você tenha um pouco de dinheiro com você para completar o menu em falta. Mas escrevo tudo isso pensando apenas em seu apetite durante a saída do domingo; talvez nem seja isso, e sim ausência de outros interesses e o deslocamento das preocupações de cima para baixo. (ANTIPOFF, 1935b).

Ela assume uma atitude responsiva ativa com relação à carta recebida e a relaciona com uma outra, recebida do ex-marido. Ela age, tentando compreender o que estava acontecendo e busca estabelecer uma relação lógica, de causa e consequência, de pesquisa da possível causa das “suculentas descrições das refeições”.

A atitude responsiva ativa resulta não apenas na tentativa de diagnosticar as causas de uma possível fome, como também na busca pela solução do problema: “arranjar alguma coisa

para que você tenha um pouco de dinheiro”.

“Eu estou triste, porque você pode estar com fome, na idade na qual nada basta e na qual devorariamos até o prato”. Vale observar que, no discurso de Helena, a expressão de tristeza não é muito comum. Ao demonstrar tamanha preocupação com a alimentação do filho, diz de um outro lugar: a fome real que ambos passaram durante a Revolução Russa, quando, por vários dias, chegaram a comer apenas talos de repolhos. Conforme salientou Bakhtin: “Todo enunciado é repleto de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2019, p. 57).

No final do excerto, há uma argumentação não muito clara: “Talvez nem seja isso, e sim ausência de outros interesses e o deslocamento das preocupações de cima para baixo”. Helena continua investigando as possíveis razões da fome e, considerando que o filho tinha dezesseis anos, à época, pode sinalizar uma referência aos hormônios, às mudanças advindas da adolescência. É a voz da profissional conhecedora das etapas do desenvolvimento humano.

Do ponto de vista linguístico, há a presença de modalizadores de caráter lógico tais como: “parece-me”, “talvez”, “parece comer muito” e de caráter deôntico: “será necessário”. O modalizador lógico epistêmico “talvez” funciona sinalizando um cuidado com o que é dito. Essas práticas discursivas parecem indicar um sujeito que fala de um lugar de analista, pesquisador, cientista, e, para além disso, alguém que se coloca numa posição responsiva com relação ao outro.

Ela se posiciona, demonstrando estabelecer uma interação responsável e responsiva e, ao mesmo tempo, efetua uma avaliação do conteúdo, modaliza, avalia se o que diz está correto, se há excesso ou falta de informação e tateia, tentando não ultrapassar limites. Bakhtin chama a atenção a respeito da intenção discursiva: “[...] ou a vontade de produzir sentido, por parte do falante, que determina a totalidade do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras”. (BAKHTIN, 2019, p. 37).

Carta de 19 de dezembro de 1930

Envie uma carta para desejar votos de bom ano novo ao Sr. Claparède e aos Walther. Não esqueça, meu querido. Se você tiver tempo, escreva também às Senhoritas Lafendel e Audemars, que sempre foram muito gentis para nós. Não esqueça também os Baranoff e os Bélaieff. (ANTIPOFF, 1930b).

Helena incentiva o filho a cultivar atitudes responsivas e responsáveis para com as pessoas que os ajudaram durante a vida, assim como reconhece e respeita o diferente, age com alteridade. Nesse sentido, a alteridade significa perceber o outro como pessoa singular, única e subjetiva. A respeito do conceito de alteridade, Charaudeau e Maingueneau explicam: “Essa

noção é derivada da filosofia, no interior da qual serve para definir o ser em uma relação que é fundada sobre a diferença: o eu não pode tomar consciência do seu ser-eu a não ser porque existe um não-eu que é outro, que é diferente” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 34).

Os autores salientam que a noção de alteridade é derivada da filosofia, considerando que, para existir um “eu”, foi necessário admitir a existência de um “não-eu”, ou seja, do “outro”. Esse reconhecimento do “outro” pode resultar no reconhecimento de uma singularidade única e subjetiva.

Segundo Bakhtin (2011),

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2011, p. 298).

Como o enunciado é pleno de relações dialógicas, o “eu” e o “outro” são construídos por meio dessas relações. Na fala de uma pessoa estão presentes falas de muitas outras pessoas. Isso não significa que não possa ser reconhecida a singularidade, a unicidade e a subjetividade de cada enunciado, de cada pessoa.

Com relação à singularidade, Bakhtin completa: “A singularidade do existir presente é irrevogavelmente obrigatória” (BAKHTIN, 2017, p. 96). Para o autor, cada um de nós tem um lugar único no existir e, ao reconhecer essa unicidade, assumimos também a responsabilidade pelo próprio existir.

A alteridade se mostra em outras passagens das cartas. Vejamos.

Carta de 7 de março de 1938

Eu lamento muito que você não tenha conhecido mais o meu pai. Ele e eu nos sentíamos muito próximos um do outro, apesar da distância que havia, não somente de idade e de estado (adulto e criança) – (oficial, partidário convencido do antigo regime por um lado, e novata pretenciosa com as simpatias evidenciadas pelas reformas sociais; antissemita ao extremo de um lado, e naturalmente liberal nessa questão, de outro) ... mas ainda porque nossas confidências mútuas eram raras e não chegaram a um grau de expansão para que se pudesse dizer: o pai foi o amigo, o guia mais seguro, e para ele, a filha foi o apoio, a alegria mais profunda. – Mas apesar disso eu tenho a certeza de que nós tínhamos, no íntimo, uma possibilidade de sentir, de compreender as coisas de uma maneira idêntica. Uma das lembranças mais agradáveis da minha infância (eu devia ter uns doze anos) – tocar escala musical ao piano numa sala vizinha do gabinete de trabalho de meu pai e saber que essa música, tão simples, lhe dava prazer. Outra lembrança ainda: a amizade que minhas amigas demonstravam pelo meu pai. Eu tinha amigas muito queridas como aquela que você conheceu sob o nome de Mãe Maria e outras, todas amavam encontrá-lo em nossa casa, discutir. Faltava-lhe muito na vida: verdadeira compreensão, uma intimidade espiritual, Grany,

com outra arquitetura psicológica, especialmente nesse tempo não podia dá-la, jamais pôde ter “para ela”. Eram dois seres completamente estranhos e que, longe de se completarem, diminuíam-se mutuamente no contato permanente de um casamento. – Os dois sofreram. (ANTIPOFF, 1938a).

Daniel conviveu muito pouco com o avô, pai de Helena. Após a proclamação do regime comunista, o avô preferiu viver no anonimato, trabalhando como sapateiro numa aldeia. Daniel (1996) relata a sua experiência com o avô:

Em 1924, pouco antes de sair da Rússia e viajar para a Alemanha, pela última vez, foi dada a Helena Antipoff oportunidade de rever o pai em Simferopol. Em companhia de Daniel, viaja até a Criméia para despedir-se dele. Na última noite em que o neto esteve hospedado em sua casa, Wladimir Vassilevitch (em outros tempos 1º aluno da Academia Militar) consegue confeccionar para ele um par de botas resistentes, feitas com todo o carinho (ANTIPOFF, 1996, p. 93).

Em 1938, Daniel tinha dezenove anos de idade, quando Helena lembra a relação dela com o avô. Possivelmente, já estaria mais amadurecido o suficiente para compreender relatos densos como o elaborado por ela. Uma relação construída na diferença... E, no dizer de Helena: “Mas, apesar disso, eu tenho a certeza de que nós tínhamos, no íntimo, uma possibilidade de sentir, de compreender as coisas, de uma maneira idêntica”. (ANTIPOFF, 1938a). Nesse caso, a alteridade se constituiu nas relações dialógicas e valorativas com o outro, por meio do reconhecimento da diferença e, ao mesmo tempo, da proximidade. O pai, adulto, a filha, criança; o pai, monarquista, a filha, simpática a reformas sociais; o pai, antisemita, a filha, liberal. Ambos capazes de aceitar e compreender um ao outro.

“Uma das lembranças mais agradáveis da minha infância (eu devia ter uns doze anos) – tocar escala musical ao piano numa sala vizinha ao gabinete de trabalho de meu pai e saber que essa música, tão simples, lhe dava prazer”. (ANTIPOFF, 1938a).

Pode-se dizer que há um cenário edipiano no discurso de Helena. Quando ela diz que as lembranças mais agradáveis da infância dela referem-se a uma situação em que ela dá prazer ao pai, constrói um cenário edipiano.

Corrobora com a reflexão acima o fato de que ela deixa claro que tinha uma relação muito boa com o pai (“Eu e ele nos sentíamos muito próximos um do outro”) e a mãe, não.

A expressão “Eu lamento muito” funciona como um modalizador apreciativo. Verbaliza reações afetivas do falante com relação ao conteúdo, um certo cuidado com o afeto do “outro”. Na expressão “jamais pôde ter ‘para ela’” encontra-se um modalizador lógico negativo “jamais”, uma avaliação que afirma uma condição de verdade da proposição. Uma certeza de que a mãe, Grany, não poderia dar ao pai uma verdadeira compreensão e uma intimidade

espiritual.

Helena expressa uma frustração, porque as confidências entre ela e o pai não chegaram a “um grau de expansão para que se pudesse dizer: o pai foi o amigo, o guia mais seguro, e para ele, a filha foi o apoio, a alegria mais profunda”.

Carta de 7 de dezembro de 1936

Eu estou bem confortável em saber que você está satisfeito na sua sala e com seus estudos. Faça o possível para trabalhar bem, é o que eu lhe peço. O resto se, apesar de seu esforço sincero, você não se sair bem, será resolvido por medidas que nós decidiremos, quando eu chegar na Europa. Não é necessário se desencorajar. É preciso fazer o possível para se sair bem, ter lições particulares, se essas puderem ajudar a melhor aprofundar os conhecimentos e compreensão do básico – Eu estou contente que seu serviço para o grupo de escoteiros adquira um caráter sério, do qual você me fala na sua carta. Eu gostei muito da sua análise do livro de Carrel. Você o leu inteiro? Ou você conhece *O homem, esse desconhecido* somente através da apresentação que lhe fez o seu superior? Meus amigos me deram de presente esse livro, que apreciei medianamente. É um tesouro de observações, há algumas muito refinadas, junto a outras muito superficiais. Mas no conjunto é um grande livro e uma obra que realça bem os males e os vícios de hoje. (ANTIPOFF, 1936g).

Inicialmente, Helena elabora, discursivamente, um acolhimento, ao dizer que está confortável, porque o filho está satisfeito. Feito isso, cobra responsabilidade do filho com relação aos estudos e o ampara, dizendo que, caso ele não se saia bem, irá apoiá-lo.

Em seguida, ela procura resolver possíveis problemas, agindo responsiva e responsabilmente, porque, atenta às informações já recebidas, deixa entrever uma possibilidade de fracasso inicial do filho e, caso isso ocorra, aponta caminhos para superá-lo.

“Eu gostei muito da sua análise do livro de Carrel. Você o leu inteiro”? Por meio dessas indagações verificamos uma mãe atenta, observando o filho, as ações dele e mantendo um comportamento responsivo ativo. Implicitamente, há a possibilidade de que o filho não tenha lido, efetivamente, o livro. Por último, ela analisa o livro e diz que o apreciou medianamente.

As modalizações deônticas (não é necessário, é preciso) revelam o princípio da obrigação e da permissão. Trata-se da palavra atuando como certa posição avaliativa, conforme Bakhtin (2019, p. 54), no caso, de mãe e intelectual.

Carta de 25 de outubro de 1936

Além desse curso – é a exposição do Trabalho das Crianças que toma meu tempo: esperamos os artigos para a exposição de diferentes Estados brasileiros. Espero que a exposição tenha algum sucesso: ela já o teve, porque as crianças dos estabelecimentos que apresentaram coisas bem simples no ano anterior, se esforçaram muito mais neste ano. O Instituto Pestalozzi preparou coisas legais. Bem artísticas e bem-acabadas. São nossos pequenos surdos mudos, nossos pequenos débeis mentais e mesmo imbecis. Imagine agora o que poderíamos fazer com os normais ou ainda melhor, com os supernormais? (ANTIPOFF, 1936f).

Ao reconhecer como sucesso o esforço para melhorar, depreendido pelas crianças, de um ano para o outro, ela realiza uma avaliação processual da aprendizagem. Ela refere-se às pessoas deficientes utilizando os termos da época. Posteriormente, ela muda o termo, passando a chamá-los de excepcionais, termo que vigorou por muitos anos.

Para Helena, mesmo as crianças com enormes restrições são capazes de realizar tarefas que exigem maior complexidade. Ela respeita e reconhece o outro na sua diversidade, compreendendo que todos, sejam eles deficientes, normais ou superdotados, podem realizar coisas interessantes.

Ao organizar a exposição dos trabalhos das crianças, incluindo estados diferentes e pessoas com deficiências diversas, ela realiza uma ação de cuidado e respeito para com o outro, o que se revela na alteridade.

Ela também projeta o sucesso educacional para outras pessoas, como os normais e os supernormais (superdotados), imaginando que eles poderiam realizar trabalhos muito melhores ainda.

Note-se que Helena assume compromissos, sem álibi algum, de agir responsabilmente em relação à educação das crianças, ao ensino e à pesquisa, assim como em relação à educação do seu filho, mesmo à distância.

O projeto educacional para o filho que a escrita de Helena desvela contempla uma formação integral: arte, dança, literatura, esporte, convívio social, escotismo e formação profissional. E para ele também não há álibi, ele tem que se dedicar, se esforçar para melhorar sempre.

No contexto das cartas, no tecido discursivo delas, cada pessoa ali presente é singular, única. Helena e o filho são pessoas singulares, sendo essa singularidade que os obriga a assinar os seus atos, a serem responsáveis por eles.

Carta de 19 de dezembro de 1930

E sua escola fez uma exposição de fim de ano? Se você não pode fazê-la em julho, sugira a tia Marguerite fazê-la agora. A exposição dá uma ideia do trabalho feito durante o ano; ela permite também rever todos os trabalhos aos quais nos dedicamos. Você se lembra das lindas exposições da Casa dos Pequenos, onde podíamos ver muitas coisas interessantes? Se você não puder organizá-la agora, não desperdice a oportunidade de fazê-la no momento da inauguração do novo edifício. Depois você vai tirar uma foto e me enviar. Assim eu terei ideia de tudo isso que você está fazendo. (ANTIPOFF, 1930a).

A responsabilidade maior demonstrada em todo o percurso discursivo das cartas é com o filho, com a manutenção da interação entre mãe e filho, por meio da escrita.

O excerto acima trata da educação formal do filho e da mãe que acompanha, detalhadamente, todos os acontecimentos que possam ter a ver com o propósito dessa formação educacional. Ela define uma ação, justifica, exemplifica, sugere uma oportunidade para realizá-la e, finalmente, cria uma situação para avaliá-la. Trata-se da sugestão de uma ação educacional completa.

As expressões “não pode” e “não puder” funcionam como modalizadores pragmáticos, dizem respeito à possibilidade ou não de fazer algo. Entretanto, como se trata de uma voz com autoridade de mãe, acaba por funcionar como uma possível ordem. A preocupação com a formação do filho se revela em outras passagens das cartas, como podemos ver a seguir.

Carta de 25 de outubro de 1936: “Você aprecia as belas artes? Não deixe, portanto, de visitar a National Gallery e a Tate’s Gallery, esta última reservada à pintura inglesa. E o British Museum, com suas coleções de todas as espécies, inclusive selos”? (ANTIPOFF, 1936f).

A forma como a Helena tece o seu discurso deixa entrever um projeto educacional para o filho que inclui a formação em artes, contemplando o gosto, o interesse e a compreensão de todas as formas de arte como fundamentais. Cobra atitudes e ações responsáveis do filho com relação à formação cultural dele.

Carta de 7 de dezembro de 1936

P.S.: Ainda espero uma foto um pouco mais nítida que aquela que você me enviou da Inglaterra, e suas medidas antropométricas: tamanho do pé, sentado, perímetro torácico e cefálico. Peso, espirometria e dinamometria, se você tiver os aparelhos necessários para essas medidas. (ANTIPOFF, 1936g).

A mãe acompanha detalhadamente o desenvolvimento físico do filho, no discurso de tom predominantemente científico, conforme as escolhas lexicais (*medidas antropométricas, perímetro torácico e encefálico dentre outras*). Trata-se de um *post scriptum*, cobrando uma solicitação já realizada e assim reafirmando a importância do pedido.

A expressão “Ainda espero”, constituída por um marcador de pressuposição (*ainda*), revela que algumas solicitações da mãe não foram atendidas até aquele momento, fato que revela discursivamente uma mãe exigente, que aguarda resposta.

Carta de 19 de junho de 1936

É realmente uma pena que não possamos nos ver no verão. Mas, francamente, minha bolsa é bem pouco guarnecida para me permitir esta custosa viagem. Os seis meses

desempregada ano passado me fizeram um grande desfalque nas economias. E foi preciso ajudar um pouco na doença do seu pai, e sua própria viagem à Alemanha, enfim, é preciso esperar um pouco para guarnecer novamente. (ANTIPOFF, 1936e).

As ações responsáveis da mãe se estendem desde o controle das suas próprias finanças, até a ajuda financeira a familiares (seu ex-marido) e ao próprio filho para viajar da França à Alemanha para visitar o pai dele. Mesmo tendo recursos limitados, as cartas revelam que ela ajuda financeiramente outros membros da família, como a mãe e a irmã.

A preocupação com o controle financeiro está presente em outras cartas, revelando ser esse tema relevante para Helena.

Na passagem, os modalizadores (é realmente e francamente) são de natureza lógica. O primeiro afirma e confirma a impossibilidade de que mãe e filho se encontrem no verão, e o segundo é quase um desabafo, uma confirmação de que ela estava sem dinheiro.

A responsabilidade pelo ato responsivo pode ser demonstrada na longa passagem a seguir:

Carta de 9 de março de 1931

Querido, você terá seus doze anos! Isto é de uma importância enorme, se eu pensar nessa criancinha que não há muito tempo esperneava num cesto de roupa improvisado como um berço.

Quando eu penso nos meus anos de juventude, eu os represento em dois períodos: um até a idade de 12 anos, o outro a partir de 12 anos. No primeiro eu ainda me vejo criança, uma pequena garotinha sem vontade própria, sem ideias pessoais. No segundo eu já tenho uma personalidade mais ao menos parecida com a que eu tenho hoje. Com 11 anos, ainda é pequeno, mas com 12 já é grande. Talvez para um garoto seja necessário esperar ainda de 2 a 3 anos, para que esta mudança seja nítida. Mas talvez como eu, visto que sua vida foi muito mais movimentada que a minha, na minha infância, você também se sentirá grande a partir de agora.

Portanto, eu espero que essa passagem para a idade da razão se faça da melhor maneira possível, e que você se sinta feliz nesta terra. A natureza lhe deu o necessário, apesar de você ter nascido bem fraquinho, porque durante a minha gravidez havia uma grande fome e você não pode ser nutrido suficientemente. Apesar da sua fraqueza, você não deixava de ser, no fundo, uma criança sadia e forte já que, muito rapidamente, em contato com as boas condições materiais, você começou a ganhar força e cor. Felizmente, você não sofreu, por assim dizer, com doenças contagiosas nem com outras e seu organismo se desenvolveu tranquilamente.

Seus pais lhe permitiram viver sem miséria e receber uma boa educação. Você mesmo, você achava que a escola de Beauvallon e Tia Marguerite faziam tudo para o bem educar as crianças.

O resto é com você. De você vai depender a sua vida, seu caráter, seu futuro. Como em muitas de minhas cartas, eu lhe escrevo que para se sentir verdadeiramente feliz, é necessário fazer um esforço para o bem dos outros. Sem essa preocupação de ajudar e ser útil aos outros, não há felicidade. Quando nos sentimos plenos, contentes e felizes por fazermos algo para nós mesmos, ficamos inquietos e sempre mais exigentes para com os outros. Ao contrário, quando fazemos alguma coisa para os outros, sentimos o coração em paz e nos tornamos exigentes apenas para nós mesmos. Essa moral que eu lhe repito em todas as minhas cartas talvez o aborreça e, bem, deixe por hoje a carta de lado e a retome um dia, quando você não tiver nada para fazer. Você não se entediara com a sua velha mãe, quando essas falas forem mais agradáveis". (ANTIPOFF, 1931a).

Helena cumprimenta o filho pelos seus doze anos. É o aniversário dele. Em seguida, inicia um cotejamento, buscando encontrar semelhanças e diferenças na vida de ambos, aos doze anos.

Segundo Helena, a passagem dos seus onze para os doze anos foi muito relevante para ela: aos onze anos ela era uma criança e aos doze já tinha uma personalidade própria, era grande. Diz que, talvez, para um garoto fossem necessários mais dois ou três anos para que a mudança se tornasse nítida. Ela está se referindo a algo mais, ao período quando a mulher menstrua pela primeira vez, tornando-se “adulta”, grande. Diz também que, para os homens, as mudanças hormonais podem se concretizar um pouco mais tarde.

No dizer de Helena, emerge a voz da estudiosa do comportamento humano, da psicóloga e da mãe que sabe que o filho está iniciando a adolescência, a fase das mudanças hormonais.

Para ela, aos doze anos, o filho está passando para a idade da razão, para a fase adulta, então, elenca uma série de razões pelas quais o filho deve assumir as responsabilidades advindas dessa fase.

Há um agir responsável da mãe que acompanha o desenvolvimento do filho e o aconselha, e há o agir da mãe que cobra do filho um agir responsável.

Bakhtin salienta: “Separada da responsabilidade, a vida não pode ter uma filosofia; seria ela, por princípio, fortuita e privada de fundamentos” (BAKHTIN, 2017, p. 117). E ainda: “O mundo no qual o ato se orienta fundado na sua participação singular no existir: este é o objeto da filosofia moral” (BAKHTIN, 2017, p. 114).

Ainda no excerto acima Helena apresenta o seu ponto de vista a respeito das ações de ajuda ao próximo que pode ser resumido assim: quando você só pensa em si, exige mais dos outros, quando você pensa nos outros, exige mais de você. Ela afirma que não há felicidade sem a preocupação de ajudar os outros e que esse pensamento é uma escolha moral. Trata-se, também, de uma análise filosófica, a qual Bakhtin denomina de filosofia moral.

O modalizador *talvez* aparece duas vezes no texto, expressando avaliações sobre o valor de verdade. Ele atribui uma pequena margem de dúvida com relação ao que irá acontecer com Daniel, se as mudanças ocorrerão imediatamente ou dali a dois, três anos.

Carta de 12 de junho de 1935

Você me fala do seu estilo. Realmente, ele é muito mais desenvolvido que há um ano, quando ele ainda tinha contornos muito primitivos e infantis. Agora o sentimos mais trabalhado e mais adulto. Aliás, o estilo revela muito mais a evolução mental pela qual passa a criança. Suas primeiras cartas estão guardadas, de modo que podemos muito bem seguir, etapa por etapa, a maturação do seu espírito. – O que persiste são as faltas de atenção: as concordâncias com o plural, com o feminino, os participios passados também não são sempre respeitados – digo falta de atenção, pois suponho que todas

essas regras te são perfeitamente conhecidas há bastante tempo. Em suas composições, você as comete tanto quanto em suas cartas? (ANTIPOFF, 1935a).

O tema do excerto é o estilo da escrita de Daniel. Helena fala do lugar de uma especialista, de uma psicóloga do desenvolvimento infantil, mas manifesta conhecimentos do padrão escrito da língua francesa. Por se tratar, também, de uma pesquisadora, ela guarda as cartas do filho para melhor analisar, estudar o desenvolvimento da escrita dele. Provavelmente o resultado desse estudo deve ter sido útil para o trabalho com outras crianças.

Essa não é a primeira vez que Helena observa o filho, sob o olhar da pesquisadora. Campos (2012) salienta:

Uma pesquisa sobre o desenvolvimento da compaixão e do senso de justiça na criança foi feita na mesma época por Antipoff (1928), a partir de observações de seu filho Daniel, e publicada nos *Archives de Psychologie* em setembro de 1928. A pesquisa chama a atenção para as relações entre o desenvolvimento de compaixão e o senso de justiça. Busca lançar luzes sobre o assunto, a seu ver pouco examinado por autores que a precedem na pesquisa sobre o tema.

O artigo relata observações de reações de Daniel entre os três e os nove anos de idade. As reações a contos populares russos ou histórias da mitologia alemã representando maldades e casos de perseguição e mentiras são comparadas em três diferentes momentos do desenvolvimento da criança, evidenciando o aparecimento de sentimentos de compaixão pelos mais fracos ou inocentes e de ódio pelos perseguidores (CAMPOS, 2012, p. 176-177).

A citação acima confirma o comportamento de Helena que, à semelhança de outros psicólogos pesquisadores, como Jean Piaget, contemporâneo dela e que também trabalhou no Instituto Rousseau, observaram os próprios filhos para pesquisar o comportamento e o desenvolvimento das crianças.

O modalizador *realmente*, de natureza lógica, funciona para afirmar a posição de uma pessoa que analisa um fato e elabora uma conclusão. Ela analisa minuciosamente a escrita do filho e atribui os erros a uma falta de atenção. Em um movimento metadiscursivo, ela explica a sua própria fala: “digo falta de atenção [...]” e, ao mesmo tempo, efetua uma reprimenda no filho. Algo como: “Você sabe as regras, mas não as utiliza”.

A projeção do outro, na relação de alteridade, pode ser melhor observada no excerto a seguir.

Carta de 29 de novembro de 1935

Sim, eu tive remorsos de não ter te estimulado ainda mais para escrever ao papai durante estes últimos meses, quando eu sentia que havia alguns pequenos mal-entendidos da parte de um e de outro. Eu me repreendo igualmente de não o ter encorajado a ir ver papai no verão, nem que fosse por alguns dias apenas. Essa visita lhe teria feito muito bem, suponho. – Há, no entanto, um lado que eu não podia conhecer, mas se eu tivesse sabido, provavelmente, eu teria evitado a viagem para a

Alemanha.

[...] Parece que foi a tuberculose que levou o papai...

[...] Nesse caso, meu instinto maternal, provavelmente, não teria deixado você fazer essa viagem. O perigo de contaminação, na sua idade, é muito grande. E a tuberculose é uma inimiga muito temível. (ANTIPOFF, 1935d).

Como já mencionado, Daniel estava na França e Vítor, o pai dele, na Alemanha. Nos últimos meses de vida do pai, o filho não o visitou.

Em confronto com a realidade, Helena analisa a si mesma, as próprias atitudes. “Sim, eu tive remorsos”; “Eu me arrependo” são manifestações de sentimentos muito fortes que surgiram a partir de atitudes que ela passa a criticar.

Helena assume as suas atitudes e os seus sentimentos, demonstrando agir de forma responsável e ética. As marcas do sujeito Helena estão presentes no ato e, segundo Sobral (2019) “[...] mesmo que recuse a responsabilidade, o sujeito é responsabilizável, uma vez que deixa em todos os seus atos sua assinatura”. (SOBRAL, 2019, p. 105).

Na escrita de Helena a responsabilidade abarca, contém, implica a alteridade perante a qual a atitude responsiva representa um modo de ação do pensamento participativo que se concretiza e se expõe pela linguagem.

Finalmente, há uma característica do sujeito Helena ainda não abordada: o amor pelos animais e pela natureza. Para tratar dessa faceta dela, trago o excerto abaixo, quando ela fala a respeito de dois cachorros: Charik e Danúbio.

Carta de 28 de janeiro de 1937

Charik é o privilegiado: ele tem entrada livre na casa, ele dorme sob o forno e come na cozinha. O grande só tem acesso à escada e à varanda. Ele dorme no jardim e come lá fora, no pátio. O caráter de cada um é bem diferente: Charik é um bobo que late; sua voz forte e arrogante se faz escutar a todo momento, com o passo de cada transeunte, no menor barulho na rua. Ele é mal-educado, pula nas pessoas para lhes mostrar sua amizade ou seu ódio. – Danúbio é calmo, ponderado, corpo delineado e de alma mais nobre. Ele só late quando os eventos merecem que ele abra a boca de dinamarquês mestiço. – Mas Charik caça bem os camundongos e as baratas e, como guardião é excelente cão de guarda. Nada se passa sem que ele perceba, e ai de quem quiser entrar sem nosso conhecimento [...] (ANTIPOFF, 1937b).

Helena atribui aos cachorros características geralmente atribuídas aos humanos, tais como “ter caráter”; “ser ponderado” e “ter alma nobre”. Observando-os, dessa maneira, ela demonstra carinho e atenção para com os cachorros. Trata-se de - “dar voz” -, no sentido de fazê-los presentes e participantes de cotidiano de Helena.

Considerando a quantidade e a variedade de sujeitos presentificados nas cartas, é possível apreender o vozeamento e a diversidade de sujeitos com quem ela dialoga na interação

com o filho.

Faraco (2003) chama o dialogismo de “utopia bakhtiniana”, assinalando que Bakhtin passou boa parte da vida sob um regime totalitário, foi prisioneiro político e viveu como exilado por seis anos, o que se expressa, no conjunto dos textos, pela valorização da pluralidade dialogizada das vozes e pela resistência a qualquer processo centrípeto e monologizador.

Bakhtin (2010) salienta que Dostoiévski percebeu uma desvalorização do homem de sua época e sua obra é uma crítica a esse pensamento que transforma o homem em “coisa”, reifica. Importante registrar que Dostoiévski nunca utilizou a palavra “coisa”, mas empreendeu uma luta pelo homem.

“Aqui é oportuno assinalar que a ênfase principal de toda a obra de Dostoiévski, quer no aspecto da forma, quer no aspecto do conteúdo, é uma luta contra a *coisificação* do homem, das relações humanas e de todos os valores humanos no capitalismo” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

E ainda estudando os romances de Dostoiévski, o autor verifica uma atividade dialógica intensa e, quando ela diminui, os heróis começam a imobilizar-se e objetificar-se, observando-se no romance fragmentos de vida. Nessa medida, ter o direito de falar parece apontar, também, para ter o direito de viver.

À semelhança de Bakhtin, Helena trabalhou lutando contra a reificação, “coisificação” do homem, das relações humanas e de todos os valores humanos, assumindo o lugar de um sujeito que age, responsivamente e responsavelmente, em prol dos “outros”.

Trata-se de uma mãe que educa um filho à distância, da melhor forma que considera possível, garantindo ao mesmo uma formação não apenas formal, mas sob a ótica da multidimensionalidade humana, social, cultural, esportiva, musical, afetiva e econômica.

Helena age entrelaçando, discursivamente, a responsividade, a alteridade e responsabilidade com o afeto.

Na constituição discursiva das cartas, Helena atua como organizadora e participante de um grande diálogo, refletindo e refratando no discurso a natureza dialógica do pensamento humano. Em cada palavra, se ouvem ecos de um grande diálogo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que me preocupa ainda e sobretudo é a harmonia entre os homens, aquela constante afabilidade, o respeito e a confiança mútua que devem existir entre todos aqueles que convivem, construindo em conjunto o presente e o futuro. (ANTIPOFF, 1996, p. 174).

Ler as cartas que Helena endereçou ao filho me proporcionou adentrar um universo discursivo que retrata uma época – década de 1930 – sob o olhar de uma mulher que viveu a revolução russa de 1917, passou necessidades, inclusive de subsistência, e sofreu inúmeras perdas. Mudou-se para a Europa e, posteriormente, para o Brasil, reconstruindo sua vida várias vezes.

Na introdução desta tese, eu me referi a algumas inquietações que emergiram a partir do estudo das cartas, sendo a primeira delas referente aos nove anos de distanciamento entre mãe e filho. A constituição discursiva das cartas sugere que ela, possivelmente, manteve o filho na França para que ele pudesse estudar em boas escolas, aprender línguas, conhecer museus e outros centros culturais e manter contato com o pai e com os familiares que lá moravam.

O que a escrita por meio de cartas representou para a relação mãe/filho foi apontada como a segunda inquietação, retomada e analisada ao longo deste trabalho. Acrescento apenas que a escrita, além de manter os laços, educar e compartilhar afeto, serviu, também, para que Helena analisasse o desenvolvimento do filho.

A terceira e última inquietação diz respeito às ações e às obras realizadas por Helena. Movida pela alteridade e pelo agir responsável e responsivo, ela age em prol dos outros, criando oportunidades para a educação das crianças com deficiência e superdotadas e também instituições de ensino. Ela não tem álibi na existência.

Configurou-se um grande e fascinante desafio analisar o discurso presente nas cartas. Para tal, foi necessário adentrar aos poucos nesse universo discursivo, selecionando, traduzindo e estudando as cartas, de modo a definir os fundamentos teóricos, o percurso e os procedimentos metodológicos que, em diálogo, possibilitassem a análise da unidade e da diversidade do mundo e dos valores presentes na escrita de Helena.

Durante o percurso, me deparei com um questionamento que pode ser assim expresso: A constituição discursiva das cartas pessoais que Helena endereçou ao filho pode revelar o modo como se dá a construção de um sujeito na relação da responsividade com a alteridade e a responsabilidade?

As reflexões teóricas foram fundamentadas nas obras do Círculo de Bakhtin, Foucault (2009) e Orlandi (2015). Considerando as características do *corpus*, estudei o conceito de gênero discursivo, a interação discursiva, o dialogismo, o documento monumento e o ato responsável. Conte também com teóricos que estudam as obras do Círculo, como Brait (2015), Sobral (2008, 2019), Faraco (2003, 2010) e Dahlet (2015).

Para que fosse possível analisar as cartas, percorri um caminho desde a visita ao MMHA, a investigação do acervo, a seleção das cartas e a tradução até a leitura atenta delas. Campos (2012) esclareceu algumas questões a respeito de Helena Antipoff, Spink e Mincoff (2013) conduziram minhas reflexões sobre a pesquisa, assim como Paiva (2019) e Brasileiro (2019). O estudo de Foucault a respeito do documento monumento e da formação discursiva foi de fundamental relevância para flagrar o que se mostra nas cartas de Helena.

As cartas são documento monumento, conforme esclarece Foucault (2009), porque são parte da memória de Helena Antipoff, são documentos a serem manipulados e analisados por pesquisadores de áreas diferentes e com objetivos diferentes.

A análise da escrita de Helena, empreendida à luz das obras do Círculo de Bakhtin, de estudiosos de Círculo e outros teóricos como Orlandi (2015), da Análise do Discurso, revela um sujeito que age, discursivamente, para construir um projeto educacional para o filho ancorado no desenvolvimento biossóciopsicocultural dele. Os muitos investimentos discursivos da mãe caminham na direção de orientar, acompanhar e até “exigir” do filho atitudes que pudessem resultar no pleno desenvolvimento dele.

Helena revelou-se uma narradora atenta, mas não de qualquer história; de uma maneira geral as que ela contou para o filho têm um caráter de paideia, estão a serviço da formação humana.

As narrativas sinalizam reflexões filosóficas, estéticas, éticas, literárias, políticas e históricas, sem deixar de lado acontecimentos do cotidiano e, até mesmo, o humor. Retomando a citação de Paiva, na pesquisa narrativa: “o importante é perceber de que modo os narradores representam determinado fenômeno, como interpretam suas experiências” (PAIVA, 2019, p. 91).

Está presente no discurso o perfil da Helena pesquisadora, intelectual, inquieta, que busca compreender os fenômenos observando, analisando, procurando causas e consequências e produzindo artigos e livros.

Por meio de movimentos discursivos, Helena mostra-se, sobretudo, um sujeito que luta para garantir a própria sobrevivência, oferecer condições de sobrevivência ao filho e ajudar a família. Ela age em busca do trabalho, da qualificação profissional, revelando-se um perfil

plural em que habitam a pesquisadora, a intelectual, a professora e a administradora educacional.

Helena tece uma rede discursiva para inserir o filho no cotidiano dela e para apoiá-lo na França, ambas formadas pelos familiares e amigos. Costura também, para o filho, por meio do discurso, uma rede discursiva de formação que inclui filósofos, médicos, músicos, poetas, psicólogos e escritores.

No discurso, inclui os muitos “outros” e atua, discursivamente, considerando a voz do “outro”, do próprio filho, dos amigos, dos artistas, dos intelectuais, do menino que bate à sua porta, dos animais e da natureza, agindo como quem tece um grande diálogo.

As cartas possibilitaram à Helena e ao filho manter um intenso diálogo e serviram como instrumento poderoso para minimizar a distância entre mãe e filho.

Em 1938, sentindo o perigo iminente de uma segunda guerra mundial, acabou convencendo o filho, então com dezenove anos de idade, a mudar-se para o Brasil. Daniel era apátrida, seria renegado pelo povo soviético e considerado estrangeiro para o povo francês. Helena e Daniel conquistaram a cidadania brasileira em 1951.

Daniel (1996) relatou o início do novo convívio com a mãe dessa forma:

Separando-se do filho quando ele tinha onze anos, em 1929, Helena Antipoff volta a encontrar Daniel rapaz. Embora em constantes ligações, por meio de cartas semanais há, contudo, pequenos detalhes, no convívio entre mãe e filho, que não estão automatizados. De parte a parte, existe certa reserva: de um lado, a mãe, procurando não se imiscuir em assunto de rapaz e, por parte do filho, certo acanhamento e falta de espontaneidade no seu relacionamento com a mãe. (ANTIPOFF, 1996, p. 142).

Na biografia de Helena, escrita por Daniel em 1996, ele conta que aproveitou o fim do ano de 1938 para estudar português e também se preparar para o exame de Madureza²³, realizado meses depois. Em fevereiro de 1939 foi aprovado no exame de seleção na Escola Superior de Agricultura de Viçosa, Minas Gerais, onde estudou como aluno interno do Curso Técnico em Agricultura. Quando retornou a Belo Horizonte, trabalhou como professor de francês no Colégio Padre Machado e também deu aula particulares. Dentre seus alunos de francês estão Fernando Sabino, Hélio Pelegrino, Abílio Novais, Otto Lara Resende e José de Sette Câmara, que se tornaram seus amigos.

Daniel casou-se com a professora de Psicologia e Ciências Naturais, Otília, passando algum tempo depois a morar no interior, na cidade de Passos. Eles tiveram quatro filhos. Mudou-se com a família, para Belo Horizonte e algum tempo depois Helena passou a residir

²³ Denominação dada ao curso de jovens e adultos, que ministrava disciplinas dos antigos ginásio e colegial, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961. (BRASIL, 1961).

próximo do filho.

Ele frequentou o curso de Psicologia Experimental ministrado no ISER e foi um dos criadores da Sociedade Brasileira de Psicologia. Em 1963 assumiu as funções de Chefe da Divisão de Alunos do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) exercendo a função de psicólogo no atendimento aos alunos dos cursos de engenharia. Voltou em 1964 para Belo Horizonte onde dirigiu os cursos noturnos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Fundou, com a esposa, a Escola Educacional – Centro de Educação Criadora no Município de Nova Lima. Daniel faleceu em 2005.

Em 1979, Daniel, amigos, colaboradores de Helena criaram o CPDHA com o objetivo de preservar a memória dela. Entre 1980 e 1997 passou a funcionar em dois locais, em Belo Horizonte, sob a presidência de Daniel e, no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Helena Dias Carneiro. O Centro publica, desde sua fundação, o Boletim do CDPH e realiza o Encontro Anual Helena Antipoff desde 1981. O CPDHA esteve sob a presidência de Daniel de 1979 a 2000, quando a presidência foi transferida para a professora Dra. Regina Helena de Freitas Campos, da UFMG.

Em 1955 Helena mudou-se para Ibirité, onde veio a falecer, em 1974 na FEER, posteriormente denominada Fundação Helena Antipoff.

A responsabilidade, a responsividade e a alteridade se materializaram nas ações e nos posicionamentos axiológicos. Dona de uma consciência centrífuga, galileana, constituída de forma dialógica e pluridiscursiva, ela é movida por um pensamento participativo que se concretiza e se expõe pela linguagem. Ela age sob a base do não-álibi no existir.

São inúmeros os frutos das suas ações. Conseguiu, quase sozinha, educar e manter seu filho. Possibilitou a melhoria da educação e a qualidade de vida das crianças com deficiência por meio dos projetos educacionais governamentais que criou e coordenou e os trabalhos realizados na antiga Fazenda do Rosário, hoje Instituto Pestalozzi. Escreveu artigos e livros sobre Psicologia e Educação e também criou instituições educacionais que deram relevância à cultura local.

Com Helena aprendi a valorizar ainda mais a educação, o ensino e a pesquisa em prol do desenvolvimento integral do ser humano. As ações dela dizem respeito a uma luta contra a coisificação do homem, porque ela não apenas dá voz a muitas pessoas como também as respeita e tece, com elas, uma rede de afeto.

Espero que este meu trabalho de tese inspire novas pesquisas sobre os muitos discursos que Helena Antipoff estabelece com a educação, a psicologia, a música, a literatura, a política, a filosofia, enfim, com o ser humano.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. *In*: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin**: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2018.

ANDRADE, Therezinha. **O que os diários revelam**: práticas de formação de professores para a escola rural, curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo - Ibirité, Minas Gerais, 1956-1959. 2006. 2006. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/handle/123456789/1922>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Daniel Iretzky. **Helena Antipoff**: sua vida sua obra. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1996.

ANTIPOFF, Daniel Iretzky. **Helena Antipoff**: sua vida, sua obra. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 19 nov. 1930a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 19 dez. 1930b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 9 mar. 1931a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 9 jun. 1931b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 28 jul. 1931c. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 4 mar. 1934. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 12 jun. 1935a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG:

FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 26 jun. 1935b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 19 nov. 1935c. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 29 nov. 1935d. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 13 jan. 1936a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 17 fev. 1936b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 23 fev. 1936c. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 5 abr. 1936d. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 19 jun. 1936e. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 25 out. 1936f. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 7 dez. 1936g. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG:

FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 24 jan. 1937a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 28 jan. 1937b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 7 mar. 1938a. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 15 abr. 1938b. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ANTIPOFF, Helena. [Correspondência]. Destinatário: Daniel Antipoff [S. l.], 15 ago. 1938c. 1 carta. *In*: MUSEU MEMORIAL HELENA ANTIPOFF. Ibirité/MG: FHA, 2020. Disponível em <http://fha.mg.gov.br/pagina/memorial/museu-helena-antipoff>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ARAÚJO, Annyelle de Santana. As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**, Catalão-GO, v. 18, n. 1, p. 181-206, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/35042/18680>. Acesso em: 14 jan. 2021.

ARAÚJO, Carla. **Helena Antipoff, uma abordagem pioneira na educação especial no Brasil**. Rio de Janeiro: Multirio, 25 mar. 2019. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/14827-helena-antipoff,-uma-abordagem-pioneira-na-educa%C3%A7%C3%A3o-especial-no-brasil>. Acesso em: 14 jan. 2021.

ARISTÓTELES. **Retórica**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2020.

BARTHOLDY, Felix Mendelssohn. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Felix_Mendelssohn_Bartholdy. Acesso em: 23 ago. 2020.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2015.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Presidência da República, 1961. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 3 maio 2020.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2019.

BRITO, Robson Figueiredo. Posicionamentos discursivos e identitários de sujeitos universitários em experiência de letramento acadêmico: **um estudo de caso no curso de Direito**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em:
http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_BritoRFF_1.pdf. Acesso em: 3 maio 2020.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: da orientação sócio-cultural em psicologia a uma concepção democrática de Educação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 12, n. 1, 1992. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/DsqP9TZzhpMWd8Crdq6t5xG/?lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. O acervo Helena Antipoff como laboratório de pesquisa sobre a história das ciências da educação. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 83-101, set./out. 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/er/a/GGjcRXZm4JtVn4Ybz6NqZfn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. **Helena Antipoff: psicóloga e educadora - uma biografia intelectual**. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Miguel de Cervantes, 2012. (Memória do saber).

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, set./dez. 2003. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300013&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 7 nov. 2020.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; QUINTAS, Graziela de Andrade. O ensino de psicologia para educadores em Minas Gerais: a experiência de Helena Antipoff (1930–1987).

Mosaico: Estudos Em Psicologia, v. 1, n. 1, p. 61-76, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6228/3820>. Acesso em: 21 nov. 2020.

CARREL, Alexis. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alexis_Carrel. Acesso em: 23 ago. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

CORELLI, Arcangelo. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arcangelo_Corelli. Acesso em: 23 ago. 2020.

COSTA, Iná Camargo. O marxismo neokantiano do primeiro Bakhtin. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2015.

DAHLET, Patrick. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. *In: BRAIT, Beth (org.). Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2015.

DICKENS, Charles John Huffam. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Dickens. Acesso em: 23 ago. 2020.

DIERKS, Konstantin. The familiar letter and social refinement in América, 1750-1800. *In: BARTON, David; HALL, Nigel. (ed.). Letter writing as a social practice*. Amsterdam: Cambridge Universty Press, 1999, p. 31- 42.

DISRAELI, Benjamin. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Fonudation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Benjamin_Disraeli. Acesso em: 23 ago. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. Um posfácio meio impertinente. *In: BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010. p. 147

FIORIN, José. Luiz. Resenha. São Paulo, **Bakhtiniana**, v. 1, n. 5, p. 205-209, 2011. Resenha da obra de: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Para uma filosofia do ato responsável. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRAZÃO, Dilva. **Wolfgang Amadeus Mozart: músico e compositor austríaco: biografia de Wolfgang Amadeus Mozart**. [S. l.]: Biografia, 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/wolfgang_amadeus_mozart/. Acesso em: 21 nov. 2020.

GALILEI, Galileu. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu_Galilei. Acesso em: 23 ago. 2020.

GERALDI, João Wanderley. Sobre a questão do sujeito. *In: PAULA, Luciene de. STAFUZZA, Gemissa (org.) **Círculo de Bakhtin**: teoria inclassificável*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2009. p. 13-14.

JINZENJIIZA, Mônica Yumi; LUZ, Iza Rodrigues da; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 863-878, jul./set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/NzcPFmT9QmpZ68HvsLJnsts/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

KIPLING, Joseph Rudyard. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudyard_Kipling. Acesso em: 23 ago. 2020.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

MAUROIS, André. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Andr%C3%A9_Maurois. Acesso em: 23 ago. 2020.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláevich. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2019.

MILLE, Pierre. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Mille. Acesso em: 23 ago. 2020.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes Editores, 2015.

PAIVA, Vera Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas (SP): Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas (SP): Editora UNICAMP, 1995.

PERENCINI, Tiago Brentam. O enunciado no pensamento arqueológico de Michel Foucault. **Kínesis - Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, Marília/SP, v. VII, n. 15, p. 135-160, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/5709>. Acesso em: 7 nov. 2020.

PINTO, Karina Pereira; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Educação para a liberdade: um projeto de Helena Antipoff. **Mnemosine**, v. 1, n. 0, p. 179-184, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41353/28622>. Acesso em: 7 nov. 2020.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PTOLOMEU, Cláudio. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ptolemeu>. Acesso em: 23 ago. 2020.

RAFANTE, Heulalia Charalo. **Helena Antipoff e o ensino na capital mineira**: a Fazenda do Rosário e a educação pelo trabalho dos meninos “excepcionais” de 1940 a 1948. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2405/1178.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 nov. 2020.

RAFANTE, Heulalia Charalo; LOPES, Roseli Esquerdo. Helena Antipoff e a educação dos “excepcionais”: uma análise do trabalho como princípio educativo. **Revista HISTEDBR Online**, Campinas, v. 9, n. 33, p. 228-252, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639565>. Acesso em: 21 nov. 2020.

RAFANTE, Heulalia Charalo; LOPES, Roseli Esquerdo. Helena Antipoff, seus pressupostos teórico-metodológicos e suas ações na educação dos “excepcionais” no Brasil. **Memorandum: Memória E História Em Psicologia**, v. 20, p. 31-57, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6622>. Acesso em: 21 nov. 2020.

REIS, Maria Perpétua dos. **Helena Antipoff**: cartas e diários. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2018.

RICHET, Charles Robert. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Robert_Richet. Acesso em: 23 abr. 2020.

SERTILLANGES, Antonin-Gilbert. *In*: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation], 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonin-Gilbert_Sertillanges. Acesso em: 23 ago. 2020.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 2002. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentado. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2019.

SOBRAL, Adail. O ato “responsável”, ou ato ético, em Bakhtin, e a centralidade do agente. **Signum Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 11, n. 1, p. 219-235, 2008.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a Análise Dialógica do Discurso - ADD. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, ago. 2016.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SPINK, Jane Mary; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *In*: SPINK, Jane Mary (org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social. Edição virtual, 2013, p. 21-49, Cap. 3.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos (SP): Pedro & João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova América. São Paulo: Editora 34, 2018.

ANEXO A – Helena Antipoff: cartas endereçadas ao filho

Belo Horizonte, 19 de dezembro de 1930.

Meu querido filho,

Esta é a última carta que você receberá, provavelmente, de mim este ano. Desse modo quero te desejar para o novo ano muitas coisas boas: saúde, sucesso nos estudos, progresso na música, bom desenvolvimento geral da mente e do corpo, uma conduta da qual você esteja orgulhoso. Eu espero que este ano de 1931 seja tão bom quanto esse.

Há algum tempo, uma eternidade, não recebo suas notícias, o que está acontecendo? Doente? Ocupado além da conta? Esqueceu sua mamãe? O que mais?

Eu também não te escrevo com frequência, mas escrevo mais do que você, querido. Nós terminamos o ano letivo. Tivemos uma linda festa com os alunos no dia da distribuição de diplomas. Durante alguns dias a escola estará aberta para a exposição dos trabalhos.

E sua escola, fez uma exposição de fim de ano? Se você não pôde fazê-la em julho, sugira à tia Marguerite fazê-la agora. A exposição dá uma ideia do trabalho feito durante o ano; ela permite também rever todos os trabalhos aos quais nos dedicamos. Você se lembra das lindas exposições da Casa dos Pequenos, onde podíamos ver muitas coisas interessantes? Se você não pôde organizá-la agora, não desperdice a oportunidade de fazê-la no momento da inauguração do novo edifício. Depois você vai tirar uma foto e me enviar. Assim eu terei ideia de tudo isso que você está fazendo.

Você teve a oportunidade de conversar com a escola do Brasil; você já falou com os escoteiros? Você se lembra de como você se irritava quando eu te propunha tomar notas nas cadernetas? Que garotinho você é! Por que isso te desagradava tanto? E o xadrez, você ainda joga? Se você tiver tido a chance de jogar, deve ter feito um bom progresso e nunca mais irá querer jogar com sua velha mãe, que “reflete muito tempo sem que o resultado seja o melhor”. Pobre velha! Medianamente eu joguei xadrez com o bom Sr. Claparède. O pobrezinho, ele também não se saia melhor, então, para fazer um jogo mais animado, ele propunha colocar as peças fora da ordem habitual, distribuindo-as de maneiras diferentes: por exemplo, alinhava as figuras na ordem seguinte começando pela esquerda (primeira linha) rei, rainha, dois bispos, dois cavalos, duas torres, uns depois dos outros. Depois ele inventava também movimentos diferentes para cada peça. Nessas condições ele ganhava, mas enquanto no jogo clássico ele apenas perdia.

O tempo está abominável, chove muito e sem parar. Ontem a água caiu em tanta quantidade, que se formou um verdadeiro lago perto da escola e foi com grande dificuldade que pudemos atravessar a rua para pegar o bonde. As pessoas estão tristes, magras e pálidas por causa de um tempo assim, e eu não estou mais bela do que os outros, ao contrário, todo mundo acha que eu estou com uma expressão feia. Só peço um pouco de sol para me recuperar. Desde a partida do patrão eu não estive uma vez sequer em Santa Terezinha. Seria gentil se você escrevesse uma pequena carta à Stavrovietzky que te ama muito. Parece que Sr. Brandão comprou no Rio de Janeiro dois cavalos bem fortes e bem bonitos por cento e cinquenta mil réis cada um, o que dá em torno de 330 francos franceses. Realmente não é muito.

Como você passou a festa de Natal? Quais os presentes que você recebeu e que você mais apreciou? Grany me escreveu que ela recebeu um pequeno abajur do Brasil, assim como o bracelete para Tânia. As duas coisas lhe agradaram muito.

Como vai a saúde de papai? Já há muito tempo que não recebo notícias dele. Se você souber de alguma coisa, você me diz, não é?

Envie uma carta para desejar votos de bom ano novo ao Sr. Claparède e aos Walther. Não esqueça, meu querido. Se você tiver tempo, escreva também às Senhoritas Lafendel e Audemars, que sempre foram muito gentis para nós. Não esqueça também os Baranoff e os Bélaieff.

Então, meu querido, eu tenho que terminar minha carta para que ela parta esta noite ao Rio e para que você a receba com o avião da semana que vem. Eu te beijo bem ternamente, meu querido Donik, não esqueça sua velha mãe, que ama bem ternamente o “senhor seu filho”.

À senhora Marguerite, Jeannette, senhorita Krafft, Sr. Dourson e às crianças, envio minhas melhores saudações e votos bem calorosos para o novo ano.

Sua mãe.

Belo Horizonte, 9 de março de 1931.

Meu Daniel querido,

Eu espero que esta carta chegue – a tempo para que você possa receber no dia do seu aniversário meus votos mais profundos para este ano.

Querido, você terá seus doze anos! Isto é de uma importância enorme, se eu pensar nessa criancinha que não há muito tempo esperneava num cesto de roupa improvisado como um berço.

Quando eu penso nos meus anos de juventude, eu os represento em dois períodos: um até a idade de 12 anos, o outro a partir de 12 anos. No primeiro eu ainda me vejo criança, uma pequena garotinha sem vontade própria, sem ideias pessoais. No segundo eu já tenho uma personalidade mais ao menos parecida com a que eu tenho hoje. Com 11 anos, ainda é pequeno, mas com 12 já é grande. Talvez para um garoto seja necessário esperar ainda de 2 a 3 anos, para que esta mudança seja bem nítida. Mas talvez como eu, visto que sua vida foi muito mais movimentada que a minha, na minha infância, você também se sentirá grande a partir de agora.

Portanto, eu espero que essa passagem para a idade da razão se faça da melhor maneira possível, e que você se sinta feliz nesta terra. A natureza lhe deu o necessário, apesar de você tendo nascido bem fraquinho, porque durante a minha gravidez havia uma grande fome e, por esse motivo, você não tenha podido ser nutrido suficientemente. Apesar da sua fraqueza, você não deixava de ser, no fundo, uma criança sadia e forte, já que, muito rapidamente, em contato com as boas condições materiais, você começou a ganhar força e cor. Felizmente, você não sofreu, por assim dizer, com doenças contagiosas, nem com outras e seu organismo se desenvolveu tranquilamente.

Seus pais lhe permitem viver sem miséria e receber uma boa educação. Você mesmo, você acha que a escola de Beauvallon e Tia Marguerite fazem tudo para bem educar as crianças.

O resto é com você. De você vai depender sua vida, seu caráter, seu futuro. Como em muitas de minhas cartas, eu lhe escrevo que para se sentir verdadeiramente feliz, é necessário fazer um esforço para o bem dos outros. Sem essa preocupação de ajudar e ser útil aos outros, não há felicidade. Quando nos sentimos plenos, contentes e felizes por fazermos algo para nós mesmos ficamos inquietos e sempre mais exigentes para com os outros. Ao contrário, quando fazemos alguma coisa para os outros, sentimos o coração em paz, e nos tornamos mais exigentes apenas para nós mesmos. Essa moral que eu lhe repito em todas as minhas cartas talvez o aborreça, e bem, deixe por hoje a carta de lado e a retome um dia, quando você não tiver nada para fazer. Você não se entediara com a sua velha mãe, quando essas falas lhes forem mais

agradáveis.

Meu queridinho, meu grande querido antes de tudo. Como eu queria estar perto de você neste dia de seu aniversário. Você se lembra de seus dias de festa, quando nós estávamos juntos: você acordava de manhã e via sua mesinha ou a cadeira toda enfeitada e coberta de presentes. E uma primula roxa em cada novo aniversário lhe desejava uma boa festa.

Eu o abraço bem forte, meu filho bem-amado e eu peço a Deus que você seja feliz, isto é, que você faça as pessoas em torno de você felizes.

Sua velha, velha mamãe.

Belo Horizonte, dia 9 de junho de 1931.

Meu querido filho,

Ontem recebi seu bilhete do dia 10 de maio. Sua carta levou um mês inteiro para atravessar o oceano. É certamente muito longo, sobretudo neste momento em que, como você escreve, a gripe apareceu novamente. Você ainda está bem?

Ontem também recebi uma carta do seu pai. Realmente ele não tem sorte: seus males retomaram com tudo, e ele sofre tanto que lhe é difícil e, em certos momentos, impossível até escrever. Ele está encantado com a viagem à França, com a estadia com você e com sua gentil e divertida companhia, como escreve.

Papai me escreve também que tem vontade de te fazer ir no verão a Berlim, para que você passe um mês ou mais de suas férias com ele. De minha parte, não acho que a estação seja propícia para essa viagem: o verão é muito quente, cheio de poeira e sem atrativo em uma grande cidade como é Berlim. Ao invés de repousar e de aproveitar suas férias para sua saúde, você corre o risco, pelo contrário, de perder suas cores e suas forças. Seria preferível que você as passasse seja na montanha, seja à beira mar. Seria então melhor que papai voltasse à França.

Aliás, vovó quer que você vá com ela à Saboia, com a Tânia e o marido dela. Os dois são bons montanhese e você poderia fazer belas corridas na montanha, com eles.

Compreendo que papai gostaria de ter você perto dele, mas temo que seu projeto não seja sem inconveniente. Também não queria gastar muito dinheiro com a viagem e com a custosa estadia na Alemanha, pois minhas finanças não vão muito bem, dadas as dificuldades do câmbio.

Farei meu possível para ir à Europa para o Ano Novo, mas não estou certa de que isso também não será difícil: primeiro, questão de dinheiro e, depois, este bendito passaporte que deixei vencer. As formalidades são tão longas que tenho dúvidas de tê-lo a tempo, mesmo enviando-o à Suíça desde já. Mas preciso tanto te rever, te apertar contra meu coração, que tenho toda a esperança de conseguir, apesar de tudo.

Tenho, em alguns momentos, destas grandes tristezas que me roem tão profundamente que tenho vontade de largar tudo e ir para perto de você, para levar uma vida mais normal e mais tranquila. Ah, meu querido, quando será que teremos uma casa nossa, uma vida de família, um lar reconfortante...?

Como minha carta se torna demasiado triste, e como não quero te entristecer, vou deixá-la por ora e a recomeçarei amanhã, quando espero que a coragem volte de novo.

Até amanhã, então, filho querido, meu Daniel.

Santa Therezinha, 28 de julho de 1931.

Meu querido pequeno,

Aqui estou, após uma semana de estadia no Rio, nesta terra prometida que é Santa Therezinha. Desta vez, vim acompanhada por duas jovens moças, uma - Helena Paladini -, lembra-se dela talvez? Atualmente, é minha assistente no Laboratório; e a outra moça do Rio de quem conheço bem a família. As duas estão encantadas com a estadia aqui, riem do início ao fim do dia, fazem um monte de piadas com D. Anatolio, em suma, todos os habitantes de S.T. e a boa D. Nina estão de excelente humor. O tempo é radiante, a Serra da Piedade está mais bonita que nunca sob o céu azul sem a menor nuvenzinha.

Neste momento, S.T. ainda se encontra em veraneio (o pasto secou completamente em baixo e só aqui ainda ficou verde). Há cinco cavalos, o Estrello, o Telegrafista, o Brinquinho (um cavalo de Orlando), e o Foguete (esse nome lhe foi dado por causa de sua fugacidade: assim que ele sente o cavaleiro montado, não lhe deixa sequer o tempo de colocar seu segundo pé que já o leva, semi-montado). Enfim, há ainda um quinto cavalo, o melhor de todos, o Miranda, aproximadamente da mesma cor que o Estrello, mas maior, mais novo e mais forte, e que me proponho a comprar para montá-lo em Belo Horizonte. Como sabe, a equitação é um de meus maiores e mais sinceros prazeres, não é? Visto que, mesmo depois de ter caído, tenho o mesmo prazer que antes. Dr. Brandão me prometeu arrumar lugar para o cavalo, em Belo Horizonte, com Peralta, que se encontra atualmente também em Belô.

Mudemos de assunto. Noite passada houve um incidente bastante curioso em S.T.: quando todo mundo estava mergulhado no mais profundo sono, de repente, pulamos para fora das camas incomodados por um fedor impossível. Não sabia onde me por, para fugir desse odor imundo sem ter a menor ideia do que poderia ser. Os latidos dos cachorros lá fora faziam supor que acontecia algo sério no pátio, mas depois os latidos se afastaram, pararam, tudo se tranquilizou, menos o odor que irritava ainda os nervos.

Você sabe que o Brasil é cheio, super cheio de todas as espécies de bichos, grandes e pequenos, bons e maus, tanto os mais adoráveis, como os mais abjetos...

As borboletas azuis, os colibris, as araras multicores, os macaquinhos divertidos, e as cobras cascavel, os tamanduás, os teiús e mil outros seres desagradáveis ou bizarros. Dentre esses últimos – o gambá, o visitante da noite passada, pequeno bicho bonitinho, que veio pegar os pintinhos de D. Nina.

Como seus planos foram surpreendidos pelos bravos Danúbio e Cabuí não lhe restou nada de melhor a fazer senão espalhar, por um jato saindo de não sei onde, o líquido mais

fedorento do mundo. Os cachorros e os cavalos e até mesmo o homem que é atingido pelo líquido cai em uma espécie de torpor, às vezes desmaiando - e o bicho sai correndo com toda velocidade. O nome russo desse animal é "vonutschka" - é bom de falar, não é?

Espero suas cartas com impaciência, para saber como e onde você passará suas férias. Também estou muito curiosa para saber como foi resolvida a questão do colégio, já é para este outono ou para o próximo?

Estou bem feliz lendo sua última carta, e sabendo que você se esforça para lutar contra a negligência que você mesmo observou em sua conduta. Que Deus te ajude a se tornar melhor e vencer as dificuldades, bem como os defeitos de caráter. Quanto antes você quiser ficar livre deles, mais forte você será depois, meu filho querido.

Termino minha carta, pois D. Anatólio está pronto para partir para Caeté. Ele e D. Nina te mandam as melhores lembranças e um forte abraço.

Receba um bom beijo bem terno de sua velha.

Mamãe.

Associação Auxiliar do Escotismo
Rua Sergipe - 607
Belo Horizonte, 4 de março de 1934.

Meu querido filho, bom dia.

Espero que minha carta chegue a você a tempo de te desejar uma boa e feliz festa de aniversário por seus QUINZE ANOS! Meu Deus, como o tempo passa! Ontem mesmo ainda um bebê, agora já um rapaz e depois um homem. Desejo que sua adolescência se passe bem e que nada venha a ofuscar, nem perturbar, pois é uma época que é muito significativa para a vida inteira. É muito provável que, se tudo for bem durante os 3, 4 anos que vão se seguir, que toda a sua vida de adulto será tão serena e boa quanto. Que Deus, que é tão grande, te guarde e te guie, meu filho querido.

Você pedirá para a tia Marguerite, de minha parte, o presente que quiser, pois não sei muito bem o que te falta neste momento. Pode dispor de 50 francos, a não ser que você precise de um pouco mais. O triste é que não podemos enviar dinheiro daqui. Os bancos não trocam, e não consigo encontrar a moeda estrangeira. Não sei quanto tempo ainda vai durar esta situação insuportável. Vovó me preocupa em relação a isso. Temo que passe pela falta de recursos, a pobre.

Há alguns dias recebi uma carta de Andriucha. Ele só tem 11 anos, mas parece ter um desenvolvimento geral bem acima da sua idade. Ele tem uma escrita já muito pessoal e se expressa de uma maneira totalmente notável quanto à precisão do vocabulário e ao acabamento da frase. Além de sua escola, faz aulas particulares de alemão e de inglês, então um dia você poderá se corresponder com ele.

Ele está muito orgulhoso do trabalho social do qual é encarregado, ei-lo: ele comanda uma equipe de 40 meninos, ou crianças, não sei, que são ligados a um bairro determinado da cidade, para prestar ajuda ao correio. A função deles é vender, nesse bairro, caixas de correio, velar para que as escadas das casas estejam iluminadas e que cada apartamento tenha um número sobre a porta. Essas medidas, supostamente, vão facilitar o trabalho do carteiro, que geralmente deixa as cartas no próprio apartamento, e não no zelador ou nas caixas de correio debaixo da porta.

André ainda é sempre muito interessado pelas passagens das estradas de ferro, de tramway e de ônibus, e me pede para enviar a ele as daqui. Infelizmente, o sistema de controle no Brasil não precisa dos tickets, você ainda se lembra? Ele pede também para lhe indicar um correspondente para a troca dos selos postais com o Brasil, como também a troca das cartas

postais com aquelas vistas.

A mãe dele parece satisfeita com o trabalho. A cidade se tornou mais bonita, parece. Muitos novos monumentos foram construídos durante este tempo, e Petersburgo está irreconhecível, disse ela. Entre os antigos amigos, algumas novas mortes, infelizmente. É triste esta fuga rumo ao nada, sobretudo quando ainda somos jovens como é o caso de uma de minhas colegas, com a qual e na casa de quem passamos um verão em Tula, você se lembra um pouco dela?

Estou curiosa para ter notícias de Fédia, mas Zinaida Alexceevna não fala nada dele. O que se tornou, sobretudo o que se passou com seu grande talento para a pintura, considerando que já aos doze anos sabia expressar não somente o que via com seus olhos, como também o que sentia com sua alma já atormentada de artista.

Como vão seus estudos? Meu filho, se você precisar de aulas particulares, é melhor fazer durante alguns meses do que repetir de ano. Peça à tia Marguerite que faça o que for necessário, e peça conselho a um dos seus mestres ao qual possa confiar suas dúvidas.

Comecei um pequeno livro, cujo assunto me interessa já há algum tempo e que peguei até como tema do meu Curso de Psicologia durante um ano: o trabalho. O assunto é muito vasto, é o cruzamento de mil problemas psicológicos, econômicos, sociais e morais. Faço votos que faça sucesso, pois eu o dedico a você. "A Daniel, meu filho", coloquei no cabeçalho de um manuscrito que só tem uma dezena de páginas, mas que eu espero avançar. Tal dedicatória me estimula, e o trabalho sobre o Trabalho se faz mais agradavelmente, com mais entusiasmo. É para seus quinze anos esse pequeno presente. Espero terminá-lo durante o ano de 1934. Será publicado em francês, primeiro, depois em português, com sua permissão.

Meu querido filho, gostaria que uma Prímula lilás ornasse sua mesa no dia de sua festa, e que esta flor tradicional te faça pensar nos anos em que estávamos bem juntos.

Um abraço terno, afetuoso, com todo meu amor de velha mamãe.

Belo Horizonte 12 de junho de 1935.

Meu caro Daniel,

Mais uma vez deixei passar o domingo sem te escrever: um dente doeu horrivelmente nesse dia. Ontem eu fiz minha conferência que, felizmente, teve sucesso, coisa da qual eu duvidava muito no dia anterior, pois nada saía da minha cabeça dolorida. E hoje, nesse momento, eu tenho duas horas antes da partida para uma cidade do interior – Diamantina, conhecida por suas minerações e sua vida patriarcal. Os Walter a visitaram, *in corpore*, em 1929 e me recomendaram de não deixar Minas sem vê-la. Recebi, antes de ontem, o convite, e como eu não tenho nada de importante para fazer, uma vez que este famoso contrato ainda está “no ar” e que sem ele é imprudente viajar para a Europa, aceitei permanecer uma semana mais ao menos.

Meu caro Daniel, lendo suas suculentas descrições das refeições salgadas e doces parece-me que, pelo ardor com o qual você vai até elas, você certamente está com muito apetite. Será que você tem o suficiente para comer no Colégio? Papai também escreveu que todas as vezes que ele lhe manda um pacote de alimento você parece comer muito, o que se explica, talvez, pela fome. Eu estou triste, porque você pode estar com fome, na idade na qual nada basta e na qual devoraríamos até o prato. Enfim, faltam apenas um mês e alguns dias apenas, quando você terá recebido essa carta, estando nesse regime de economia. Para o próximo ano será necessário arranjar alguma coisa para que você tenha sempre um pouco de dinheiro com você para completar o menu em falta.

Mas eu escrevo tudo isso pensando apenas em seu apetite durante a saída do domingo; talvez você seja um simples comilão. Talvez nem seja isso, e sim ausência de outros interesses e o deslocamento das preocupações de cima para baixo.

Ontem nós tivemos a triste notícia que o chefe dos escoteiros que tinha, ano passado, dirigido o campo para os chefes na Serra da Piedade acaba de morrer, com 59 anos. Um cara muito agradável, verdadeiro chefe, apesar da idade e da doença que já o assolava no ano passado. Ele era muito vivo, externamente não tinha nada de brasileiro. Podia se passar por um francês. Ele levava consigo uma quantidade de coisas interessante e úteis, - sua mala, quando ele abria, era uma verdadeira feira, e tudo organizado numa ordem e num sistema perfeito, super escoteiro.

Recebi de Grany uma carta de Megève. Verdadeiramente acha que Tânia não está muito bem. A pobre Grany trabalha de manhã até a noite como empregada de Martine, cansa-se e se entedia terrivelmente. Eu queria tomar todos vocês comigo e lhes dar conforto suficiente.

Quando virá esse momento?

Minha doce companheira – Dona Nina, fez uma promessa a Santo Antônio para que as minhas coisas se arranjem como ela deseja. Eis uma boa alma essa Dona Nina, verdadeiro anjo. Hoje, véspera de Santo Antônio, o povo de Belo Horizonte está com uma energia de guerreiro, bombas estouram a todo o momento. São os fogos de artifício que eles soltam, por tradição.

Os dias estão cheios de notas sobre a pacificação da Guerra do Chaco. Os pobres e cegos paraguaios e bolivianos, que foram decapitados desde 1932, embora um pouco contra eles mesmos, estenderam mutuamente as mãos. Amanhã, para melhor celebrar esse dia, as Igrejas vão soar dia e noite os sinos. O Brasil se sente muito satisfeito, porque foi um embaixador brasileiro que, pelo que parece, efetivou o acordo ... até a nova guerra, talvez, para acabar definitivamente.

O ato foi também sentido na Europa, essa paz que os dois pequenos povos resolveram enfim realizar?

Eu sinto minha carta vazia nesta noite, como eu sinto minha cabeça mais vazia ainda. Perdoe-me, querido, e me escreva, apesar de tudo uma carta interessante cheia de vida e de ideias.

Sua velha mamãe.

Belo Horizonte, 19 de novembro de 1935.

Meu filho querido,

Hoje, uma boa carta sua – então, um bom dia também. Foi muito gentil de sua parte escrever para D. Nina, de uma maneira tão afetuosa. Vejo que você tem um coração terno que sabe refletir a respeito da infelicidade de outrem. É uma preciosa virtude, sobretudo em nossa família (na minha, do lado de minha mãe, sobretudo) na qual temos um coração mais para duro, uma alma bastante seca, um sentimento avaro.

Não quis dar sua carta logo que cheguei: já era tarde, e a mesa estava posta para o jantar. Mas, após o jantar, levei-lhe sua gentil missiva, pedindo-lhe que a abrisse só mais tarde. De fato, mais tarde ela a abriu e a leu, pois a escutei soluçar sozinha, a pobre e boa D. Nina. Não podemos consolar, pois a tristeza é grande demais e não há senão um único e verdadeiro remédio - o tempo. O trabalho também. E eis que ela se pôs corajosamente ao trabalho. Com algumas lições que lhe deu um de seus chefes escoteiros (que ele mesmo aprendeu, trabalhando como operário durante vinte dias com uma apostila, para depois ensiná-las ao Instituto Pestalozzi), ela se pôs à obra. Cerca de vinte de meus livros já estão decentemente lidos. Além do mais, ela tem uma jovem aluna que, mais tarde, será sua auxiliar, pois D. Nina conta desenvolver seriamente seu atelier. Ontem fomos comprar uma máquina para cortar o papel e o papelão. Com a prensa horizontal e a vertical, seu atelier começa a ter uma cara boa. - Quando você vier, espero que você aprenda a língua para mais tarde viver aqui e fazer seus estudos superiores (o que desejo muito, como você sabe, meu querido), você também poderá ajudar neste ofício um pouco metuculoso, mas que para mãos hábeis e um olho um pouco artístico pode se tornar uma coisa bastante divertida.

Ah, meu Deus, se pudéssemos entrever o futuro: A vida seria mais feliz, mais regular. Se eu soubesse que você viria para o Brasil, eu me colocaria a procurar um terreno próprio para nele construir uma morada. É bem vantajoso, as construções (à prestação), que se efetua, pagando uma soma no momento da assinatura do contrato, já morando na casa construída, e continuando a pagar somas bem módicas mensalmente. De modo que, fora essa soma inicial, não se faz senão pagar aproximadamente o montante do aluguel para, em alguns anos, estar em posse inteira da casa.

Você não pode imaginar como Belo Horizonte se transformou desde sua estada aqui, em 1930. Esses cinco anos para uma cidade jovem como é Belô são a mesma coisa que para uma criança de cinco anos: neste curto intervalo, a fisionomia muda completamente. O provérbio tem razão ao dizer que o sofrimento serve para alguma coisa: a revolução de 30

destruiu uma quantidade de casebres que davam o ar miserável à cidade. Hoje o sol crivado pelas balas, (os obuses eram raros) é coberto de belas casas bem modernas e de um estilo realmente sóbrio e elegante ao mesmo tempo. A cidade está muito bonita, e um bem-estar é respirado por toda parte (não fecho os olhos para lados ainda bem tristes e miseráveis, mas espero que a municipalidade tome as medidas necessárias para restaurar esta injustiça que coloca tanta gente em um estado de pobreza, de miséria e de abandono terrível.

Não tenho muitas inclinações para a propriedade: não tenho a convicção racional, mas um sentimento bastante claro que "a propriedade é um roubo". Repugna-me um pouco, no meu mais profundo interior, me ver "proprietária" de um imóvel. Se penso nisso, é que, com o pouco dinheiro que tenho e nenhuma segurança no futuro, economizaríamos razoavelmente fazendo nossa própria casa. Mas há uma coisa que, ao mesmo tempo, me assusta: é que a propriedade também fixa as pessoas em um lugar e eu, que sou uma nômade inveterada, sinto-me bem "humilhada" por esta ideia de me ver presa a um terreno, a uma cidade, a um país, a um continente ou um hemisfério. Já é demais me sentir presa ao planeta, não estamos senão no século XX. Mais tarde teremos, provavelmente, mais escolha... Desculpe-me por minhas velhas divagações. E depois, ficando velha, a gente se torna também sedentária. Só foi por volta dos quarenta anos que comecei a ficar mais tranquila, visto que eis-me há seis anos no mesmo pedaço de terra. Só falo de mim mesma, o que já deve te parecer bem chato. Desculpe-me. Como vão seus estudos? É realmente mais pesado do que o trabalho: o 2º ano e a preparação para o vestibular? - E seus amigos, você encontrou todos, e sobretudo seu amigo Jacques Barret, a quem ainda devo uma resposta à sua tão gentil e chique carta? Sou de uma preguiça admirável.

Já há vários dias que estou à procura de sementes de Jaborandi. É que aqui, em Belo Horizonte, não é fácil de achá-las: as duas farmácias da Flora medicinal não as têm. Só vendem as folhas e a raiz. O moço me recomendou ir ao mercado e ver se há um agricultor ou uma velha "feiticeira" qualquer que poderão consegui-las para mim.

Amanhã, após as aulas, irei a esse mercado. Ainda é preciso saber se estamos na estação das sementes. Talvez já foram jogadas na terra. Enfim, farei o possível para satisfazer seu querido chefe.

Eis dois novos selos para sua coleção. Surpreende-me que seu instinto de colecionador se manteve por tanto tempo. Geralmente, não ultrapassa o 12º, 13º anos. Mas você deve ter algumas inclinações mais intrínsecas, e te vejo no futuro trabalhando em uma biblioteca, um museu qualquer, onde você poderá satisfazer suas inclinações para a "propriedade". É certamente isto que está no fundo, não acha? A tendência à posse. Lembro-me de um romance de Pierre Mille, inclusive com muito sucesso, intitulado *O avaro*, se não me engano. É a

história, imaginária, suponho, da família de Harpagon, de Molière, que ele acompanha ao longo de várias gerações. Ora, coisa curiosa é que uma lei hereditária alternante caracteriza essa família: há séculos houve uma alternância muito particular: para cada pai avaro, sucedia um filho, ou em geral crianças prodígios e gastadores, que colocavam toda a fortuna juntada pelo pai, em fuga. E toda vez que os descendentes gastavam o tesouro, a geração seguinte se colocava a aumentá-lo, e assim por diante. Não é algo que, em você, se opõe à minha falta de cuidados pela posse material e a propriedade?

Por hoje já é o bastante. Um abraço bem terno, agradecendo você, mais uma vez, por suas duas cartas muito chiques. Obrigada, meu filho gentil, por sua atenção e delicadeza com sua mãe e com esta pobre D. Nina.

Afetuosamente,

Sua mãe.

Belo Horizonte, 29 de novembro de 1935.

Minha cara criança,

Eu penso que você recebeu o meu telegrama e minhas duas cartas, desde a triste notícia que você mesmo me anunciou.

Sim, eu tive também remorsos de não ter estimulado você, ainda mais, para escrever ao papai durante estes últimos meses, quando eu sentia que havia alguns pequenos mal-entendidos da parte de um e de outro. Eu me repreendo igualmente de não o ter encorajado a ir ver papai no verão, nem que fosse por alguns dias apenas. Essa visita lhe teria feito muito bem, suponho. – Há, no entanto, um lado que eu não sabia, mas se eu soubesse, provavelmente, eu teria evitado sua viagem para a Alemanha.

Eu não sei se você foi informado sobre a última causa que agravou o mal. Eu recebi uma carta do Senhor Levitan. Uma carta muito gentil, que ele escreveu de sua parte e em nome da União dos Escritores e Jornalistas Russos. Parece que foi a tuberculose que levou papai. Não encontraram nada até as últimas três ou quatro semanas, o que quer dizer que os médicos, apesar de todos os exames que maltrataram seu pobre pai, não descobriram a causa. Uns afirmavam que se tratava de câncer, outros de uma desordem do sistema nervoso vegetativo, etc. Somente, digo eu, perto do fim que apareceram os sinais incontestáveis da tuberculose na garganta, depois nos pulmões. Então, começaram a suspeitar da antiga tuberculose do intestino e do tubo digestivo. As fortes dores, os vômitos incontroláveis parecem ser bem explicados agora.

Nesse caso, meu instinto maternal, provavelmente, não teria deixado você fazer essa viagem. O perigo de contaminação, na sua idade, é muito grande. E a tuberculose é uma inimiga muito temível.

Eu estou bem contente de ver que você amou muito o seu pai. Que você o admirava como ele merecia. Era um homem de uma cultura europeia bem fina. Um homem bem direito. Um homem modesto e discreto. Jamais ele se queixou a ninguém e suportou seu mal e todos os seus sabores estoicamente. – Se você herdou seus traços de caráter, de inteligência, você está bem provido, minha criança, para ser igualmente um homem de bem.

Eu escrevi uma carta ao cônsul da Suíça no Brasil lhe solicitando um visto para o mês de fevereiro. Duvido que ele possa fornecê-lo tão cedo, mas talvez em março eu possa já pensar na partida para encontrá-lo e ficar com você alguns meses, até o outono.

Eu implorei ao Sr. Levitan para lhe enviar os livros e os objetos que seu pai mais amava. Seus papéis também. Que eles fiquem em Beauvallon numa mala até a minha chegada. Depois nós veremos o que podemos fazer. Papai começou a escrever um novo romance, talvez,

parcialmente, já esteja pronto. Nós poderemos, um dia, editá-lo em sua memória.

Papai tinha exatamente dez anos a mais que eu. Eu tenho 44, logo, ele devia ter 54, nascido no dia 4 de outubro de 1882, suponho.

Houve coincidências bem estranhas. Há um mês, mais ou menos, quer dizer, quando papai descobriu-se definitivamente mal, o lindo anel preto que ele tinha me dado, um belo dia, quebrou-se sob meus dedos: a pedra pulou e se partiu em mil pedaços, de modo que eu não pude mais reconstituí-la. Isso me provocou uma enorme tristeza. Estava tão acostumada com esse anel, ele fazia parte da minha mão, e quando eu não podia mais usá-lo, eu me senti nua. Era quase como um pressentimento. Às vésperas, ou talvez no dia mesmo de sua morte, aproximadamente às 11 horas da noite, se eu não me engano, um morcego entrou no meu escritório e ficou um bom tempo, sem que eu pudesse fazê-lo partir. Era a primeira vez que isso me acontecia, ter tal visita. Naturalmente, sem nenhuma espécie de preconceito, eu o considerei. Mas o povo diz muito e mesmo os Institutos de Pesquisas meta-psíquicas, cujo fundador foi o grande fisiologista Charles Richet, e os outros de outros países notam que estas coincidências passam do limite de uma simples probabilidade do acaso. – Seu avô, mais de uma vez, disse que na família houve também esses “avisos”, durante um evento importante com um dos membros da família.

E você também já sentiu alguma coisa que pudesse predizer esse fim inesperado? Papai foi enterrado num cemitério ortodoxo de Tegel, perto de Berlim. Um dia nós iremos com você ver sua última moradia, no meio de outros escritores russos, seus amigos.

Você tem um bom retrato de papai? Se sim, peça para reproduzirem, eu lhe imploro e envie a mim, você concorda?

Implorei ao Sr. Levitan para me escrever quais foram os gastos nos últimos tempos para que eu possa reembolsá-lo. Ele e Madame Edouardova foram tão dedicados e tão amigos que já há algum tempo eles ajudavam nas despesas do hospital. Assim que eu souber de quanto se trata, enviarei a quantia pelo banco.

Enfim o Natal que se aproxima. O que você pensa em fazer? Passará em Beauvallon? Espero que seu trabalho de escoteiro lhe interesse sinceramente e que você faça o melhor para servir a causa, ajudando tia Marguerite em sua tarefa de educar os alunos. Quando, em uma das suas cartas, você escreveu que “teve os escoteiros nas costas da manhã até a noite”, eu senti um pouco de tristeza. Jamais se pode fazer um bom trabalho quando há algo “nas costas”. Como o fino filósofo Sertillanges se expressou: “é necessário ter seu trabalho em frente a si mesmo, como um bloco que a gente talha olhando um modelo divino, não atrás, como um rochedo que rola e que o esmague”. Por mais difícil que seja o trabalho, não é necessário que o homem que

trabalha seja curvado sobre a terra como um escravo acorrentado. Veja bem meu filho, qual é sua verdadeira atitude e trate de mudá-la, se ela não é a que você deve ter para ser digno do trabalho. Nós admiramos muito nosso chefe daqui. Ele é de uma dedicação extrema. Com uma tropa enorme de mais ou menos 90 escoteiros e lobinhos ele está sozinho frente a todas as dificuldades que ele suporta há mais de 4 anos... Sempre sorrindo. Ele é adorado pelos seus escoteiros e sua educação é sentida extraordinariamente. São garotos bem superiores do ponto de vista moral a todos os outros de sua idade em Belo Horizonte. Pode-se notar, com clareza, essa diferença, em favor dos “Fernãos Dias”²⁴.

Apreciei muito o modo de iniciação dos lobinhos na tropa dos escoteiros, de que você havia me falado na carta anterior. Falei disso ao Geraldo e ele também achou muito interessante e talvez ele fará o mesmo na próxima vez.

Qual presente você quer receber no Natal? Você poderá dispor de 100 francos que, de minha parte, você pedirá à tia Marguerite. Eu sei que você é um garoto sério e que sua escolha será digna de você.

Nós estamos começando as férias de verão, nós outros, seus antípodas. E, enquanto você treme de frio, nós outros vamos derreter de calor. No entanto, neste ano, as coisas parecem que vão acontecer diferentemente. Nós ainda não tínhamos tido calor, por assim dizer, embora, geralmente, a partir do mês de outubro o calor seja sufocante. Todo mundo está de casaco (damas) e mesmo em jaqueta de lã.

Embora as férias comecem, os trabalhos não parecem diminuir, pelo contrário! Mil coisas aparecem, como uma exposição no Rio, para a qual nos pediram para enviar, da escola e do Instituto, coisas mais ou menos interessantes. Depois os Secretários da Educação e do Interior me pedem para ajudá-los a resolver as questões relacionadas com a educação e delinquência infantil, enfim, ainda outros e sempre. Se o tempo estiver bom, será no barco que poderemos repousar, levando uma vida doce durante doze ou quinze dias de passeio.

Eu acabo minha carta, meu filho querido, meu grande Daniel, que se tornou maior ainda desde que seu pai se foi. As crianças, enquanto têm seus pais sempre parecem pequenas. Uma vez que os velhos se vão, os jovens tomam seus lugares, como substitutos. Eis, portanto, que você já é quase totalmente grande e adulto. Sua mãe envelhece também. Logo ela precisará de você talvez, como de um braço forte. Portanto, prepare-se bem, meu Daniel.

Sua velha mamãe que o ama e pede a Deus que o acompanhe em seus pensamentos e atos.

²⁴ Nome da tropa

Belo Horizonte, 13 de janeiro de 1936.

Minha cara criança,

Ontem recebi sua carta gentil de Megève. Eu estou muito feliz que você ainda seja tão bem recebido, seja na escola, seja na casa de Tânia. A ausência do próprio lar parece ser compensada pela variedade de lugares de moradas onde você é tão bem acolhido. É antes de tudo uma vantagem do que uma desvantagem, a partir do momento no qual você se sinta bem em todo o lugar, não é? – Eu penso que você realmente se entretenha no chalé de refúgio, com todos esses jovens e essas jovens de férias. Espero que você não tenha aborrecimentos. Agora você é um dançarino. Muito bem, meu filho. De tempos em tempos, pois frequentemente isso colocará muitas nuvens na sua cabeça, não é? E o champanhe era verdadeiro ou champanhe de ganso²⁵ como a gente fala em russo? Eu acreditava que você fosse abstinente, como tia Marguerite, como um bom escoteiro. Eu espero, portanto, alguns detalhes. E Robert, você o viu finalmente? E Tânia, parece contente? Se não, feliz? Eu espero que Martine lhe dê muita alegria.

E agora um pequeno acontecimento na Av. Paraúna²⁶: antes de ontem à noite veio um rapazinho mulato bater à nossa porta. Perguntei o que ele queria, ele respondeu: “Procuro um lugar onde eu possa viver. Meu pai morreu, minha mãe fugiu de caminhão, nos deixando a brincar no pátio, atrás da casa. O caminhão não fez nenhum barulho na arrancada, e quando quisemos entrar na casa, ela estava fechada e ninguém lá dentro. Três noites eu passei sob o viaduto e agora, cansado, eu procuro uma casa”.

Grandes nuvens se juntaram bruscamente em uma massa bem escura e começaram a derramar água como só existe nos trópicos, interrompendo a nossa conversa e nos fazendo entrar os dois em casa. O rapazinho mulato ficou esta noite e, depois de um banho, teve uma cama macia e branca preparada pela empregada Miluca.

Vivo e bem inteligente para seus dez anos, ele nos contou a história triste de sua vida. Pai morto, mãe desnaturada que começou a levar uma vida de mulher pouco direita, deixando seus seis filhos nas mãos dos vizinhos dos pais. Antônio, nosso herói, seja porque ele amava mais a mãe, seja porque seu temperamento fosse mais sagaz, não se acomodava à vida na casa das pessoas, onde ele buscou refúgio desde o abandono da mãe.

No dia seguinte nós fomos procurar o tio dele: a história contada por Antônio, um dia antes, não era nem totalmente verdade, nem totalmente mentira. O fundo, no entanto, era bem verdadeiro: a criança abandonada pela mãe, com caráter esperto, independente, já um pouco

²⁵ Champanhe de ganso significa champanhe falsa.

²⁶ A Av. Getúlio Vargas, originalmente, era denominada Av. Paraúna.

revoltada, lhe impedia de se adaptar como seus irmãos, a uma existência tranquila. Seu tio, ao vê-lo, propôs-lhe imediatamente experimentar a correia pelas fugas e outras maquinações que ele tinha feito ultimamente. O homem, meio bêbado, ameaçava enforcá-lo e matá-lo naquele momento. A criança permanecia com toda a sua dignidade humana, depois começou a chorar, mas calmamente, sem barulho, lançando lágrimas de vez em quando de suas pálpebras bem fechadas. Era uma cena bem penosa e Miluca me fazia sinais para abreviar essa tristeza. Nós nos levantamos e levamos a criança para a nossa casa. – Ele se sentia feliz como um passarinho. – Mas ele vai se entediar sozinho, sem a companhia das outras crianças e acabará por fazer idiotices, quando a novidade da nova existência não mais tiver charme. – Hoje eu me encarregarei de levá-lo a um instituto (Instituto João Pinheiro) e, se por uma felicidade houver lugar, o destino da criança estará pronto para sempre. Há muitos meninos infelizes e cada caso desse gênero me faz desejar ainda mais que você venha para cá e, uma vez completado seu curso de agronomia, nós construiríamos uma bela escola fazenda e fábrica para reunir esses meninos miseráveis.

Hoje não te escrevo mais, porque já tenho muitas cartas urgentes para redigir. Informe imediatamente se a senhorita Soubeyran recebeu a segunda quantia de cinco mil francos que eu enviei a ela e Grany, por intermédio do Sr. Bastide. Eu te envio um grande beijo.

Sua mamãe que te ama.

Belo Horizonte, 17 de fevereiro de 1936.

Av. Paraúna, 1.657

Meu filho querido,

Obrigada, filho gentil, por seu presentinho para 1936. Ele me agradou muito, sobretudo porque você se lembrou do meu desejo de ter, para nossos escoteiros, o modelo do novo Nitap. - Abandonei um pouco os escoteiros, por ora. Muita coisa ao mesmo tempo prejudica as mais importantes. Como os escoteiros já tinham, graças a nós, um bom Chefe geral, do Estado, descansei um pouco, abandonando-os. Soube, no entanto, que esse Chefe não dá o tempo nem o cuidado necessário à obra, e creio que devo novamente ajudá-los um pouco mais do que o fiz neste último ano.

Hoje temos uma festa no Instituto Pestalozzi: um de nossos colaboradores, Dr. Marques Lisboa, faz seus sessenta anos. Como é um bravo homem e a quem devemos muito, pelos inúmeros serviços que nos prestou, em ciência e em coisas do dia a dia, nós lhe oferecemos uma festinha, com sorvete, discurso, poesias e canções, e uma bela enciclopédia para a juventude, em 18 volumes, para o pavilhão das crianças tuberculosas de seu imenso Sanatório para tuberculosos proletários. - Descendente de marqueses portugueses, esse homem é o mais perfeito democrata e amigo dos humildes. Sempre pronto a ajudar, é o escoteiro mais perfeito para servir ao próximo e fazer seu melhor em prol do bem dos outros. - Faço um discurso, entre outras coisas, para esse homem generoso, que, ao mesmo tempo, é um grande sábio: as pesquisas que faz sobre as glândulas de secreção interna constituem um trabalho notável de biologia. Espero que você tenha a ocasião de encontrá-lo e talvez até trabalhar com ele, se sua especialidade se prestar a este tipo de pesquisas.

Outro dia, quis te enviar biscoitos de fruta que são muito bons e nutritivos no Brasil. Disseram-me, na costa, que é melhor você se informar sobre o que deverá pagar na alfândega, para que não te custem muito mais caro. Pergunte no correio. Eu os enviarei em lata, como amostras, em caixas postais. Quanto custam cinco quilos? Responda-me o quanto antes, para que eu possa enviá-los e completar sua magra refeição.

Você tem notícias do papai? Como está a saúde dele? Desde que ele me enviou seu livro (Kovarstvo e Liubov), não recebi mais nada, apesar das duas ou três cartas que lhe mandei desde então.

Felizmente, Grany acabou de receber o dinheiro que enviei por intermédio de tia Marguerite. A pobre só recebeu mil francos na primeira expedição, ao invés de metade dos 5.000 francos, ou seja, 2.500. Ontem lhe enviei um novo cheque de 3.400 francos e alguma

coisa, diretamente expedido ao seu endereço de Paris. Será que ela os recebeu? O câmbio está tão horrível neste momento e é tão difícil obter um cheque em Paris, que isso me dá sempre muitas preocupações, para o bem-estar material da pobre Grany.

Como vai você, meu grande menino? Eu pedi suas medidas antropométricas. Não se esqueça de as enviar para mim, por favor.

A Jacques Barret, meus melhores cumprimentos, antes da carta que lhe devo, em resposta à sua tão gentil.

Um forte abraço, meu Daniel querido, que Deus te guarde e ajude em suas boas ações e te proteja dos males.

Sua mãe que te ama muito ternamente.

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 1936.

Av. Paraúna, 1.657

Meu Daniel querido,

Obrigada pelo Nitap e pela peça para escoteiro. Já te agradei por isso em minha última carta, mas me pergunto se todas as cartas chegam até você, e nunca é demais ser mais, do que menos cortês. Neste momento as escolas estão em pleno trabalho, quer dizer, quando você receber a carta, pois neste momento comemoramos o grande Carnaval, a festa por excelência dos Brasileiros, para a qual se preparam por muito tempo, apertando o cinto durante longos meses, a fim de gozar como reis durante o Carnaval. - Mas, após a quarta-feira de cinzas, mais pálidos que nunca e mais cansados, adultos e crianças se põem ao trabalho para recuperar o tempo perdido. - A peça que você enviou (pois foi ela o ponto de partida de todo este parágrafo) será utilizada por nossos meninos, depois que as coisas retomarem os trilhos.

Na penúltima carta você me fala de uma tosse que te incomoda a ponto de te dar dores de cabeça. Ela enfim passou? É por que é forte ou por que é especialmente incômoda para a cabeça? Você consultou o médico?

O livro de que você me fala sobre a Rússia me parece um pouco exagerado. Nós mesmos já vivemos lá até 1924 e podemos julgar um pouco o que é exato e o que parece voluntariamente alterado. Há uma quantidade de coisas que torna a vida de uma pessoa, habituada com a dignidade humana e com a liberdade, intolerável na Rússia. Esses defeitos e abusos já são demasiado grandes para inventar outros. Assim creio que é errado dizer que os sentimentos familiares desapareceram completamente na URSS. É dizer que a natureza humana, naquilo que há de mais instintivo, tenha podido se transformar de um dia para o outro. Acho que é uma grande alteração da verdade. Talvez, durante um período muito curto, e em uma região muito limitada, fatos semelhantes puderam ser observados, sob a influência de alguns exemplos e sob o efeito de uma "moda" particular. - Mas o instinto retoma rapidamente seu caminho, e a vida corrige o que uma ideologia precipitada tenha podido inventar.

Em plena revolução, quando o comunismo estava mais ardente, dois anos após a vitória soviética, ou seja, em 1919, eis um exemplo, pessoalmente observado, que te mostrará o quanto o instinto materno é forte: eu estava, então, na Maternidade de Petersburgo, pois você acabava de nascer. Uma jovem mulher teve o azar de perder seu pequeno recém-nascido. Como o estado dessa mulher estava preocupante, ela também poderia morrer, quando soubesse da morte da criança que haviam escondido dela. Então os pais da jovem decidiram substituir a criança falecida por uma outra. A maternidade estava cheia de crianças e acreditava-se ser fácil este

estratagemas, sobretudo porque oferecia-se à mãe que dava sua criança uma recompensa pecuniária. - Esqueceu-se o instinto maternal: pois nenhuma mulher, dentre as dezenas e dezenas que foram perguntadas aceitou o pacto, inquietas que alguém pudesse lhes tirar seu tesouro, não se separavam mais deles e lhes apertavam fortemente contra o peito. Era em 1919, em plena revolução soviética, em pleno período da mais horrível fome em que não se hesitava em se encher o estômago, para não morrer de fome, devorando caixas de batatas podres, e às vezes, horrível de se contar²⁷, comendo carne que estava mais salgada que a do boi ou a do cavalo, e que os Chineses vendiam no mercado.

As mães desnaturadas se encontram por toda parte e em qualquer tempo, mas dizer que a mãe russa, de maneira geral, passou a ser desnaturada, acho que é uma calúnia infame. É verdade que as condições materiais se tornavam tão precárias para a maior parte delas que não hesitavam em se separar das crianças para lhes dar melhores condições de vida, do que a que a mãe sozinha ou o casal poderia oferecer à sua criança. Por outro lado, os estabelecimentos educativos tornavam-se cada vez melhores e os pais lhes confiavam de mais bom grado suas crianças. - Mas isso não é uma invenção da Rússia Soviética: quando, por uma razão ou outra, não se podia dar o que a idade ou o desenvolvimento da criança pediam, confiavam-lhes aos internatos, dos quais se esperava poder dar justamente o que faltava à família: o ensino, as condições higiênicas etc. Na Inglaterra, a maior parte da juventude recebe a educação não em casa, mas em internatos dos grandes e célebres colégios. - Os pais pagam, é verdade, nesse caso, e não na Rússia, mas é que dinheiro talvez não tenha o mesmo valor na Rússia. Quando o operário, o funcionário ou o professor ou o médico vem, no fim do mês, receber seu salário, resta-lhe apenas o estrito necessário para não morrer de fome, pois a administração se encarregou de deduzir de seu salário uma porcentagem para tal obra social, tanto - para uma outra, por uma quarta ou quinta, sei lá - que ele já pagou tudo do que ganhou para não ter mais nada.

Muito raramente recebo notícias do meu afilhado. E, fora ele, não tenho ninguém na Rússia que possa me escrever. Tenho amigos, antigos colaboradores, mas eles temem escrever para o estrangeiro, para não serem considerados como vis contrarrevolucionários. É esse o lado mais desprezível da Rússia Soviética, este medo sem razão por um erro que não cometemos. O terror é a palavra. A ditadura é outra – as situações foram as mais revoltantes para a dignidade humana e a liberdade de um cidadão. Isso, de fato, não conseguimos engolir facilmente e, por isso, papai teve razão de nos fazer vir para a Europa, depois de ele mesmo ter vindo, com outros

²⁷ *Horribille dictu*: locução latina que significa horrível de se contar.

intelectuais, por vontade dos bolcheviks, que os consideraram como homens livres e, portanto, demasiado perigosos.

Meu filho querido, parece que o "champanhe" - começa a ter atrativo para você. Já são duas vezes que você me fala disso com certo "entusiasmo". Você só tem 16 anos, e o álcool, quanto mais jovens somos, mais tóxico para o organismo, para o sistema nervoso, particularmente. Você não tem ideia do que o álcool, quando começamos a gostar e a fazer um uso abusivo, é ruim. Ataca tudo, mas especialmente o que há de mais nobre no corpo - a célula nervosa. E o que há de mais sério é que não somente o indivíduo que sofre com isso, mas há ainda outras vítimas, - os descendentes infinitamente numerosos desse indivíduo.

Meu trabalho com estes destroços humanas (todos esses idiotas, imbecis, débeis mentais, epiléticos, coreias²⁸, delinquentes, desequilibrados, e nervosos como ainda os monstros e os deformados) me dá esta convicção, como aliás a outros, que são o álcool e a sífilis - os dois fatores quase exclusivos dessas degenerações. É verdade que é preciso também pensar na tese de Pearson, que a formula assim: "não se é degenerado porque se bebe, mas se bebe porque se é degenerado" - Certamente há alguma certa propensão ao vício que faz procurar o álcool e faz contrair doenças venéreas, propensão um tanto inata - em alguns casos -, mas a grande maioria faz-se vicioso graças ao ambiente vicioso, do qual eles têm o azar de participar e que os contamina e que os arrasta, apesar da natureza deles.

Quero que você se divirta, desejo que sua juventude se passe não em tristeza e tédio, mas que você tenha suas horas de prazer e de distração, tão merecidas após a dura labuta. Quero apenas te prevenir dos perigos muito sérios que o rapaz corre quando começar a se entusiasmar excessivamente, e quando, não vicioso ele próprio, por natureza, começa a seguir cegamente aqueles que certamente o são. Escolha bem seus amigos e mantenha sua personalidade, ao abrigo desta imitação servil que faz com que acabamos nos perdendo e tomando o mau caminho. - Sua hereditariedade felizmente é sadia. Seu pai amava se divertir, mas mantinha sempre certa reserva e dignidade que faz a distinção entre a natureza sadia e bem-educada. - Divirta-se também, mas não se deixe levar pelas cabeças demasiado quentes e brilhantes destes libertinos sem freio.

Terminando sua carta, faço os mais fervorosos votos que você tenha a oportunidade de escolher a companhia sadia de bravos rapazes, e de evitar os degenerados e os viciosos.

Minha carta é um pouco longa. Você terá paciência de lê-la? Até logo, meu grande rapaz. Não se esqueça de sua mãe, que te ama, como só uma mulher pode fazê-lo propriamente,

²⁸ Também conhecidas como doença de Huntington.

inteligentemente, maternalmente.

Um abraço bem terno - esperando notícias suas.

Mamãe.

Belo Horizonte, 5 de abril de 1936.

Meu filho querido,

Mais de uma semana se passou sem que eu tenha te escrito. Desculpe-me, por favor. Como te escrevi, eu fiz em menos de um mês duas viagens para São Paulo, depois para o Rio. Assim que cheguei, as aulas retomaram na Escola. Muitas preocupações com o Instituto e todas as outras coisas que não andam como desejamos e, sobretudo, quando consigo mesmo, as coisas não andam como gostaríamos: tudo isso nos dá uma dose de amargura na alma, e nos recolhemos no nosso canto, como o animal faz para de se sentir bem. Creio que é um cansaço geral que se torna um pouco pesado para aquele que deveria se desdobrar em dez e que só faz pequeno mínimo de coisas.

Você me desculpará, não é querido? Além disso, o calor do verão ainda não nos deixou, e nos sentimos amolecidos nesta temperatura exagerada.

Que hora você recebeu o telegrama que enviei no dia do seu aniversário? Eu o mandei entre meio dia e uma hora, no dia 31 de abril. Essa hora correspondia, para vocês, a 4 ou 5 horas da tarde. Espero que tenha chegado a você no mesmo dia, para te desejar meu voto materno de felicidade.

Meus amigos e "admiradores", como se expressaram no jornal, se "tramaram" para me oferecer um café da manhã no dia do meu aniversário. Como declinei dessa forma gentil, mas um pouco muito mundana para meus costumes, eles resolveram recolher dinheiro, que teriam gastado com esse café em um restaurante mais ou menos chique, e o oferecerem para a Casa do Adolescente (para os jovens trabalhadores) que espera não sei mais qual diligência burocrática da prefeitura para começar a construção. Esse presente foi muito bem recebido por eles, como pode imaginar, sem dúvida.

Quando da minha passagem pelo Rio, recebi uma oferta para ir trabalhar em uma Clínica para as crianças delinquentes, para me encarregar da parte psicológica. O trabalho é muito bem compreendido e será bem interessante. Como tenho meu contrato aqui, e meu trabalho iniciado, certamente não posso aceitá-lo. Mas em julho de 1937, se o Governo de Minas Gerais não quiser mais refazer o contrato, talvez eu poderia pensar no Rio. Aliás eu o faço ainda com mais prazer do que com a famosa Escola de Viçosa, de Agronomia, da qual tanto gabei os estudos e foi, de certa forma, vítima de má sorte: por questões políticas, creio, seu diretor, homem extremamente devotado e competente precisou se demitir (não renovaram seu contrato) e, com ele, oito melhores professores. Entende que a escola não pode mais representar o que era antes?! Deus sabe como ela será orientada, talvez ela degenerar-se-á rapidamente e não oferecerá mais

nenhum interesse. Então, pensando em você e em seu futuro, acho que a vida no Rio será mais favorável aos estudos superiores e que você lá encontrará um meio mais de acordo com suas necessidades.

Penso que será prudente aceitar a oferta no Rio, sobretudo se o Diretor e o Juiz de menores quiserem me ouvir durante um ano inteiro. E você, o que acha?

Em Minas, há uma boa Escola de Minas (em Ouro Preto). É célebre em toda a América do Sul. Se você tivesse inclinação para esse tipo de especialidade, aqui mesmo você poderá achar algo interessante. A Escola de Medicina não te diz nada. Aliás, essa não é famosa aqui. No Rio, haverá uma Universidade com a Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências que terá em seu corpo docente professores franceses, o que te facilitará os estudos. Talvez a carreira de ensino (o francês, por exemplo, nos colégios daqui) te agrade.

O essencial, meu filho, é que você possa vir aqui ainda jovem, a fim de se incorporar melhor à vida do país. Como a França não oferece nenhum tipo de garantia aos estrangeiros e, em particular, aos Russos, é preciso se preparar para a vida em um outro país. O Brasil representa um campo privilegiado para os estrangeiros que estão prontos a se dedicar ao seu progresso.

Dê notícias de seus estudos, bem como de sua saúde. Espero que nada te aborreça para além da medida, que você cresça robusto de corpo e sereno de alma.

Um abraço, meu menino amado.

Sua mamãe.

D. Nina te manda as melhores saudações.

Belo Horizonte, 19 de junho de 1936.

Meu Daniel querido,

Esta semana tenho duas de suas cartas, uma foi retida pela censura e a outra não, de modo que todas duas chegaram aqui quase ao mesmo tempo.

Você me fala do seu estilo. Realmente, ele é muito mais desenvolvido que há um ano, quando ele ainda tinha contornos muito primitivos e infantis. Agora o sentimos mais trabalhado e mais adulto. Aliás, o estilo revela muito mais a evolução mental pela qual passa a criança. Suas primeiras cartas estão guardadas, de modo que podemos muito bem seguir, etapa por etapa, a maturação do seu espírito. - O que ainda persiste são as faltas de atenção: as concordâncias com o plural, com o feminino, os participios passados também não são sempre respeitados - digo falta de atenção, pois suponho que todas essas regras são perfeitamente conhecidas por você, há bastante tempo. Em suas composições, você as comete tanto quanto em suas cartas?

É realmente uma pena que não possamos nos rever no verão. Mas, francamente, minha bolsa é bem pouco guarnecida para me permitir esta custosa viagem. Os seis meses desempregada ano passado me fizeram um grande desfalque nas economias. E foi preciso ajudar um pouco na doença do seu pai, e sua própria viagem à Alemanha, enfim, é preciso esperar um pouco para guarnecer novamente. - Ainda não tenho o visto para o mês de dezembro, mas vou solicitá-lo sem demora. Este bom Claparède ficará desolado, suponho, quando souber que não irei em setembro, como prometi, para participar do Congresso de Psicologia.

Em setembro, organizamos, como já te escrevi, nossa segunda Exposição-Feira dos Trabalhos de Menores. Desta vez, vai receber artigos não somente de Minas, mas de todos os outros estados brasileiros. Isso se tornará bastante interessante. Nessa ocasião, em setembro, Belo Horizonte estará lotada: um Congresso Eucarístico Nacional reunirá mais de cem mil pessoas vindas de outros lugares, além dos belorizontinos. Trataremos de vender em nossa Feira muitas coisas, bem como "refrescos" - pois contamos muito com isso para a renda da Casa do Adolescente (Casa do Jornaleiro).

Se você viesse aqui nessa época, poderia bem nos ajudar na organização da feira... mas acho que é melhor esperar ainda um pouco para vir de uma vez por todas, não é, meu filho?

Eu te escrevi, na minha última carta, que gostaria muito de te ver passar algum tempo na Inglaterra para aprender inglês, do qual precisará mil vezes na vida. O que acha, seria fácil arrumar uma viagem desse tipo? Tia Marguerite deve saber alguma coisa sobre isso, não é? Eu também poderia me informar com a Senhora Gueritte, editora chefe de "A nova educação" que

ainda mora na Inglaterra e deve ter vastas relações por lá. Escreva-me algo, para que eu possa enviar a ela uma carta, no caso de você não ter nada de especial em vista.

E seu violino, meu tão querido filho, em que pé está? Não o abandone, pois podemos ainda nos alegrar muito com Corelli, Mendelsohn, Mozart...

Mas, neste momento, meu querido filho, você deve cuidar de outras coisas. Suas provas talvez ainda não tenham passado e você está em estados bem diferentes do que sentimos fazendo boa música.

Escrevo à máquina para evitar que você faça o esforço para decifrar minha escrita nem sempre legível. - Que estes dias de angústia passem rápido, e que você retome sua calma. Li em não sei qual jornal que a emoção muito forte nas provas só acompanha os indivíduos realmente inaptos, e que essa hiperemotividade deve ser levada em consideração para desaconselhar essas pessoas a entrarem em carreiras intelectuais. Observe-se bem, comparando-se com os outros, será que seu medo é mais forte que o dos seus colegas?

Até logo, meu filho, meu bom Daniel. Que Deus te guarde e te guie.

Sua velha mamãe.

Belo Horizonte, 25 de outubro de 1936.

Meu filho querido,

Há muito tempo que você não recebe novidades minhas, suponho, porque a última carta que te escrevi foi enviada pela The Au Pair, Interchange Association Abford House. Victoria. London. Se o estabelecimento não se encontrar muito longe de você poderá passar lá e talvez procurar minha carta. Eu lhe peço na carta para passar no endereço Browning House número 19, avenida Warwick. W. 2 Tel. Abercorn, 1946. Há três anos pedi a esse estabelecimento uma brochura da doutora Lowenfeld. Como o dinheiro estava difícil de arrumar, fiquei com essa dívida de 2/6. Na minha carta eu lhe pedi para ver se a minha dívida já estava quitada por Grany, se não, eu lhe pedi para pagá-la. E depois quis também que você visse se há um catálogo das coisas, livros e materiais didáticos novos. Você quer fazê-lo para mim? Muito obrigada pelo serviço.

Quando você deixar a pensão, não esqueça de me informar seu endereço para que a correspondência chegue até você, sem isso não poderei enviar minhas cartas, não é?

Você está contente com a sua viagem? O essencial é aprender o inglês. Encarregue-se, portanto, de aproveitar o máximo do seu tempo para falar inglês adequadamente ao final de sua estadia na Inglaterra.

Você aprecia as belas artes? Não deixe, portanto, de visitar a National Gallery e a Tate's Gallery, esta última reservada à pintura inglesa. E o British Museum, com suas coleções de todas as espécies, inclusive selos.

Preserve-se meu amigo, das más companhias. Em sua idade, a gente se deixa facilmente tentar pelas pessoas pouco escrupulosas. Em seguida a gente sofre as consequências, às vezes, a vida inteira. Eu lhe seria totalmente grata se você me deixasse a par de suas aventuras, caso elas existam. É verdade que eu me encontre longe de você, mas às vezes ainda é tempo de lhe aconselhar. Sua idade, criança, é a mais frágil do ponto de vista moral: todos os sentidos estão em efervescência, e a razão ainda não está suficientemente madura, porque esta amadurece não somente com a idade, mas também com a experiência. Não deixe, portanto, o coração lhe virar a cabeça tão facilmente. Permaneça forte, resista a tudo aquilo que seu coração não aprova completamente. Como uma galinha e seu pintinhos, uma mãe é tranquila, quando seu pintinho humano se encontra com ela. Enquanto eu, meu querido Daniel, quanto eu deva me inquietar, estando tão longe, tão longe de você. Mas que as minhas falas o acompanhem. Sempre que você tomar uma decisão, ou antes de tudo tiver de decidir, pense por um instante como é que a sua mãe, cujo caráter e gostos você já deve conhecer bem, como ela lhe aconselharia. Perdão pelos

sermões, mas, cara criança, quando eu tive a sua idade eu também tive sermões, bem raros. Muita liberdade minha mãe me tinha dado na idade na qual a gente ainda é bem idiota.

Estamos novamente com quinze dias de férias: Belô se prepara para receber um grande número de peregrinos para o Congresso Eucarístico. Então as escolas e edifícios oficiais foram cedidos para essa intenção. Os meninos estão novamente na rua, os pobrezinhos, que aqui, aprendem sempre tão pouco. Neste momento, dou ainda cursos a um grupo de religiosas, de diferentes congregações, São Vicente de Paula, Franciscanas, Da Divina Providência e outras. Elas são apenas quatorze em vez de 76, já faz três anos. Elas são, apesar de estarem em pequeno número, bem gentis e escutam com bastante participação pessoal.

Além desse curso – é a exposição do Trabalho das Crianças que toma meu tempo: esperamos os artigos para exposição de diferentes Estados brasileiros. Espero que a exposição tenha algum sucesso: ela já o teve, porque as crianças dos estabelecimentos que apresentaram coisas bem simples no ano anterior se esforçaram muito mais neste ano. O Instituto Pestalozzi preparou coisas legais. Bem artísticas e bem-acabadas. São nossos pequenos surdos mudos, nossos pequenos débeis mentais e mesmo imbecis. Imagine agora o que poderíamos fazer com os normais ou ainda melhor, com os supernormais?

Há ainda um novo achado: os parques infantis. Terrenos de jogo, com bibliotecas, serviços sanitários, cantina, dramatizações e outras diversões. Nós colocamos de pé esse tipo de assistência à infância. Se você chegar a ver um desses playgrounds bem aparelhados, em Londres, eu lhe seria bem grata se observar também, com meus olhos a fim de ver as coisas em detalhe e nada deixar escapar de importante. Talvez tenham esses playgrounds folhetos de programas quaisquer. Peça-os para mim e faça a gentileza de enviar. Não é, criança?

Recebi uma carta do bom amigo Claparède. Ele está num estado lamentável. Bem deprimido, sua mulher também, ambos arrastam um final de existência verdadeiramente bem triste. É uma pena que eu não esteja lá para animá-los um pouco. Eles sempre foram muito bons para nós, tão cheios de atenção. Você se lembra das Garden Parties que aconteciam no campo, as cerejas maduras, as violetas perfumadas do jardim e ainda a Maison de Petits ao lado, onde você, meu garoto querido, começou o estudo de suas primeiras letras. Você ainda se lembra? Você ainda guarda uma boa lembrança desse tempo passado já algum tempo, no qual Senhorita Audemars e Lafendel, com seu método tão original, iniciava você nas coisas da mente. Eu suponho que você ainda deva ter nítido no espírito os relatos sobre a vida dos primeiros homens heroicos: Bras-Fort, Rosée du Matin etc. Ainda pequeno você se divertia e podia apontar grandes trechos sobre uma rocha, um pouco monstruosa que lhe lembrava Cheveux Longs ou outro personagem. Você era tão gentil, com essa inocência de criança que toma tudo como

verdade e acredita em tudo que a gente diz com uma inocência tocante.

Esperando as suas novidades, receba, cara criança, um beijo de sua velha mãe.

Belo Horizonte, 7 de dezembro de 1936.

Rua Britto Mello 498.

Meu caro Daniel,

Ainda ontem eu recebi sua carta, toda ingênua, datada de 13 de novembro. Você ainda se sentia tão leve e despreocupado, enquanto seu telegrama e sua carta, por causa do correio produzem um efeito bizarro. – Como vai você, meu filho? Você se sente um pouco mais tranquilo, mais reconciliado com o destino? É o tempo, o grande curador. É necessário, às vezes, esperar por muito tempo – eu ainda espero notícias de Berlim, para saber exatamente o que deverá ser feito com as coisas e manuscritos de papai.

Nós estamos nos mudando. A casa em que moramos é bastante longe do trabalho, tanto da minha escola quanto do Instituto Pestalozzi, onde como você sabe, trabalha D. Nina, enquanto chefe de ateliê de encadernação. Além disso, a casa onde nós estamos, desde 13 de julho de 1935, é uma casa que tem a reputação de ter má sorte. Quando nós nos mudamos para essa casa, uma garotinha da vizinhança nos disse: “nesta casa todo mundo morre”: três meses mais tarde, de fato, morreria o pobre Anatólio. Mais tarde era minha vez de perder – jamais me senti tão mal como neste ano: um grande desencorajamento moral, devido talvez ao fato de que este tumor do qual devo me livrar o mais rápido influenciou fortemente meu moral. Uma sonolência terrível, uma perda de energia, uma ausência de gosto por tudo o que me entusiasmava – Vamos lá! Sem ser supersticiosa, o domicílio influencia de uma certa maneira o espírito, e já que eu quero a todo custo me livrar desse peso que me oprime, eu quero fazer isso em outro lugar que não seja esta casa de má reputação.

A nova casa é bem simpática: ela se encontra no bairro de nossa antiga escola de aperfeiçoamento, que você conhece. Bem graciosa, com um agradável jardim na frente e uma pequena horta e galinheiro ao fundo, ela nos convém muito bem. Aliás eu não penso em permanecer muito tempo: eu fiz o pedido pelo visto suíço, e eu espero tê-lo, (se Deus quiser) para o mês de março. Durante minha ausência, Dona Nina receberá pensionistas, crianças – alunos do Instituto, que vêm até nós do interior do Estado. Aliás mesmo enquanto eu estou, nós teremos dois garotos, um epilético de dez anos, uma gentil criança, e o outro – uma criança retardada, filho de um Prefeito do interior e que nos suplicou que tomássemos seu filho para a pensão, pois ele tem muita confiança no nosso trabalho de Pestalozzi.

As lições já terminaram na Escola e no Instituto. Agora nós estamos preparando o material para a Exposição de Educação do Rio de Janeiro, que deverá ser inaugurada no dia 20 deste mês – depois disso eu penso em passar uma ou duas semanas numa fazenda onde espero

progredir o suficiente no meu livro, ou antes dois livros, já prometidos a dois editores diferentes, um o teu e o outro sobre o crescimento físico das crianças de Belo Horizonte, que eu faço em colaboração com a minha assistente.

A última carta, recebida do Sr. Claparède, mostra que ele não está bem. Ele se queixa das dores nos braços, dos formigamentos nos pés, da perda da sensibilidade – tudo isso são sinais bem alarmantes para qualquer um que conheça sua constituição neuropática – Senhora Claparède está igualmente bem deprimida, e ela como seu marido solicitam a minha presença para lhes dar um pouco de alívio moral, um pouco de alegria. Outrora eu tinha a reputação de ser alegre e de poder dar um pouco de coragem aos que não tinham. Eu temo que agora esse papel seja bem difícil de realizar.

Grany deve ter recebido o dinheiro que eu enviei para ela e para a senhorita Soubeyran. Para o momento ela tem o suficiente ou é necessário lhe mandar mais, como você me fez entender na sua última carta? Eu não sei se essa carta foi escrita antes que o dinheiro (a metade de oito mil francos enviados) chegasse ou já depois.

Eu estou bem confortável em saber que você está satisfeito na sua sala e com seus estudos. Faça o seu possível para trabalhar bem, é o que eu lhe peço. O resto se, apesar de seu esforço sincero, você não se sair bem, será resolvido por medidas que nós decidiremos, quando eu chegar na Europa. Não é necessário se desencorajar. É preciso fazer o possível para se sair bem, ter lições particulares, se essas puderem ajudar a melhor aprofundar os conhecimentos e a compreensão do básico – Eu estou bem contente que seu serviço para os *éclairés*²⁹ adquira um caráter sério, do qual você me fala na sua carta. De fato, o escotismo se torna uma força de reação ao declínio moral, ao “comodismo” burguês e à fraqueza de vigor físico e espiritual que se nota por toda a parte hoje. Eu gostei muito da sua análise do livro de Carrel. Você o leu inteiro? Ou você conhece “O homem, esse desconhecido” somente através da apresentação que lhe fez o seu superior? Meus amigos me deram de presente esse livro, que eu apreciei medianamente. É um tesouro de observações, há algumas muito refinadas, junto a outras muito superficiais. Mas no conjunto é um grande livro e uma obra que realça bem os males e os vícios de hoje

Como você vai passar o Natal? Desta vez, provavelmente, você não irá à Mégève, já que Tania está em Paris. Você passará em Beauvallon, certamente, fazendo bom trabalho com teus escoteiros, lendo bons livros, meditando-os, praticando esporte e se eu puder te pedir, tocando violino, que te dará muito prazer no futuro, se você lhe dedicar um pouco do seu tempo.

²⁹ Grupo de escoteiros

Não esqueça também do inglês. Leia Kipling e Dickens, essa leitura, apesar de já estar aquém de suas preocupações espirituais, lhe dará uma boa oportunidade para melhor conhecer a língua.

Depois você escreverá um pouco, eu suponho. Você organizará seus pensamentos, suas experiências e suas reflexões com isso. É muito bom que faça, como seu superior recomenda, uma boa ficha de suas leituras e de seus pensamentos em relação às necessidades do escotismo.

Eu termino minha carta para colocá-la no correio antes de ir à Escola. Eu a envio por avião para que você saiba mais cedo do meu novo endereço. Minhas considerações para a tia Marguerite e senhorita Frafft assim como a Madame Dours e tio Émile.

Eu te beijo bem afetuosamente, meu querido garoto.

Sua velha mãe que o ama.

P.S.: Ainda espero uma foto um pouco mais nítida que aquela que você me enviou da Inglaterra, com suas medidas antropométricas: tamanho em pé, sentado, perímetro torácico e cefálico. Peso e espirometria e dinamometria, se você tiver os aparelhos necessários para essas medidas.

Belo Horizonte, 24 de janeiro de 1937.

Rua Britto Mello 516

Meu grande menino,

Hoje é domingo e eu escrevo minha carta dominical fumando charuto, um cigarro, desculpe. Há dois meses aproximadamente eu retomei meu ato de fumar que eu havia deixado, decididamente, durante três anos. Como eu sofria com uma sonolência atroz, para combatê-la, tentei fumar. O resultado foi bom e sem me sentir mal, eu continuo. Eu tenho a impressão que meu organismo esteve consideravelmente alcalinizado, pelo uso cotidiano de sais alcalinos, prescritos pelo médico, durante a minha viagem à Europa. Eu não sei se eu estou enganada, mas eu penso que o efeito do tabaco age como um ácido e dessa maneira, pouco a pouco, eu recupero meu equilíbrio orgânico.

Hoje fez um calor sufocante. Nós estamos em pleno verão. – Uma grande chuva tropical veio refrescar o ar e está agradável agora. De longe escuta-se cantar as rãs e os grilos emitem ruídos de todos os lados. Os vagalumes voam aqui e acolá: dir-se-ia que são estrelas voando bem baixo sobre a terra.

Enfim hoje escrevi uma carta ao Secretário de Educação do Rio Grande do Sul, agradecendo-o por seu amável convite. É que eu tive uma entrevista com o Secretário daqui, e este por nada no mundo não quer me ver partir. Ele está fazendo grandes projetos sobre a melhoria da instrução pública e meus serviços, diz ele, são indispensáveis. Por outro lado, o Secretário do Interior também se lança em reformas da assistência às crianças, e me considerando uma especialista em questão, obriga-me a trabalhar a seu lado. Provavelmente em vez de refazer meu contrato, eles desejarão proceder a uma nomeação permanente. Isso é bem melhor, pois me evita as preocupações de procurar me estabelecer, toda vez que o término do contrato se aproxima. – Eu me tornarei, assim, uma funcionária do Estado, com uma certa garantia para os dias da minha velhice. Somente meu nomadismo e minha independência, traços de caráter de minha pessoa por excelência, encontram-se um pouco lesados. A gente vai ver como as coisas vão se arranjar. No momento, pessoalmente, todos são gentis comigo e é uma grande coisa essa simpatia de meus amigos e colaboradores.

Espero, com impaciência, o visto suíço, pois acordei com o Secretário que passarei seis meses (abril – setembro) na Europa. – Espero com impaciência esse visto. – Espero que passemos bons momentos juntos. Talvez nós iremos no verão à Itália. Embora o fascismo me repugne como sistema de governo, sobretudo o selo que ele imprime em seus sujeitos, transformando-os numa manada de carneiros, há muitas coisas antigas e recentes a admirar

nesse país.- E mesmo graças a esse fascismo, a Itália pode realizar muitas obras de destaque. Há entusiasmo no povo, e o entusiasmo é o grande motor de propulsão. Há também amor pelo seu governo, e este pode tirar bastante proveito. No livro de Maurois que eu te citei outro dia, eu encontrei esta passagem que me parece apropriada a nossa questão:

“A que deve aspirar a juventude? – A encontrar uma forma de governo que seja amada em vez de ser tolerada. Sua aspiração deve ser heroica, já que sem esse sentimento, nenhum Estado se sente em segurança; a vida política é então como a carne podre sem sal, a coroa – um simples ornamento, a Igreja um mecanismo administrativo e a constituição – um sonho”. – Com o amor as coisas mudam e os grandes progressos se concretizam. Eu penso que na Itália de nossos dias pode-se ver a que aspirava Disraeli a seu povo no século passado. Eu não falo da forma, mas somente do sentimento que anima seus cidadãos.

A propósito, você é vingativo? É ainda de Disraeli que tomo emprestado o segredo de se libertar de seus inimigos e, por extensão, dos aborrecimentos. Eis o que ele fazia: “Quando um homem me aborrece, eu escrevo seu nome num pedaço de papel e o tranco numa gaveta; é inacreditável ver com que rapidez os nomes assim registrados mergulham no esquecimento” – É divertido, não é? – No entanto eu penso que Freud e sua escola não compartilham da opinião de Disraeli, condenando todo recalque como mecanismo psíquico perigoso.

Como você vai, meu garoto? Tua saúde está excelente como eu queria que ela estivesse? Seu humor está bom? Teu trabalho te satisfaz? Teus amigos te deixam feliz?

Você conhece suficientemente a sua anatomia? Quando você me fala de sua tireoide eu tenho a impressão de que você se engana sobre a localização e sobre as sensações que ela te dá. Não são as cartilagens que você sente sob sua mão? É justamente na adolescência que se desenvolve, normalmente, a cartilagem tireoidiana - pomo de adão – e que contribui provavelmente na mudança da voz, entre outras modificações faringo-laríngeas. A tireoide, glândula, é raramente dura, como você diz, a menos que você tenha um princípio de bócio. Em todo caso passe por um exame com um médico, para mais segurança. Queira fazer isso, por favor, para a minha tranquilidade.

Não é necessário se preocupar com a saúde. Mas de tempos em tempos é bom ver um médico de confiança para seguir seus conselhos, sem pensar muito nisso. Assim que começam a pensar sobre suas funções ou seus órgãos, eles começam a dar uma importância despótica e impedem uma vida orgânica automática, como deve ser um ser saudável e equilibrado.

Quantos dias de férias você tem na Páscoa, e quando começarão suas férias neste ano? Seria gentil se você pudesse vir me buscar de barco. Nós faríamos o percurso da França juntos, se a minha chegada coincidissem com as suas férias.

Uma vespa entrou no meu quarto, e eu me lembro como eu te distraia ou te aborrecia talvez zumbindo no seu ouvido, você se lembra disso?

Minha carta termina. Eu te desejo mais uma vez um ótimo 1937. Sua última carta que eu recebi hoje data de 31 de dezembro de 1936. Porte-se bem, minha cara criança, fisicamente e moralmente, é o que lhe desejo sua velha.

Mamãe que te ama.

Belo Horizonte, 28 de janeiro de 1937.

Rua Britto Mello 516

Meu filho querido,

Eu te envio hoje essa carta somente para te dizer bom dia e para te enviar minha última foto tirada há alguns dias no Instituto. – Você vê como sua velha mamãe envelheceu, como ela está feia, como uma boca desgraciosa e seca. O que você quer, a fisionomia é o cartão de visita da personalidade, disse um conhecedor e, no entanto, tirando-a eu pensei em você, meu filho; então que eu devo ter a expressão mais suave, mais gentil.

A outra representa nossa escada de entrada com nossos dois amigos fiéis: Charik e Danúbio. Esse último você conheceu em Santa Therezinha, você se lembra? É o mesmo. – Os dois não se entendem sempre quando estão juntos, ou então se ignoram mutuamente, até o momento no qual o interesse da barriga sobressai, como foi hoje, por exemplo, quando foi necessária uma grande vassoura para desunir os dois inimigos que se devoravam mutuamente por causa de um osso.

Charik é o privilegiado: ele tem entrada livre na casa, dorme sob o forno e come na cozinha. O grande só tem acesso à escada e à varanda. Ele dorme no jardim e come lá fora, no pátio. O caráter de cada um é bem diferente: Charik é um bobo que late; sua voz forte e arrogante se faz escutar a todo momento, com o passo de cada transeunte, no menor barulho na rua. Ele é mal-educado, pula nas pessoas para lhes mostrar sua amizade ou seu ódio. – Danúbio é calmo, ponderado, corpo delineado e de alma mais nobre. Ele só late quando os eventos merecem que ele abra a sua grande boca de dinamarquês mestiço. – Mas Charik caça bem os camundongos e as baratas e, como guardião é excelente cão de guarda. Nada passa sem que ele perceba, e aí de quem quiser entrar sem nosso conhecimento.

Mas Charik, criança mimada, é amado por todo mundo porque ele é realmente simpático e excessivamente afetuoso.

Danúbio também é um bom e fiel animal. Quando seu mestre ia morrer, Danúbio parecia morrer também, tanto ele parecia triste e quando a morte veio, Danúbio não comeu por dois dias, depois ele desapareceu da casa e passou aproximadamente uma semana Deus sabe onde. Procurava ele seu mestre? Talvez.

Eu quis te escrever apenas duas linhas e já começo a segunda página. Mas eu não tenho nada importante para te dizer hoje, a não ser a manhã que eu passei na Secretaria do Interior, onde o Secretário colocou à minha disposição um bonito gabinete de trabalho e onde, com dois juristas, garotos bem cultos e simpáticos, nós teremos que colocar de pé a Reforma da

Assistência às Crianças. – Eu tenha a impressão que, daqui a algum tempo, as crianças abandonadas de Minas, os delinquentes e os perversos, e os infelizes de toda a espécie vão ter, na pessoa do Governo de Minas, um defensor de seus interesses e dos estabelecimentos apropriados à educação deles. Se isso acontecer um dia, eu terei a impressão de não ter vivido em vão neste mundo o que é, para muitas pessoas um triste vale de lágrimas.

Nesse cômodo além dos escritórios de trabalho, um arquivo, e uma máquina de escrever – há uma bela mesa grande, de madeira nobre do Brasil, em torno da qual nós iremos reunir os diretores das instituições para conferências sobre o modo de transformar (eles mesmos e seus estabelecimentos) em órgãos educativos e não isto que eles são atualmente, coisas indiferentes a todo o progresso e toda à ação humanitária.

Um grande quadro de madeira, ocupando toda a parede, será confeccionado de acordo com meu desenho e receberá os cartões móveis para indicar o movimento de cada uma dessas casas de preservação, de reforma e de regeneração. Veremos de uma única vez quantas crianças estão internadas, qual é a idade delas, a escolaridade e as ocupações. Veremos se todas estão ocupadas em trabalhos úteis, se todas gozam de saúde, quantas estão doentes; quais são as mais resistentes à melhora e, ao contrário, quais são as que progridem rapidamente.

Há ainda um cômodo, uma grande mesa de desenho, onde nós estudaremos com o arquiteto os projetos das novas construções em seus locais naturais.

Isso parece tão bonito que eu tenho medo de que alguma coisa venha nos aborrecer e acabar com o nosso entusiasmo. Mas Deus é grande, dizem os brasileiros, e talvez tudo isso tenha bom resultado e seja coroado por uma obra definitivamente plantada, que nada nem as invejas nem as calúnias poderão destruir, nem mesmo o desânimo e a indiferença.

Fazendo todo esse trabalho, meus pensamentos vão sempre até você, meu garoto. Eu tenho a impressão (e eu sou às vezes vidente) que você será mais tarde meu tão precioso colaborador e continuador, quando eu me for. – Uma vez uma ideia me veio: você poderia, você mesmo, fazer o curso do Instituto J. J. Rousseau de Genebra, onde sua mãe e sua querida tia Marguerite aprenderam, para realizar o trabalho fértil que todas as duas puderam mais tarde realizar. – O Instituto continua a formar boas levas, graças aos excelentes mestres que lá professam. Claparède, Piaget, Bovet, Dr. Branthmay – (infelizmente, o Dr. Godin não pertence mais a este mundo) e outros ensinam suas ciências e transmitem seus saberes com talento e entusiasmo. Talvez, se sua vocação se determinar para o lado das ciências da educação, o Instituto verá, entre seus múltiplos alunos, o jovem Iretzky – Antipoff, [certamente o acolherá

bem e serão mais tarde colhidos os frutos cujas sementes foram semeadas pela Alma Mater].³⁰

– Tchau meu garoto, nos falaremos mais tarde. A máquina não quer mais me obedecer.

Sua mamãe que te ama.

³⁰ Texto incompreensível. Tentativa de tradução.

Belo Horizonte, 7 de março de 1938.

Meu filho querido,

Espero que esta carta chegue até você no dia do seu aniversário, porque eu venho aqui lhe desejar um feliz aniversário e um ano propício para seu desenvolvimento, saúde e sucesso.

Estou muito feliz que o bom Claparède tenha podido lhe passar algum dinheiro. Você não pode imaginar a angústia que este estado de coisas me causava: eu já o via desprovido do estrito necessário e entediado no mais alto grau, pelas questões de aluguel, taxas de estudo etc. Ontem, um de meus amigos que foi para o Rio ficou encarregado de lhe enviar em torno de cinco mil francos. O Banco do Brasil me deu a autorização, mas a dificuldade era de encontrar [uma casa de] câmbio aqui em Belo [Horizonte]; espero que ele consiga e que você tenha ainda um pouco. Eu digo um pouco, pois assim que o dinheiro for recebido eu pedirei à mamãe para reenviar os três mil francos a Claparède.

Eu não faço nenhuma espécie de sacrifício para lhe enviar esse dinheiro: minhas necessidades são limitadas e me resta o suficiente para viver. Nem você, nem mamãe devem se preocupar com essas questões no momento, já que, felizmente, meu estado de saúde e a sorte de ter trabalho me permitem ajudá-los, embora modestamente. O essencial para você atualmente é fazer todo o possível para a sua formação intelectual: não perca tempo com tolices e coisas de pouco valor para o futuro. Ao contrário, tudo o que possa ser útil seja para seus conhecimentos, para seu desenvolvimento intelectual e social, para a sua saúde – é necessário que você o faça sem escrúpulos de nenhuma espécie, pois a melhor maneira de me ser agradável é fazer todo o esforço para aprofundar e aumentar suas capacidades. Eu lamento somente que o que eu lhe envio seja ainda tão pouco.

Eu lamento muito que você não tenha conhecido mais o meu pai. Ele e eu nos sentíamos muito próximos um do outro, apesar da distância que havia, não somente de idade e de estado (adulto e criança) - (oficial, partidário convencido do antigo regime por um lado, e novata pretenciosa com as simpatias evidenciadas pelas reformas sociais; antissemita ao extremo de um lado, e naturalmente liberal nessa questão, de outro) ... mas ainda porque nossas confidências mútuas eram raras e não chegaram a um grau de expansão necessário para que se pudesse dizer: o pai foi o amigo, o guia mais seguro, e para ele a filha foi o apoio, alegria mais profunda. – Mas apesar disso eu tenho a certeza que nós tínhamos, no íntimo, uma possibilidade de sentir, de compreender as coisas de uma maneira idêntica. Uma das lembranças mais agradáveis da minha infância (eu devia ter uns doze anos) – tocar escala musical ao piano numa sala vizinha do gabinete de trabalho de meu pai e saber que essa música, tão simples, lhe dava

prazer. Outra lembrança ainda: a amizade que minhas amigas demonstravam pelo meu pai. Eu tinha amigas muito queridas como aquela que você conheceu sob o nome de Mãe Maria e outras, todas amavam encontrá-lo em nossa casa, conversar, discutir.

Faltava-lhe muito na vida: a verdadeira compreensão e uma intimidade espiritual. Grany, com uma outra arquitetura psicológica, especialmente nesse tempo não podia dá-la, jamais nada pode ter “para ela”. Eram dois seres completamente estranhos e que, longe de se completarem, diminuíam-se mutuamente no contato permanente de um casamento inadequado. – Os dois sofreram.

Certamente você teria aproveitado a companhia dele, sobretudo se você tivesse podido frequentar a casa dele após o drama revolucionário da Rússia. Purificado das tradições, talvez artificiais, as quais ele se dava o dever de compartilhar, enriquecido pela luta da vida inteira e, sobretudo, após ter sofrido como ele sofreu, devido à separação da família, à queda de sua posição social, - ele devia ter forjado para seu uso pessoal uma filosofia de vida, uma sabedoria, porque [era um] homem inteligente inclinado à reflexão, que certamente teria ajudado você a crescer melhor.

Essas duas – três cartas que você tem dele – além de algo imponderável que você tem em si mesmo e a lembrança de alguns dias passados na Crimeia ao lado dele, quando você só tinha quatro anos – é tudo o que lhe resta de seu avô. Já é muito. De minha parte eu conheci apenas duas avós e nenhum avô. – A lembrança e o retrato moral de uma delas, a do lado materno, como uma pessoa de valor moral elevado fazem com que a gente se motive a participar dessa elevação. – Peça à Grany que lhe conte alguns episódios da vida de sua mãe.

A pensão de D. Nina cresceu: além de mim e de uma instrutora do Instituto Pestalozzi, há nesse momento quatro rapazes, três curiosos, cada um com seu caráter: - o mais velho é Fernando – órfão de mãe (sua mãe morreu quando a criança já estava aqui. Contento de vê-lo em tão boas mãos, suas últimas palavras foram para implorar que o deixassem na casa de D. Nina). Seu pai é médico em Viçosa. Cirurgião competente, ele tem um belo Hospital particular que Grany visitou durante sua viagem a Viçosa.

Fernando tem doze anos, mas seu nível mental quase não ultrapassa quatro anos e meio. Ele sofreu uma encefalite na infância, que passou despercebida. Resta-lhe como vestígio um leve estrabismo, que aumenta muito durante as emoções, e esse retardo profundo de inteligência, que é definitivo, como parece: assim durante os quatro anos que eu pude acompanhar essa criança ele não progrediu, na escala de inteligência de Binet – mais do que quatro meses (um mês por ano de idade). Isso é tão insignificante que se torna necessário constatar uma parada definitiva nesse aspecto, a menos que o desenvolvimento na puberdade

influencie sobre a massa cerebral e provoque um movimento evolutivo. Nós esperamos que ele se desenvolva, com uma ansiedade que você pode imaginar.

No aspecto instintivo – impulsões violentas de se apropriar, de dominar, de destruir. Nessas histórias imaginárias, na maioria dos casos, são narrados acidentes mais inverossímeis e macabros. Mais frequentemente, ideias de dementes, com confusão de tudo e de todos, mas submetidas a uma tendência fundamental e profundamente afetiva de destruição, danificação, para que tudo se acabe no nada. Ele parece gozar desse satanismo muito fortemente. É um sádico e o é mais na imaginação do que na realidade.

Socialmente ele fez um progresso muito grande. Também ele sabe bem melhor se controlar e se dobrar às exigências do meio.

Quanto à atividade, ela é exclusivamente lúdica: sempre com jogo. Todo o trabalho lhe é proibido, porque seu estado mental é essencialmente pueril e aquém do que o trabalho exige para a execução mais elementar.

Você teme que as minhas observações sobre os ratos tragam prejuízo aos nossos pequenos seres humanos confiados pelos pais ou pela sociedade. Não, não, minha criança que isso seja possível: eu lhes dedico um sentimento humano muito profundo, uma piedade bem sincera que quer ser ativa, isto é, para realizá-la bem por eles ou para seus pais, frequentemente, absolutamente, inocentes nessa produção monstruosa. Há muitas coisas que os ratos, rigorosamente observados, ensinam para a melhor compreensão da conduta humana. E, eu acredito que já estou suficientemente madura para que essa experiência, no declínio da minha vida, possa em nada mudar minha atitude em relação à criança. – Numa outra vez, eu lhe falarei de outro de nossos pensionistas, fazendo você ver tudo que o trabalho comporta de complexo. Porque este mundo humano, cheio de mistérios, mostra-nos nossos limites e nossos conhecimentos. E para agir sobre ele, nós vemos que as luzes nos faltam para agir com pleno conhecimento de causa: nós tateamos aqui como em outro lugar, todas as vezes que se trata de educar, de corrigir, de ampliar os recursos espontâneos do ser humano.

Sua velha mãe.

Belo Horizonte, 15 de abril de 1938.

Meu querido Daniel,

É por avião que hoje te envio minha missiva. Minha carta, que devia partir no último domingo, só partirá amanhã, sábado – e é esse atraso que me leva a te enviá-la mais rápido. (Aliás, vejo seu beicinho, achando que a economia é a coisa mais sensata. Deixo, entretanto, falar meu coração.)

Semana passada passei por um período de forte depressão: a carta também não saía direito e me deixei levar por uma espécie de sonolência e de inatividade, só gastando energia com as coisas do meu dever profissional. – Mas, desde terça passada, as coisas caminham de outra maneira: a casa ficou de cabeça para baixo: D. Nina gripada e de cama, a casa cheia de meninos (são nove neste momento) e, para completar, Miluca tem crise aguda de apendicite, com perfuração e gangrena: às nove da noite nós a transportamos em ambulância, ao “Pronto Socorro” – para operá-la. Passamos uma parte da noite com ela lá. Felizmente, as coisas vão bem e, apesar do estado bastante grave em que se encontra, ela melhora a olhos nus. Esperamos que nenhuma complicação venha perturbar o bom andamento da convalescência.

Ainda bem que esses acontecimentos se passaram durante a Semana Santa. Desde quarta estamos de recesso até a próxima segunda. – Como prometi a um rapaz (antigo escoteiro que termina este ano o direito e é presidente de um Centro de Estudos Brasileiros) um artigo para uma revista, ainda tive bastante força e gosto para lhe escrever algumas páginas sobre este assunto: Trabalho e lazeres. – Justamente quando eu acabava de terminá-lo, chegava sua carta com a dúvida que você expunha sobre a falta de entusiasmo do Europeu. Ele te dá a impressão de tédio e de cansaço. – Primeiro, é preciso verificar se é realmente o caso para a maioria. Você acha? Muitos jovens que pude observar durante minha estada na Suíça, na Alemanha e na França não me pareceram estar tão atingidos. Lembro-me de ter constatado muito mais na Rússia de antes da guerra, na vida ou através da literatura. Insatisfeitos, censurando o estado político e social, sofriam em ver as misérias que não sabiam ou podiam remediar. Uma espécie de “mal universal”, uma dor pela tristeza dos outros, um mal-estar em se sentir imperfeito, pobre diabo, ao passo que se queria ter a potência de Hércules para vencer a Hidra. Ao examinar mais de perto, é sobretudo o descontentamento consigo mesmo, o sentimento de inferioridade e desequilíbrio entre o que se queria ser e o que se é. – Esse sentimento, quando não leva o homem ao fim, ao vício ou ao suicídio, parece-me mais uma fonte estimulante do que destrutiva ou paralisante. São nesses estados que, de minha parte, percebo algo. Quando me sinto viver toda contente e satisfeita da vida, deslizo automaticamente para as dificuldades, contorno-as.

Ao contrário, a depressão abre a chave para um estado mais reflexivo, mais consciente das coisas. Rumino-as, esterilmente talvez, mas é dessas reflexões de que me sirvo quando a onda remonta e em que me sinto leve e despreocupada.

Aliás você conhece minha tese sobre o valor do sofrimento. Senhorita Graves me taxou de mórbida e me escreveu cartas suplicantes de abandono – espero que este comportamento dela tenha amadurecido. O gago gagueja porque quer falar no ritmo, na velocidade comum, normal, digamos, enquanto seu pensamento, sua elaboração de conceitos e sua construção de frase são relativamente mais lentos do que os dos outros. O gago, para se livrar de seu defeito acredita, em vão, que sua respiração é que é falha. Às vezes ela é, mas esse defeito é secundário. Sua articulação, que ele acreditaria deficiente, também não o é. E, ainda que for, será um defeito ainda secundário. Seu principal defeito é a lentidão mental, bem como o pensamento caótico, a inteligência verbal lógica e racional debilitada, enfraquecida. E, em geral, apresentam uma grande emotividade, um amor-próprio reduzido e um desejo talvez diminuído. – O que é preciso é muita serenidade, uma sabedoria filosófica, eu diria, muita calma para encarar seus defeitos reais e vencê-los pelo método mais eficaz. O conselho que se dá aos gogos é de falar muito lentamente, desacelerar consideravelmente o ritmo da locução e, por outro lado, fazer um esforço para desenvolver a linguagem (não a palavra), apagar o vocabulário, treinar com exercícios fáceis, mas bem-feitos, de descrição, de definição, de narrativa simples etc.

Meu Daniel querido, espero que compreenda bem o que trato de compreender eu mesma, e que nenhum sentimento de inferioridade venha nem sequer a te entristecer, nem te irritar. Felizmente, você tem um razoável desejo e com ajuda dele, que não faremos!? Frequentemente, um defeito orgânico é a origem das grandes capacidades e realizações, quando a vontade firme, a consciência tranquila e uma simplicidade de costumes e de vida vêm corroborar para o mesmo fim: perfeição de si mesmo. Demóstenes, dizem, foi gago. É conhecido ao longo de séculos como orador de primeira ordem, pois o quis ser. A história nos diz que esse homem não mediu seus esforços: era visto horas e anos, talvez, a se exercitar, sozinho, na praça ou no mar a gritar, às ondas, sons, palavras, frases, discursos, enfim, para chegar ao maior sucesso da arte oratória. O exercício metódico, racional, bem apropriado aos defeitos que tratamos de compreender a fundo e na essência mesma – é quase sempre coroado de êxito. Tal seja a natureza humana sempre capaz de progresso e de desenvolvimento, quando toda a personalidade, toda a inteligência e todo o caráter se põem em pleno acordo.

Se os acontecimentos políticos não obscurecerem a civilização da Europa, se a França ainda puder gozar da paz, as escolas continuarão seu trabalho e aquela em que você se sente bem te virá, creio eu, em auxílio, para a formação de sua inteligência. – Tenho profundo pesar

de não ter podido de dar, já em meu ventre, a facilidade com a qual alguns de seus camaradas fazem seus estudos. Mas tenho a certeza de que, em outras questões, você tem vantagens que talvez esses mesmos camaradas não possuam. Então, não se entristeça muito, meu filho. E não se esqueça de fazer seu melhor, até a última migalha do seu desejo. Você será recompensado, te garanto. Com isso, seja simples, sábio, filósofo. Há sempre na vida belas saídas quando procuramos sinceramente as melhores.

Você recebeu o dinheiro enviado no início do mês de março? Acho que são 5.500 francos, os 3 contos e meio foram pelo câmbio do dia.

Um terno abraço a você e a Grany.

Sua velha mãe.

Belo Horizonte, 15 de agosto de 1938.

Meu querido Daniel,

É com impaciência que espero a primeira carta de sua estada no Loire, junto a suas crianças e como monitor.

As notícias alarmantes que nos trazem os jornais europeus nos fazem temer fortemente um novo conflito mundial. E, então, cada vez mais a convicção afirma-se de que o melhor a fazer é deixar este continente antes que a tragédia se inicie realmente. Se isso ocorrer, será difícil deixar o país e vir para o Brasil, pois as massas vão se precipitar e será uma fuga.

Estamos fazendo castelos no ar ⁽³¹⁾. Gostaríamos de ampliar nosso trabalho do Instituto Pestalozzi; construir uma Clínica Endocrinológica (para crianças com retardo, nervosas ou indisciplinadas) com distúrbios glandulares - Na verdade, é a grande maioria de nossas crianças. Haveria bastante trabalho para você nisso lá, pois pensamos em uma casa nos arredores de Belo Horizonte, em uma "chácara", pequena zona agrícola.

Envio o folheto da Escola de Viçosa. E depois algo de melhor: um trecho de um verso de René Maran (autor da *Batuala* - de origem negra) que acho, com (senso) crítico, digno de atenção e de admiração.

Meu Daniel, espero então sua carta com uma impaciência enorme. Quando você terminará seu serviço com as crianças, e em que momento você recomeçará seus preparativos para o vestibular?

Gostaria de te enviar ainda um pouco de dinheiro, mas nem você, nem vovó estando em Paris, temo que ele viaje sem encontrar vocês. Onde anda Grany neste momento? Gostaria também de lhe enviar uma carta. - Penso, com gratidão, todos os dias nela: aqui fazia frios de cão e as manhãs ainda continuam a ser frias, quando desço para tomar meu banho na casa vizinha, onde mora D. Nina com uma parte das crianças. É então à noite, sobretudo, quando trabalho no meu escritório, que aprecio meu robe cor de cereja que Grany fez para mim na minha saída da Clínica.

Continuamos muito bem. E esperamos estar ainda melhor, se Deus quiser.

Desculpe-me o vazio desta carta. E receba meu beijo bem afetuoso.

Sua velha mamãe.

³¹ A expressão: *bâtir des châteaux en Espagne* significa fazer castelos no ar.